MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO
CENTRO DE MEMÓRIA DO MUSEU JUDAICO

TRABALHO FINAL DO EDITAL “TRANÇAS DA MEMÓRIA"

ALICE ROSENTHAL

COMO O DROR CONTRIBUIU PARA INSCRIÇÃO DA INTELECTUALIDADE EM SEUS PARTICIPANTES EM MEADOS DO SÉCULO XX

São Paulo
2024

Essa pesquisa se deu por incentivo do edital *Tranças da Memória*, ofertado pelo Museu Judaico de São Paulo. A proposta visava entrelaçar memórias e intersecções da sociedade brasileira com a comunidade judaica. Visto que o Habonim Dror é um movimento que uniu grandes líderes e nomes para a sociedade brasileira, ele foi eleito para ser explorado como centro de formação de um ambiente judaico e progressista.

Para a pesquisa foram utilizadas: (i) entrevistas orais; (ii) fontes primárias que são os documentos originais preservados no Centro de Memória do Museu Judaico; (iii) livros que tangem às temáticas abordadas, ou seja, fontes secundárias.

Os aspectos históricos e psicossociais foram aprofundados e mostram a existência singular do movimento. Para isso, muitos autores de referência foram utilizados, de modo a incluir uma metalinguagem, visto que o objeto de investigação e os autores que tratam do tema podem ser o mesmo: intelectuais judeus e de esquerda. Os entrevistados, antigos participantes do movimento Habonim Dror, são pessoas que se dispuseram a relatar sua experiência durante a juventude no movimento e o impacto que isso causou em sua subjetividade e intelectualidade. São eles:

Quadro 1 - Entrevistados para a pesquisa

Abreviação	Nome	Descendência
V	Vittorio Corinaldi	Milão, Itália
S	Silvio Hotimsky	Rússia/Polônia
NJ	Noemi Jaffe	Iugoslávia
LF	Luiz Felipe Pondé	Suiça/Holanda
H	Helena Camerini	Milão, Itália
B	Bernardo Kucinski	Polônia
A	Abrão Slavutzky	Rússia/Ucrânia
SC	Suzana Chwarts	Rússia/Ucrânia
R	Rubens Volich	Bessarábia/Ucrânia
M	Marcos Chusyd	Polônia/Ucrânia
I	Isaac Sztutman	Polônia
D	Daniel Kupermann	Bélgica/Polônia
AM	Avraham Milgram	Polônia

E	Enio Rechtman	Polônia
N	Nachman Falbel	Galícia, Polônia

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante revelar as descendências, o local de origem, pois este trabalho mostra algo de uma transgeracionalidade que é preservada. O início do manuscrito aborda a história da Europa Central e da Europa Oriental, valores que são mantidos e serão discutidos, uma vez que o agrupamento de jovens discute pautas sionistas e socialistas do fim do século XIX e XX. Além disso, a história do povo judeu é rememorada, sendo a mesma dos antepassados dos sujeitos em questão.

Além dos dois capítulos mais amplos que buscam responder à pergunta “como o Dror contribuiu para a inscrição de uma intelectualidade em seus participantes?”, há uma síntese final, que entrelaça a relação do judaísmo com esse movimento. Sendo assim, três âmbitos são contemplados: a história ideológica e política, a adolescência e o fenômeno da identidade grupal e o judaísmo em sua faceta mais progressista. Os três capítulos que visam a contar essa história são atravessados por memórias e relatos afetivos, referências bibliográficas e documentos que comprovam as informações aqui trazidas. São entrelaçadas três fontes: primárias, secundárias e relatos orais.

Boa leitura!

4.12.1 O(A) OUTORGADO(A) é responsável por garantir que em toda publicitação de materiais (incluindo páginas na Web), caso ocorra, que resultem total ou parcialmente da Bolsa objeto deste instrumento, exceto artigos científicos publicados em revistas científicas ou técnicas com revisão por pares, conste a seguinte declaração de responsabilidade: "As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão do Museu Judaico de São Paulo".

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que me deparei na vida *tnuati,* que proporcionaram trocas, ensinamentos, convívios, crises, choros, brigas e risadas.

Um agradecimento aos laços interestaduais estabelecidos e hoje estáveis, mesmo que distantes: Camila, Luana e Dalia, a conexão Rio-São Paulo nunca se fez tão presente e sólida.

Sem a iniciativa do meu amigo Tomer, eu talvez nunca saberia o que é o Dror e nunca teria solucionado tantas crises adolescentes e tão definidoras da minha identidade de hoje. E essa pesquisa nunca teria acontecido. Obrigada pela insistência e convite.

Ao Tomer e Thomas, que foram meus irmãos, mesmo sendo filha única.

Aos meus amigos do *Snif* São Paulo: Marina, Thomas, Tomer, Yoni, Tomer W., Ilan, Daniel e tantos outros que marcaram fortemente os sábados da minha adolescência e a importância de lutar para que o Dror continuasse com vida e movimentado.

A todos que foram meus *chanichim* e *madrichim* e possibilitaram o elo transgeracional perdurar nessa tradição histórica que é o Dror. Serão meus eternos educadores.

Aos meus pais, que toparam embarcar comigo nessa doideira que é participar de movimento juvenil judaico, permitindo as idas às *machanot* sem adultos, apenas jovens.

Moshe Sharett, que auxiliou não só financeiramente, mas também moralmente e que continua, ainda hoje, acreditando e investindo nos sonhos de jovens judeus de fazerem transformações sociais possíveis e debates enriquecedores.

À minha *shichvá*, que me acolheu, mesmo não tendo ido para o *Shnat* e que possibilitou trocas importantes para as discussões e reflexões constituintes acontecerem.

Às amigas de fora do Dror que viveram as minhas ausências de sábado e de férias, mas apoiaram essa militância em todos os momentos, inclusive nesta pesquisa: Maria, Luiza, Maria, Fernanda e Antonia.

A todos os entrevistados desta pesquisa que doaram seu tempo e energia para resgatar as mais remotas memórias sobre a juventude.

A todos os leitores, que escolheram ler este trabalho. Que vocês possam saborear e mergulhar um pouco nesse universo da *tnuá*.

Ao Museu Judaico de São Paulo, que como instituição judaica humanista, viabilizou a existência dessa pesquisa e que é guardião da memória e dos 25 mil documentos sobre o Dror, em seu arquivo.

À Linda e à Roberta, que se dedicaram no apoio desta pesquisa.

Ao Habonim Dror, que permite o crescimento de tantos jovens que, assim como eu, desfrutaram de liberdade e responsabilidade ao longo de anos. Que possibilitou encontros nacionais, identificações extraordinárias e laços eternos. Que significou o meu judaísmo e que semeou a proatividade e autonomia que em mim habitam. Que deixou a adolescência mais interessante e com mais significado.

SUMÁRIO

1 CONDIÇÕES HISTÓRICAS QUE PROPICIAM A EXISTÊNCIA DO DROR NO BRASIL 6

1.1 As tais das tnuot: Os movimentos juvenis judaicos 13

1.2 Os primeiros anos do movimento no Brasil 18

2 CONDIÇÕES PSICOSSOCIAIS QUE INFLUENCIARAM A EXISTÊNCIA SINGULAR DA TNUÁ 36

2.1 Dror: O lugar de perguntas ou de respostas? Responsabilidade ou liberdade? 38

3 A MEMÓRIA COMO ÂNCORA DA IDENTIDADE 66

3.1 A vida a fora dos participantes entrevistados e a marca do Dror em sua história 71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 78

GLOSSÁRIO 80

1 CONDIÇÕES HISTÓRICAS QUE PROPICIAM A EXISTÊNCIA DO DROR NO BRASIL

A perseguição aos judeus ao longo da história provocou valores e práticas subsequentes desse fenômeno. Nesta pesquisa, será abrigado um panorama que visa a caracterizar a Europa Oriental em contraposição à Europa Central, enfocando em dois eventos mais específicos que se relacionam à opressão desse povo: (i) os *pogroms*, atos de violência a uma comunidade, em geral no *shtetl* (aldeia judaica); (ii) a Segunda Guerra Mundial. Esses eventos refletem a posição dos judeus em cada uma dessas sociedades, cada qual em seu contexto e conjunturas específicas.

A relação dos judeus com o socialismo é algo antigo. Em 1898, há uma primeira tentativa de formação de partido socialista russo (Coggiola, 2015, p. 167). Dos nove representantes e defensores dessa ideia, seis eram judeus e faziam parte do Bund (União Judaica Trabalhista de Rússia, Polônia e Lituânia), um partido socialista que reunia o operariado judeu. Além de marginalizados economicamente, dada a sociedade de classes que se forma após a industrialização do território, os judeus eram excluídos e ensimesmados em uma cultura própria e isolada, não eram religiosos, mas sim secularizados. Cultuavam a língua iídiche, originária da cultura asquenazita na Idade Média, uma junção de hebraico, germânico e dialetos modernos do Leste Europeu. Bernardo Kucinski em suas respostas às perguntas da entrevista, explica:

> *B: O socialismo é datado, surge numa determinada época e contexto que coincidem com uma era de recrudescimento dos pogroms no Império Russo, o que fez com que contingentes numerosos de jovens judeus aderissem aos vários matizes socialistas; e fez com que o próprio sionismo, nessa fase adquirisse tonalidade socialista.*

Tais judeus trabalhistas acreditavam que, uma vez atingido o socialismo, uma condição mais igualitária seria implementada não apenas em sua forma econômica, mas também em relação às diferenças culturais que seriam superadas. No entanto, aqueles que compunham o Partido Trabalhista Judeu afirmavam sua posição antissionista. O antijudaísmo sempre persistiu no czarismo, extremamente cristão, e é na metade do século XIX, quando a industrialização ocorre e evidencia as classes sociais, que os judeus são obrigados a procurar saídas para terem uma vida melhor. Afinal, se isolar no *shtetl* como forma de proteção passa a ser insustentável. Quando o agrupamento judaico se torna concentrado, os ataques de violência, *pogroms*, são realizados contra elas. Como confere Deutscher em seu livro *O judeu não judeu*:

> Na Europa Oriental, grandes massas de judeus, milhões deles viviam em comunidades compactas, separados de sua vizinhança não judia. Êsses guetos não eram formais; os judeus podiam sair e alguns iam realmente embora. Eles, entretanto, viviam em comunidades fechadas, vestiam roupas diferentes — completadas com as barbas, cachos no cabelo — falavam sua própria língua, desenvolveram sua própria cultura, sua própria literatura. O conhecimento que tinham da língua polonesa e do russo era sempre menor do que o rudimentar. Sua língua continuava o iídiche (Deutscher, 2003, p. 59).

Nesse sentido, alguns judeus optaram por imigrar para países ocidentais. Mais de 2 milhões de judeus saíram da Rússia entre 1880 e 1920 (Neto, 2019), também para as Américas. Outros seguiram e acreditaram no sionismo como saída, o que consistia no povo ter seu Estado Judeu, na Palestina, ideia que eclode com o livro de Herzl, “O Estado Judeu”, em 1896. Havia ainda um terceiro grupo, os revolucionários, que pretendiam ficar no Leste Europeu e constituir uma militância política comunista que englobasse a emancipação do povo judeu naquele território, como é o caso do Bund.

Um único movimento socialista, intitulado “Poalei Tzion”[1], ainda que pequeno, tentou conciliar o sionismo e o socialismo. Depois, em 1905, tal movimento se torna um partido na Palestina que, futuramente, se divide entre os partidos MAPAI e MAPAM. Este era alinhado à teoria de Ber Borochov, que conclui a partir dessa emigração generalizada da Europa Oriental de judeus que a questão judaica só seria solucionada com um Estado próprio. Mas este território — Palestina/Israel — não poderia consistir em relações de classe entre trabalhadores e capitalistas, pois isso significa cultivar um sistema de exploração do operariado. Sua ideia, no entanto, era também em atender a condição econômica material dos judeus da diáspora e, principalmente, dessa grande parcela do povo que se via oprimida na Europa Oriental, tanto econômica como culturalmente. De volta à Deutscher, isso é enfatizado no livro supracitado,

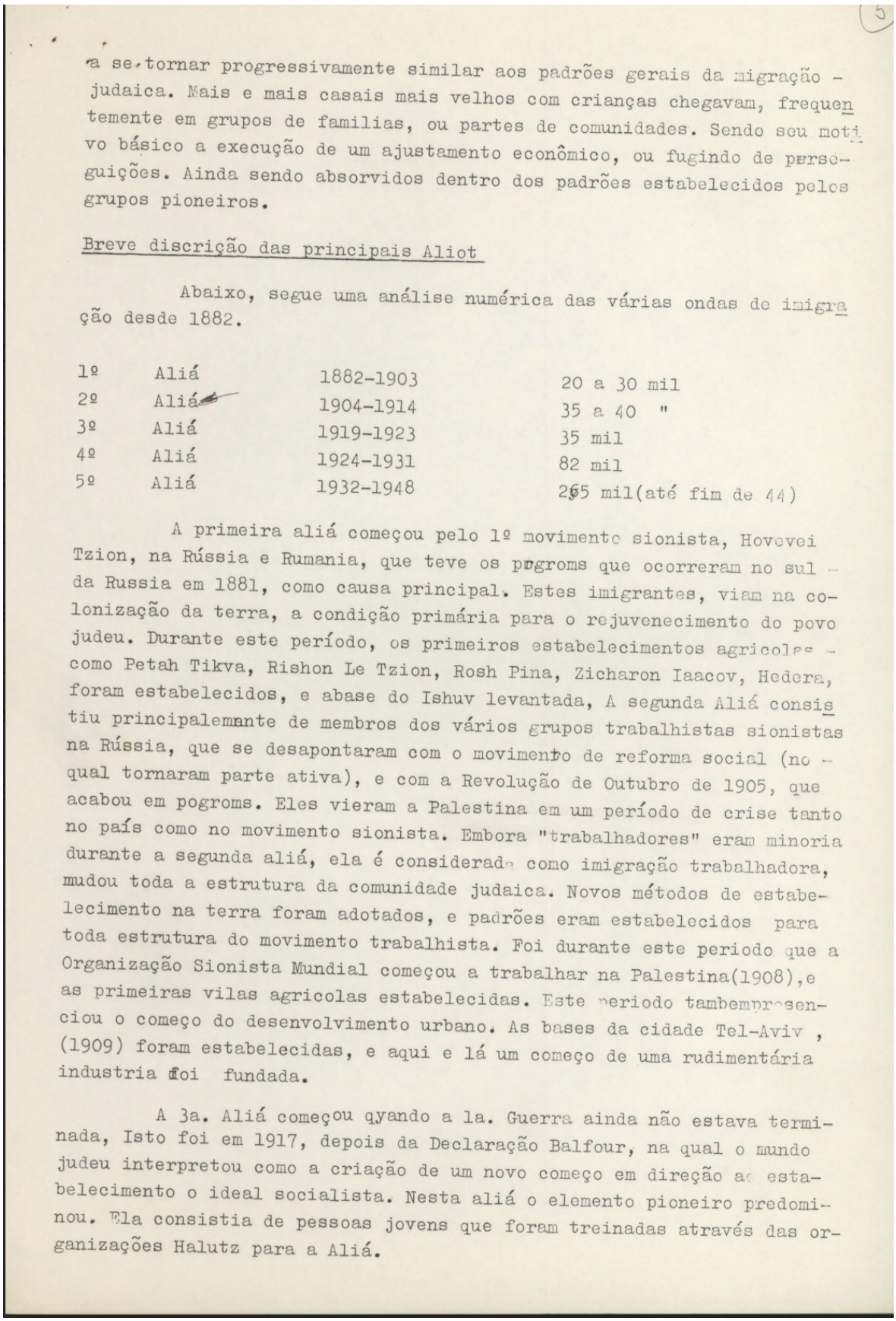
> É certo que, também no Leste, tínhamos uma burguesia judaica, mercadores e comerciantes. Mas a grande maioria constituía-se de pobres trabalhadores, artesãos primitivos, sapateiros, alfaiates, carpinteiros e o que vulgarmente se chamava de metalúrgicos (Deutscher, 2003, p. 58).

As *alliot*, isto é, idas para Israel — na época, Palestina —, são classificadas em cinco ondas, de acordo com a historiografia de Eisenstadt, que consta no fundo institucional da *tnuá* no Arquivo do Museu Judaico de São Paulo.

---

[1] Tradução: *Trabalhadores de Sião.*

Figura 1 - Números da imigração de cada Aliá



a se tornar progressivamente similar aos padrões gerais da migração judaica. Mais e mais casais mais velhos com crianças chegavam, frequentemente em grupos de familias, ou partes de comunidades. Sendo seu motivo básico a execução de um ajustamento econômico, ou fugindo de perseguições. Ainda sendo absorvidos dentro dos padrões estabelecidos pelos grupos pioneiros.

Breve discrição das principais Aliot

Abaixo, segue uma análise numérica das várias ondas de imigração desde 1882.

1º	Aliá	1882-1903	20 a 30 mil
2º	Aliá	1904-1914	35 a 40 "
3º	Aliá	1919-1923	35 mil
4º	Aliá	1924-1931	82 mil
5º	Aliá	1932-1948	265 mil(até fim de 44)

A primeira aliá começou pelo 1º movimento sionista, Hovevei Tzion, na Rússia e Rumania, que teve os pogroms que ocorreram no sul da Russia em 1881, como causa principal. Estes imigrantes, viam na colonização da terra, a condição primária para o rejuvenecimento do povo judeu. Durante este período, os primeiros estabelecimentos agricolas como Petah Tikva, Rishon Le Tzion, Rosh Pina, Zicharon Iaacov, Hedera, foram estabelecidos, e abase do Ishuv levantada, A segunda Aliá consistiu principalemnte de membros dos vários grupos trabalhistas sionistas na Rússia, que se desapontaram com o movimento de reforma social (no qual tornaram parte ativa), e com a Revolução de Outubro de 1905, que acabou em pogroms. Eles vieram a Palestina em um período de crise tanto no país como no movimento sionista. Embora "trabalhadores" eram minoria durante a segunda aliá, ela é considerada como imigração trabalhadora, mudou toda a estrutura da comunidade judaica. Novos métodos de estabelecimento na terra foram adotados, e padrões eram estabelecidos para toda estrutura do movimento trabalhista. Foi durante este periodo que a Organização Sionista Mundial começou a trabalhar na Palestina(1908),e as primeiras vilas agricolas estabelecidas. Este periodo tambempresenciou o começo do desenvolvimento urbano. As bases da cidade Tel-Aviv , (1909) foram estabelecidas, e aqui e lá um começo de uma rudimentária industria foi fundada.

A 3a. Aliá começou qyando a la. Guerra ainda não estava terminada, Isto foi em 1917, depois da Declaração Balfour, na qual o mundo judeu interpretou como a criação de um novo começo em direção ao estabelecimento o ideal socialista. Nesta aliá o elemento pioneiro predominou. Ela consistia de pessoas jovens que foram treinadas através das organizações Halutz para a Aliá.

Fonte: Arquivo do Museu Judaico de São Paulo.

Essas ondas de imigração para a Terra Santa é algo relevante para a análise deste trabalho. Em 1882, quando acontece a primeira onda de *aliá*, são promulgadas as “Leis de Maio” no território russo, que propunham uma legislação discriminatória que ordenava o afastamento dos judeus e o impedimento deles ocuparem bairros ou cidades. Isso perdurou até 1917 e, mesmo com a Revolução de 1905, os efeitos não foram satisfatórios a ponto de acabar com os *pogroms*. É apenas na Revolução de 1917 que os judeus adquirem a emancipação civil (Arendt, 2016), ou seja, passam a ser reconhecidos como cidadãos.

Já a segunda *aliá* foi, em grande parte, constituída pelo grupo de trabalhadores sionistas da Rússia, também motivados pela decepção com a Revolução de 1905. Foi um momento em que as vilas agrícolas começaram a se estabelecer.

A terceira *aliá*, por sua vez, ocorre em meados da Primeira Guerra Mundial, logo após a Declaração de Balfour “na qual o mundo judeu interpretou como a criação de um novo começo na direção ao estabelecimento o ideal socialista” (Eisenstadt, 1967, p. 67), em que o governo britânico acaba facilitando o estabelecimento de um lar nacional judaico.

As *alliot* eram constituídas por jovens que participavam dos treinos agrícolas e também industriais e de construção civil (Eisenstadt, 1967) e que eram influenciados pela ideologia da rebelião que atraiam grupos de jovens de forma a se prepararem ideologicamente e socialmente para a *aliá* socialista, pioneira e kibutziana. Nesse sentido, é necessário pontuar já de antemão, que o projeto de *aliá* não se fez por acaso e nem em meados do século XX, mas que teve seu início ainda no século XIX, com um molde específico que iria inspirar aos movimentos juvenis judaicos a realização do povo judeu ter seu próprio lar. Tais ideologias já existiam como embrião e característica da construção de um novo Estado. A tradição judaica de atribuir e elaborar significados para suas ações é algo característico do povo e que poderá ser observado nas gerações posteriores que dão continuidade a tal movimento de ocupação sionista socialista do Estado (*kibutzim*).

Antes de avançar no século XX, é necessário um panorama do que vinha acontecendo, de forma concomitante, na Europa Central, a intitulada *mitteleuropa*, que segundo o historiador Michel Löwy (2020, p. 1),

> designa uma área geográfico-cultural e histórica unificada pela cultura germânica: a Alemanha e o Império Austro-Húngaro. Durante o período que vai da metade do século XIX até 1933, a comunidade judaica da Europa Central conheceu uma floração cultural extraordinária.

Segundo Arendt (2016), os judeus eram párias até 1869, ano em que ocorreu a revogação das restrições aos judeus na Prússia. Os primeiros judeus a terem benefícios foram aqueles que se ligaram ao rei Frederico II, no século XVIII, como usurários e coletores de impostos, Arendt explica:

> Vivendo fora da lei e ainda assim completamente integrados na vida econômica do mundo ao seu redor, a posição especial dos judeus dentro do povo alemão era tão difícil e controversa que eles guardavam características de uma casta embora tivessem deixado de sê-la há muito tempo (Arendt, 2016, p. 220).

Eram cidadãos, ao mesmo tempo que não eram, relacionavam-se antes do século XVIII como uma casta, apenas entre eles mesmos. Aqueles judeus afortunados, conseguiam garantir uma residência, como remonta a filósofa judia novamente:

> Na Prússia, na Áustria e, em certa medida, na França, a política em relação aos judeus acaba com o gueto, transforma em dicotomia geográfica a disparidade social que o gueto conhecia, a disparidade entre ricos e pobres (Arendt, 2016, p. 237).

Com a rápida industrialização da Prússia na virada do século XIX para o XX, algumas disparidades socioeconômicas passaram a ser evidentes. O contexto era de uma nova potência industrial, o que acontece em menor grau na Áustria, Hungria e Tchecoslováquia. O resultado disso é a ascensão de uma burguesia e a formação de um proletariado. A burguesia passa a ocupar um lugar crescente nos negócios, no comércio, na indústria e nos bancos. É nessa mesma época que ocorre o desabrochar da burguesia judaica, que deixa os guetos e busca a modernidade e a urbanização. O dado trazido por Löwy (2020, p.89) é que em 1867, 70% dos judeus da Prússia viviam em pequenas aldeias e, já em 1927, apenas 15% permanecem em territórios rurais.

A recompensa ao judeu de corte e de dinheiro era a emancipação, o que significava adquirir direitos civis. Isso garantiu uma certa assimilação: infusão dos judeus em ramos diversos da economia do país, além do aculturamento dos judeus, que se secularizou e passam a desejar o pertencimento à cultura germânica. É dada origem a uma "classe média judaica". Contudo, o historiador Michel Löwy nos relembra que a assimilação não foi total ou completa:

> Ela chocava-se também contra a exclusão de fato de uma série de domínios: a administração, o Exército, a magistratura, o magistério — e sobretudo, a partir de 1890, contra um crescente antissemitismo, que tem seus ideólogos,

> seus ativistas, sua imprensa. Por todos esses motivos, as comunidades judaicas na Europa Central não são realmente integradas pela sociedade que as cerca (Löwy, 2020, p. 33).

Ou seja, os judeus eram assimilados até certo ponto, mas eram impedidos de ascender completamente uma vez que os cargos públicos altos e oficiais não podiam ser ocupados por aqueles de ascendência judaica.

Os judeus da Europa Central, até os primeiros anos do século XX, então, ocupavam uma condição contraditória: ao mesmo tempo que rezavam e cultuavam o judaísmo dentro de casa, vestiam-se e andavam nas ruas como alemães, austríacos e franceses, de forma a se vincular com a cultura cosmopolita. Todavia, ainda assim eram rejeitados e apartados nas entrelinhas, de maneiras mais sutis.

A lógica de assimilação cultural desperta um desejo de pertencimento maior pelas vias que são possíveis visto que essas conjunturas barravam a ascensão plena. O caminho possível para isso passava a ser o envio de seus filhos à universidade. O historiador de referência no tema Löwy (2020, p.78) tem dados de que, em 1895, 10% dos judeus já estavam na universidade. Como expõe Shlomo Avineri sobre esta faceta dos judeus no século XIX:

> E os judeus atingiram uma proeminência muito além dos seus números dentro da vida intelectual destas cidades. Universidades, faculdades e escolas atraíram um número cada vez maior de judeus em suas atividades. Os judeus alcançaram posições de destaque no jornalismo, literatura, música, ciência, pintura, filosofia e psicologia (...) (Avineri, 2010, p. 13).

O pensador justifica isso a partir do iluminismo, da repercussão da revolução francesa e da ascensão do liberalismo.

Uma nova categoria e parcela dos que constituem a intelectualidade passa a ser composta por aqueles de identidade judaica. Isso acaba contribuindo para o deslocamento da posição do judeu como “pária”. Eles se introduziram na atmosfera cultural que nascia juntamente da modernidade, Arendt (2016, p. 525) nota que “a cultura, como compreendemos hoje, fez sua aparição muito recentemente e surgiu a partir da secularização da religião e da dissolução dos valores tradicionais”.

Abdicar dos valores culturais próprios da religião acaba circunscrevendo tais judeus em algum lugar na era moderna. Antes de adentrar nesse quesito, é preciso notar que, até então, os judeus não ocupavam lugar nenhum. Estavam sempre nas fronteiras, não se faziam pertencentes a nenhum lugar, justamente porque viviam na fronteira de diferentes civilizações. Deutscher explicita isso ao se referir a este povo:

> Nasceram e se criaram nas fronteiras de várias épocas. Amadureceram onde se cruzavam as mais diversas influências culturais, fertilizando-se umas às outras. Viviam nas margens, nos cantos, ou nas fendas de suas respectivas nações. Cada um deles estava na sociedade, ou fora dela, pertenciam-lhe ou não. Foi isso que lhes possibilitou elevar o pensamento acima de suas sociedades, suas nações, suas épocas, seus contemporâneos e expandir-se mentalmente para novos horizontes e para o futuro (Deutscher, 2003, p. 29).

Para ele, o destaque e a relevância intelectual de alguns judeus se deram justamente pelo pensar universal, internacional, de modo a aumentar a análise para algo que abrangesse toda a humanidade.

Por mais que houvesse uma tentativa de assimilação e o cosmopolitismo dos intelectuais de origem judaica, ela nunca foi total. Isso serviu para que “alguns definissem sua judeidade, positiva ou negativamente” (Fuks, 2003, p. 92). Ao judeu foi conferido um lugar de estrangeiro, sendo aquele que não pertence e, justamente por isso, talvez seja o mais capacitado de um olhar mais amplo, o que os leva a lugares de significância, como é o caso de Einstein, Freud e Marx, além de muitos outros. A condição de ler e escrever é muito anterior a entrada nas universidades, como expõe na entrevista oral, Luiz Felipe Pondé:

> *LF: Deus quer, Deus pede que você seja Santo como todo mundo sabe, mas também que você seja inteligente e quanto mais você exercita inteligência mais feliz Deus fica de ver você sendo inteligente, capaz de relacionar ideias, contrapor ideias, mudar de posição*
>
> *E: Quer dizer, o próprio exercício religioso é um exercício intelectual também.*
>
> *LF: Exatamente isso é aquela velha história de que era difícil ter analfabeto, sendo judeu porque você não podia ser religioso, né? Então esse vínculo direto mesmo, com a escrita e a leitura né? Como e também é comum no ambiente intelectual. Não sei se você já ouviu isso, mas isso provavelmente já ouviu, a justificativa para ter tanto intelectual judeu na Europa, quando as Universidades começam a se abrir aos judeus e a ideia de que os judeus tomar aos universitários de assalto e todos os nomes que a gente conhece, né? Ao longo do, principalmente, do século 20, final dos 19, 20, antes da segunda guerra… porque, os judeus viram o ambiente extremamente letrado, né, de leitura, de estudo de reflexão e entraram na universidade então entraram como se já dominassem a gramática sabe? Então começaram a ocupar os espaços.*

Suzana Chwarts, diretora do Centro de Estudos Judaicos da USP, completa:

> *S: Porque são visionários, porque querem mudar o mundo, o que que Marx queria? uma ideia Messiânica, o que que Freud queria uma ideia Messiânica. Eu quero um mundo. Eu quero um mundo unido. Eu quero um mundo melhor. Eu quero o mundo com mais compreensão. Eu quero um mundo mais feliz. Esse é o Ethos dos judeus, não é que eu quero que "Alice Rosenthal seja feliz, eu quero que Alice E todos os seus vizinhos sejam" então eu vou criar algo como um marxismo.*

É interessante pensar que o povo judeu, ao longo de sua história, teve um percurso de errância e exílio e, portanto, se configurou como um estrangeiro em tanto em sociedades remotas quanto contemporâneas. Mas há uma importância que o povo confere a seu lugar, que é marcado pelo Antigo Testamento. Seguem exemplos: “não ofendereis o estrangeiro, nem o oprimireis, pois fostes estrangeiros nas terras do Egito” (Êxodo, 22:21) ou “não falsificarás o julgamento do estrangeiro, do órfão, e não atentarás contra as vestes da viúva. E te lembrarás de que foste escravo no Egito. Eis por que te ordeno respeitar o estrangeiro” (Fuks, 2017). Freud irá explorar o conceito de *unheimlich* que seria o oposto daquilo que é familiar e conferiria aquilo que assusta e ameaça o sujeito, justamente por conta de desconhecer aquele Outro, diferente. Nesse sentido, os judeus, diferentes e, portanto, estrangeiros, acabaram exercendo um papel de oposição aos nativos, sendo desterritorializados dentro de uma nação.

1.1 As tais das tnuot: Os movimentos juvenis judaicos

Neste cenário, parte da Polônia que conhecemos hoje fazia parte do Império Austro-Húngaro, que se dissolveu em 1918. É na segunda década do século XX que surge o primeiro movimento juvenil judaico, chamado *Blau Weiss*, que significa “azul e branco”, em 1912. Segundo o livro *Até o último Suspiro!* (Dolensky; Katz, 2021*)*, as *tnuot* surgiram justamente em função da impossibilidade e proibição da aderência dos movimentos juvenis locais que se originaram na atual Alemanha. O movimento Wandervogel tinha caráter ideológico antiburguês e também escotista, e alguns judeus até compunham o grupo, mas quando parte do grupo se assume antissemita, o acesso daqueles de origem judaica é barrado. Essa parte se une à Juventude Hitlerista depois, em 1933.

O professor Nachman Falbel comenta sobre a origem do movimento juvenil judaico sionista em sua entrevista oral:

> *N: Na verdade é um fenômeno europeu cujo início se deu no final do século XIX, na Alemanha,com o surgimento do movimento juvenil denominado Wanderfogel [pássaro errante]. Sua ideia central estava no reconhecimento da juventude como uma etapa de vida com valores*
> *próprios, e que exigia uma mudança radical no rígido e opressor tradicional sistema educativo alemão. Era essencialmente um movimento romântico que valorizava o contato com a natureza e a convivência fraternal e correta entre as pessoas na conduta social. No entanto, os jovens judeus não eram admitidos, o que levaria a criação de seus próprios movimentos juvenis. Nesse tempo o movimento sionista já estava presente. De início o movimento juvenil judaico não se definiu como sionista, mas como movimento juvenil a semelhança do Wanderfogel e do movimento escoteiro fundado por Baden Powell.*

> *O movimento sionista passa a ter uma influência forte a partir do inicio do século XX, e tem uma influência significativa sob o aspecto ideológico nesses primeiros movimentos.*
>
> *Esses movimentos se formaram na Europa Central, Alemanha, Áustria, Checoslováquia, em geral, sob o nome Blau Weiss, mas não somente sob esse nome. O mesmo aconteceu na Europa Oriental, em parte sob a influência de partidos políticos sionistas-socialistas. Portanto o movimento juvenil foi fruto inicial da ideia, ou concepção, que valorizava a idade da adolescência e juventude, considerando-a apta a participar com uma visão própria das questões sociais e nacionais judaicas.*

Depois dessa *tnuá*, a geração de jovens judeus que viviam no gueto, nas aldeias judaicas e atingidos pelo antissemitismo não era suficiente para pertencer. Então, passaram a criar seus próprios movimentos, *tnuot noar*, ou seja, movimento juvenil. O Dror que será abordado nessa pesquisa tem sua fundação oficial em 1917 na Galícia, Polônia, porém depois expandiu suas sedes para outros territórios. Os jovens judeus que o compunham faziam acampamentos e encontros para exercitar debates entre si, sobre política, filosofia e assuntos que tangenciavam o interesse dos mesmos. O Dror se via vinculado como juventude do partido Poalei Tzion, que se fundou logo após o pronunciamento do Bund contra o sionismo na primeira década do século XIX entre o que entendemos hoje por Ucrânia e Rússia. Além disso, tinha como um grande líder Ber Borochov, fundador da teoria sionista socialista. Influenciados por este pensamento, os *chaverim* (membros do movimento) tinham como ideal a prática do sionismo socialista, o que seria, na prática, a criação de *kibutzim* em um Estado Judeu. Como consta no livro *Até o último suspiro!*:

> Criavam *kibutzim* (casas onde funcionava o movimento), onde simulavam sua vida na Palestina por um ou dois anos. Naqueles lugares, o trabalho da terra, o sustento com seus próprios meios, a segurança e o aprendizado do idioma hebraico eram questões de seu dia-a-dia (Dolensky; Katz, 2021, p. 18).

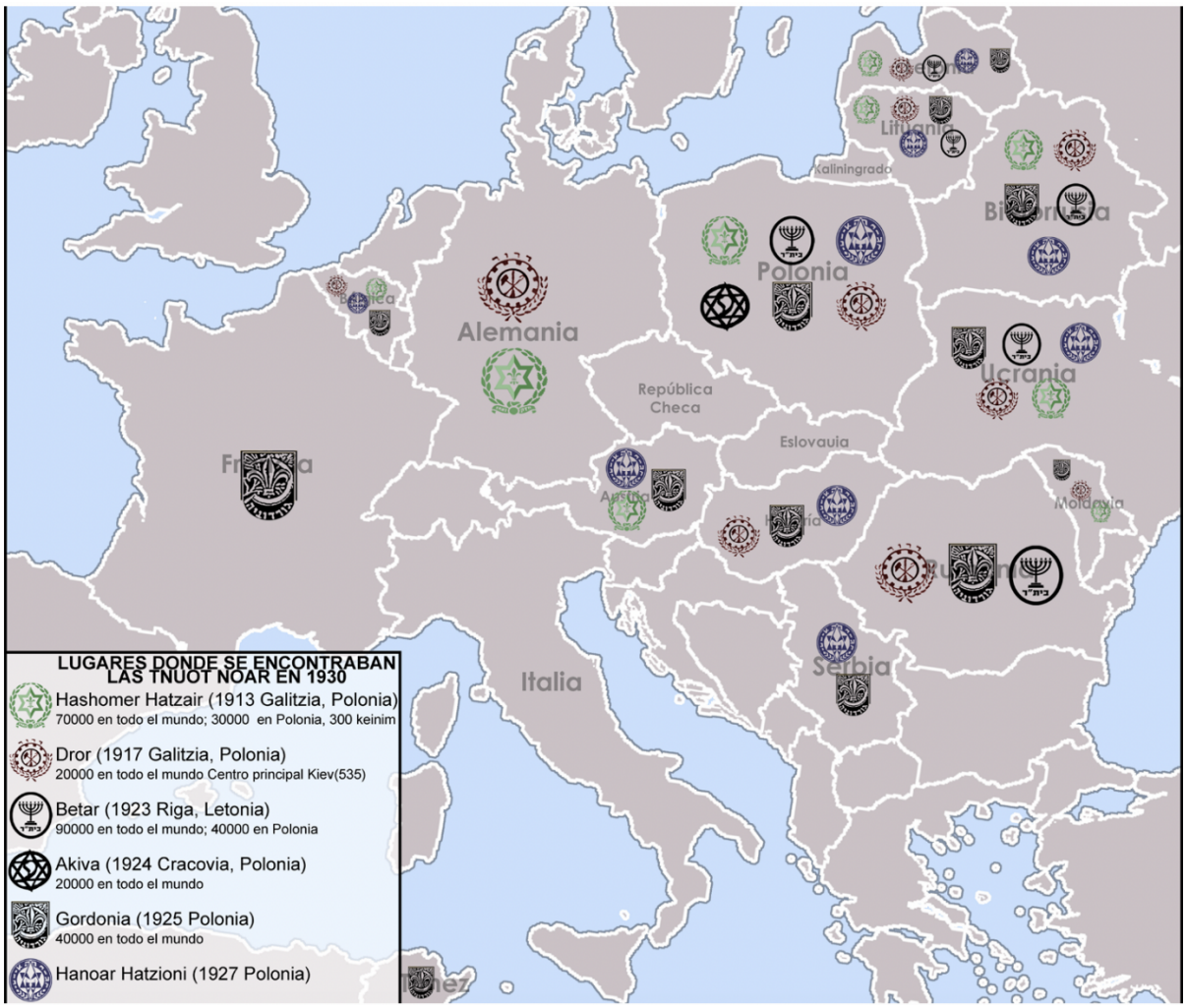
Na Polônia, em Varsóvia, havia uma quantidade de judeus relevante, que compunham 30% da população geral da cidade, onde o Dror, especialmente, teve uma participação significativa. As *tnuot* continham um público que os nazistas procuravam e perseguiam: além de judeus, eram socialistas. A Polônia, em 1939, sob o pacto Ribbentrop-Molotov, foi dividida. Sua parte leste foi ocupada pelos soviéticos e a oeste pelos alemães. Sendo assim, alguns judeus se encontravam submetidos ao regime nazista e outros sob o regime comunista soviético, ambos países decretaram a

proibição da *tnuá*. A URSS tinha como principal argumento o internacionalismo, sendo o nacionalismo contrário à sua ideologia.

Os dirigentes do Dror e do Hashomer se unem para planejar a atividade clandestina de disseminar a informação de que as *tnuot* se encontravam ativas e tinham como objetivo auxiliar a população judaica que se encontrava em condições restritas e precárias devido às Leis de Nuremberg, publicadas em 1935. Esse conjunto de leis que definia quem era alemão ou não, proibia o casamento interracial entre alemães e judeus e, em concepções nazistas, protegiam os arianos.

É possível observar no mapa abaixo que os movimentos também se encontravam na Alemanha. E, durante o nazismo em vigor, as *tnuot* continuavam exercendo encontros ideológicos de caráter religioso e nacional.

Figura 2 - Mapa das tnuot no ano de 1930.



Fonte: Dolensky, Katz (2010).

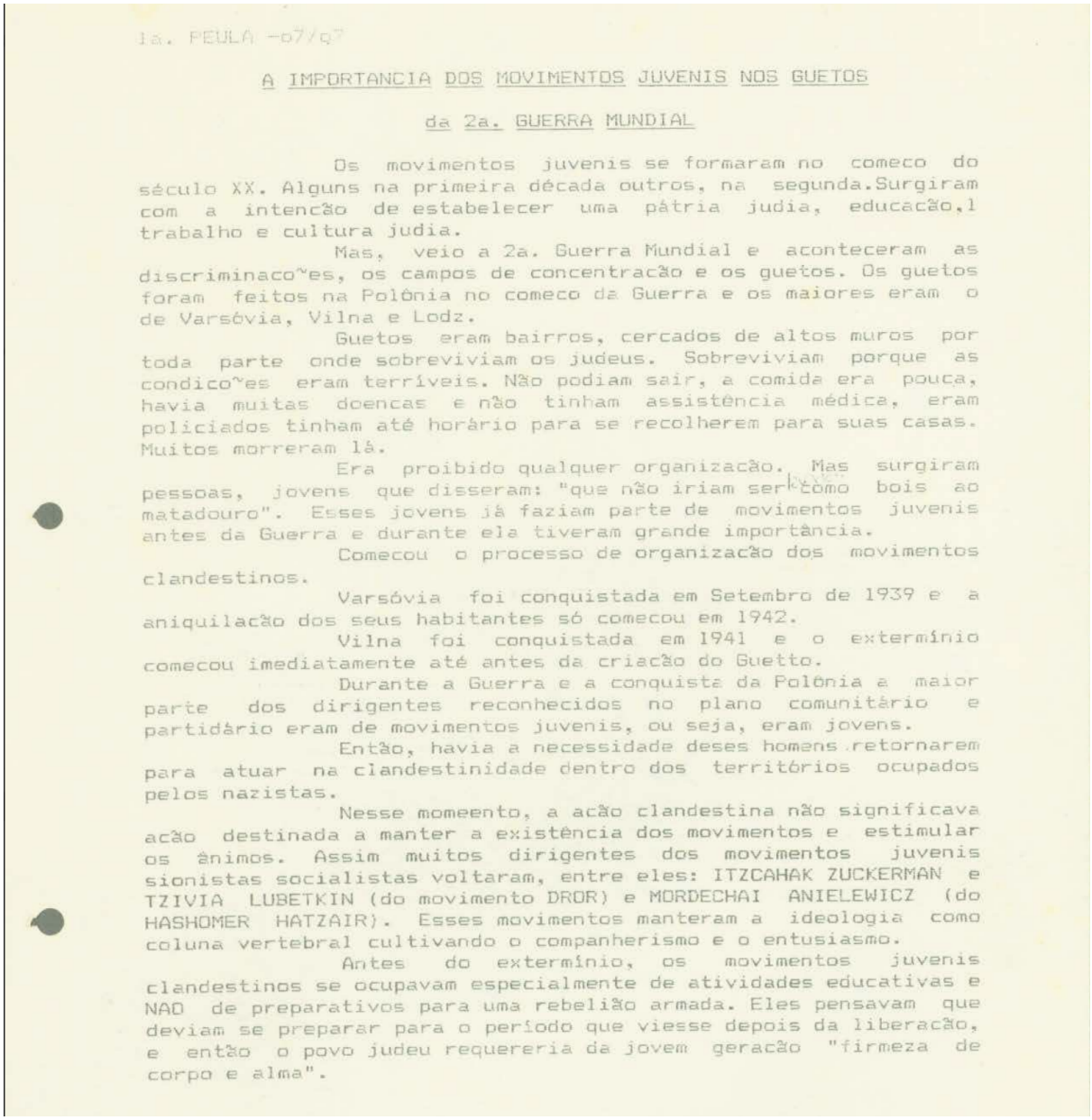
Considerando o avanço do antissemitismo, essas *tnuot noar* foram uma válvula de escape para um antissemitismo crescente. A possibilidade de estar em grupo, entre iguais, é algo empoderador para um jovem que tem sua identidade negada e rechaçada pelo Estado, as *tnuot* "encarregavam-se de agrupar os judeus expulsos das organizações sócio esportivas, oferecendo-lhes um lugar de ajuda espiritual" (Dolensky; Katz, 2021, p. 22). A atuação das *tnuot* se deu como forma de resistência àquilo que os judeus vinham passando, pois escreviam e circulavam jornais próprios uma vez que a autoridade estatal havia impedido a circulação dos meios de comunicação oficial para judeus. Isso significou, também, um primeiro exercício da atividade intelectual material de produção autoral desses jovens.

Tzvia Lubetkin e Frumka Plotnicka foram duas pessoas importantes, participantes do Dror, que vão à Varsóvia, onde tinha o Ginásio Hebreu do movimento juvenil Dror. Nele, havia um colégio clandestino, em que muitos já órfãos frequentavam. O conhecido Janusz Korczak se aproximou deste espaço e colaborou com ele. No livro *Até o Último Suspiro,* diz "No Ginásio, estudavam-se os conteúdos regulares da escola secundária polonesa, com ênfase em história e cultura, socialismo, a história do movimento operário, a história de Israel e o idioma hebraico" *(Dolensky; Katz, 2021, p.32)*. Essa era uma forma de resistência: preservar os valores da identidade judaica em meio a opressão. Dentre muitas ações solidárias, o Dror com suas iniciativas se destacou no Gueto de Varsóvia:

> A fervorosa militância de nossos jovens companheiros, que, arriscando constantemente suas vidas, entregavam-se por completo ao movimento, despertava sentimentos de admiração no seio da juventude que, até então, estivera distante de nós. Nasceu nessa juventude uma nova esperança e a aspiração de uma vida diferente, vendo-se atraída pelo trabalho. A criação e o crescimento de centros trouxeram consigo um amplo e vigoroso trabalho cultural-educativo. Advertimos de imediato que o número de instrutores com que contávamos era insuficiente para atender as massas de jovens que ansiavam por estar junto a nós (Grossman, 1990, p. 307).

Está na gênese do movimento juvenil a atuação política e coerente com os valores judaicos herdados. Com a proatividade e o senso comunitário dessa juventude, foi possível que o Dror deixasse suas marcas na história da Segunda Guerra Mundial e começassem a aspirar o espírito kibutzianos e um Estado Judeu. Essa história foi rememorada pelos *chaverim* e o conteúdo sobre o tema se encontra no acervo do Centro de Memória:

Figura 3 - Material do Dror utilizado para estudo das tnuot durante a Segunda Guerra



1a. PEULA -07/07

A IMPORTANCIA DOS MOVIMENTOS JUVENIS NOS GUETOS

da 2a. GUERRA MUNDIAL

Os movimentos juvenis se formaram no comeco do século XX. Alguns na primeira década outros, na segunda.Surgiram com a intencão de estabelecer uma pátria judia, educacão,1 trabalho e cultura judia.

Mas, veio a 2a. Guerra Mundial e aconteceram as discriminaco~es, os campos de concentracão e os guetos. Os guetos foram feitos na Polônia no comeco da Guerra e os maiores eram o de Varsóvia, Vilna e Lodz.

Guetos eram bairros, cercados de altos muros por toda parte onde sobreviviam os judeus. Sobreviviam porque as condico~es eram terríveis. Não podiam sair, a comida era pouca, havia muitas doencas e não tinham assistência médica, eram policiados tinham até horário para se recolherem para suas casas. Muitos morreram lá.

Era proibido qualquer organizacão. Mas surgiram pessoas, jovens que disseram: "que não iriam ser como bois ao matadouro". Esses jovens já faziam parte de movimentos juvenis antes da Guerra e durante ela tiveram grande importância.

Comecou o processo de organizacão dos movimentos clandestinos.

Varsóvia foi conquistada em Setembro de 1939 e a aniquilacão dos seus habitantes só comecou em 1942.

Vilna foi conquistada em 1941 e o extermínio comecou imediatamente até antes da criacão do Guetto.

Durante a Guerra e a conquista da Polônia a maior parte dos dirigentes reconhecidos no plano comunitário e partidário eram de movimentos juvenis, ou seja, eram jovens.

Então, havia a necessidade deses homens retornarem para atuar na clandestinidade dentro dos territórios ocupados pelos nazistas.

Nesse momeento, a acão clandestina não significava acão destinada a manter a existência dos movimentos e estimular os ânimos. Assim muitos dirigentes dos movimentos juvenis sionistas socialistas voltaram, entre eles: ITZCAHAK ZUCKERMAN e TZIVIA LUBETKIN (do movimento DROR) e MORDECHAI ANIELEWICZ (do HASHOMER HATZAIR). Esses movimentos manteram a ideologia como coluna vertebral cultivando o companherismo e o entusiasmo.

Antes do extermínio, os movimentos juvenis clandestinos se ocupavam especialmente de atividades educativas e NAO de preparativos para uma rebelião armada. Eles pensavam que deviam se preparar para o período que viesse depois da liberacão, e então o povo judeu requereria da jovem geracão "firmeza de corpo e alma".

Fonte: Centro de Memória, Museu Judaico de São Paulo.

É necessário pontuar a participação também no Levante do Gueto de Varsóvia, em 1943. Quando os nazistas entraram no gueto, os participantes de *tnuot*, dentre eles cinco do Dror, se mobilizam e combatem de forma díspar, dado que os inimigos possuíam um aparato militar capaz de realizar um genocídio, como o fez com o bombardeamento do Gueto.

Alguns dos pais dos futuros participantes da *tnuá* tinham algum vínculo com o Poalei Tzion ou então com o Bund, o que denuncia um vínculo antigo desses jovens com a ideologia progressista judaica.

1.2 Os primeiros anos do movimento no Brasil

Com a grande evasão forçosa de judeus da Europa com o advento do nazismo, muitos recorrem ao Brasil como local de refúgio. A *tnuá* Dror no Brasil, para ser compreendida, deve perpassar pela Argentina, local no qual havia líderes importantes oriundos do Dror polonês. Destaca-se como o referencial mais próximo o Dror da Argentina, que tinha uma grande comunidade e contava com um líder do Poalei Tzion, Moshé Kostrinski. Como Nachman Falbel recorda:

> *N: N. O contato do Sul com São Paulo e Rio de Janeiro foi imediato. Um grupo de jovens do Rio de Janeiro foi influenciado pelo líder do Poalei Tzion argentino, Moshe Kostrinski.*
>
> *E. E foi morar no Rio de Janeiro?*
>
> *N. Não, ele veio como sheliach do partido.*
>
> *N. O nosso partido Poalei Tzion aqui no Brasil, em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, dava cobertura ao movimento, apoiando-o sob vários aspectos, em especial nas campanhas que por vezes o movimento promovia para atender suas necessidades financeiras.*

Na América Latina, em 1934, ocorreu a Instalação do Dror Hechalutz em Buenos Aires, por influência europeia. A cidade era uma extensão europeia devido à grande imigração para lá. Como Dov Tsamir explica em *Fragmentos de Memória:*

> A Argentina era para o Dror do Brasil um modelo a ser imitado. Na chefia do movimento argentino achavam-se líderes importantes oriundos da Polônia que estabeleceram o movimento argentino segundo padrões conhecidos do Dror polonês. A comunidade judaica Argentina era numerosa e rica em cultura e escolas judaicas, e tinham a percepção de ser a continuação natural do judaísmo europeu (Tsamir, 2010, p .41).

E só 11 anos depois há a fundação do Dror em Porto Alegre, em 1945, data que marca o fim da Segunda Guerra Mundial e também a queda de Getúlio Vargas, que como já estudou Carneiro (2001), provocou ações antissemitas no Brasil, seja restringindo a vinda de refugiados da guerra, seja se alinhando aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Em 1946, jovens do recém-nascido *Snif* Porto Alegre vão para a Argentina e têm um seminário ideológico que propunha oferecer instrumentos e fundamentos para a condução do movimento no Brasil.

O pós-guerra para a comunidade judaica foi avassalador: era necessário entender o que havia acontecido com os semelhantes daqueles que sobreviveram.

Extremamente fragilizadas e sensibilizadas pelo assunto, as comunidades judaicas diaspóricas buscavam se integrar e se agrupar de forma a se protegerem.

> *N: O forte motivo foi a consciência do que ocorreu com o judaísmo europeu durante a Segunda Guerra Mundial. Durante os anos da guerra pouco se sabia da tragédia que acometeu o povo judeu. Somente pouco antes de seu término, em maio de 1945, veio à tona a verdadeira dimensão do Holocausto, o que abalou fortemente as comunidades judaicas e sua juventude.*

No livro *Fragmentos de Memória*, Dov Tsamir (2010, p.27), *chaver* conhecido como fundador da *tnuá*, conta um pouco do seu processo de aproximação do judaísmo através do material de leitura que encontra no Centro Hebreu Brasileiro e passa a ser um assíduo estudante da questão judaica e do Estado sionista. Falbel relembra:

> *N: O Centro Hebreu Brasileiro foi uma associação importante para a formação da juventude a ela afiliada. Mas ainda que alguns de seus membros fossem imigrantes, a grande maioria eram filhos de imigrantes.*
>
> *[...] Já existiam grupos de jovens em certos bairros da cidade, como Vila Mariana, e o Centro Hebreu Brasileiro estava interessado em afiliar esses grupos ao Centro. Nesse sentido, ele foi uma incubadora importante para as lideranças dos movimentos juvenis que surgiriam a partir de 1945. Tanto o Dov Tsamir, um dos líderes centrais do Dror, como os líderes do Hashomer Hatzair de São Paulo saíram do Centro. Este último expandiu-se nos anos da guerra uma vez que era legalizado como uma associação neutra, sem caráter político, não definida como sionista. Desse modo, num período no qual o sionismo foi proibido no Brasil, ele obteve a permissão do governo brasileiro para continuar atuando. Sua localização no Bom Retiro foi decisiva para atrair a juventude do bairro judaico por excelência. Além do caráter social- cultural o Centro tinha como finalidade precípua participar durante os anos da guerra nas campanhas para ajuda material em favor aos judeus na Europa.*
>
> *Lamentavelmente a história do Centro Hebreu Brasileiro ficou perdida, apesar de ter tido um papel fundamental na criação dos movimentos juvenis, uma vez que seus líderes iniciais tiveram sua formação básica nessa associação e foi dela que saíram para atuarem nos movimentos juvenis após-guerra. O meu contato com o Centro Hebreu Brasileiro se deu quando eu participava no movimento escoteiro Avanhandava, e a sede da Avanhandava no bairro da Lapa, uma garagem da residência de um de nossos escoteiros, dividia o local com o grupo de jovens do Centro. O grupo do Centro recebia conferencistas da associação central do Bom Retiro. Foi em uma dessas conferências que conheci o Dov Tsamir (Bernardo Cymring) que veio para dar uma palestra. Nesse período de expansão dos movimentos juvenis a intenção de certos conferencistas era proselitista, um modo de atrair jovens aos seus respectivos movimentos. As conferências giravam sobre temas judaicos, aspectos históricos, Eretz Israel, e fundamentalmente sobre o movimento sionista.*

Dov menciona seu contato com os participantes da Casa do Povo, que tinham um posicionamento parecido com o do Bund: o comunismo internacionalista como

solução do problema dos judeus. Muitos desses eram vinculados ao Partido Comunista Brasileiro, que tinha acabado de sair da condição de ilegalidade.

A primeira aproximação de Dov com as *tnuot*, foi por convite dos *chaverim* do Hashomer Hatzair, em que pediram para que ele esclarecesse o pensamento sionista socialista. Ele criticou os participantes do movimento pois estavam se aproximando da ideia comunista e isso os levaria para a assimilação. "Meu objetivo era evitar que aquelas pessoas magníficas se incorporassem ao partido comunista em vez de trazê-las para o sionismo. Demonstrei muito respeito e empatia com eles" (Cymeryng, 2010, p. 40). Como Nachman Falbel explica em sua entrevista, o Centro Hebreu foi o primeiro local de contato entre jovens judeus, onde emergiu Dov como palestrante:

> *N: N. A sede do Centro Hebreu, à rua Prates, 93, passou a ser a sede do movimento "Dror".*
>
> *E. Era o mesmo lugar?*
>
> *N. Sim, o mesmo lugar, porque o edifício passou a pertencer à comunidade. O Centro Hebreu acabou por se desfazer, uma vez que grande parte de seus membros sentiram que o surgimento dos movimentos juvenis com ideologias definidas tornou a associação desnecessária. A guerra já havia terminado, o Estado Judeu havia surgido e a Organização Sionista já era uma entidade legalmente reconhecida possibilitando aos antigos afiliados do Centro Hebreu continuarem na militância político-partidária sionista. Outros optaram por uma militância comunista judaica na assim denominada Casa do Povo [Folks-hois].*
>
> *Devo lembrar que entre os ativos membros do Centro Hebreu se destacou a figura de Abraão Zaidens, que se tornou orientador do grupo da Lapa. Os meus irmãos passaram a frequentar o Centro Hebreu na Lapa, que de fato surgiu espontaneamente ainda antes, sob o nome de Associação da Juventude da Lapa. O mesmo aconteceu em outros bairros de São Paulo, como na Vila Mariana, ou no Brás, onde já havia uma comunidade organizada e uma escola judaica, a "Luiz Fleitlich." A aglutinação étnica passou a ser um fenômeno comum nos grandes centros urbanos como de São Paulo e no caso judaico a diferenciação religiosa em relação às demais etnias e origens promoveu na época a formação das comunidades de bairros.*

O contato do Dror de Porto Alegre foi estabelecido com Dov, que fora convidado para o Congresso Nacional do movimento. A dúvida sobre o movimento se filiar perdurou, até que ele se alinhou e identificou-se ideologicamente com os *chaverim* do Dror, também devido ao apoio que o Hashomer dava para a União Soviética, que Dov não aprovava. Neste início, Dov descreve a *tnuá* recém iniciada em São Paulo da seguinte forma:

> O movimento Dror que encontrei em São Paulo era mais um clube de intelectuais, judeu e sionista, com membros altamente qualificados, mas sem qualquer compromisso com aliá* e pioneirismo. O Dror, na visão de seus integrantes, não era um movimento educativo realizador (Milgram, 2010, p. 43).

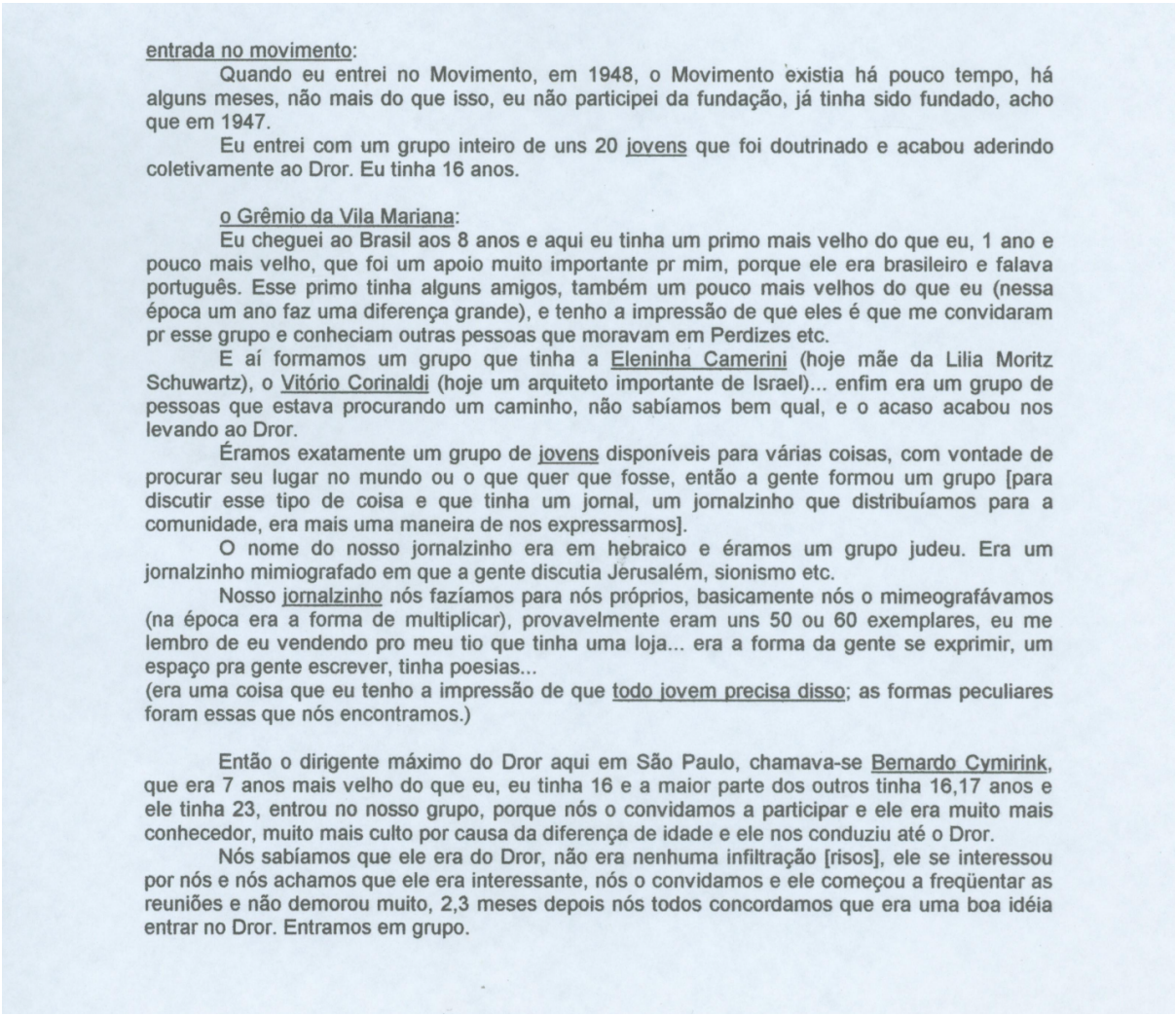
Na entrevista realizada para essa pesquisa com Vittorio Corinaldi, um dos primeiros *chaverim* do Dror, ele explica que:

> *V: O que acontece naqueles anos, que foi logo após guerra e tudo que vinha acontecendo com os remanescentes dos campos de extermínio e todo esforço para a criação do Estado de Israel, começou a se formar grupos de jovens, um deles foi esse grupo que não era só da Vila Mariana não. Mas foi um grupo de jovens que por conhecimentos anteriores se agruparam e começaram a ter atividades sociais culturais em volta da problemática do momento.*
>
> *E: Mas por conta de morar no mesmo bairro?*
>
> *V: Não, não, era um por conhecimentos anteriores, de atividades. Havia um grupo que se formou ao redor de gente que frequentava a CIP, que não era a casa da Juventude da CIP, era um grupo chamado Shalshelet. E outros que vinham de outras fontes que se conheciam já e se agrupam no grupo de nome de Achdut.*
>
> *E: E quem que fazia parte?*
>
> *Vittorio: O Paulo Singer, eu não sei quem mais você conhece, a Mira Perlov…*

No Centro de Memória do Museu Judaico, onde se encontram os arquivos do Fundo Institucional Habonim Dror, também é possível encontrar o material utilizado por Carla Pinsky, escritora do livro *Pássaros da Liberdade,* que foi sua tese de mestrado e é um grande compilado do cotidiano e relato de experiências vividas no movimento. Dentre as entrevistas feitas pela autora, pode-se encontrar a entrevista com os dois nomes mencionados por Vittorio. Esta imagem abaixo, se refere a um relato de Paul Singer, que ratifica a questão bairrista explicitada por Falbel:

> *E: Então as kvutzot eram divididas por bairros?*
>
> *N: N. O proselitismo e a mobilização dos jovens judeus, era feito nas comunidades de bairros, espalhados na cidade de São Paulo, o que levaria a formação das kvutzot locais.*

Figura 4 - Entrevista de Paul Singer retirada do acervo de Carla Pinksy



entrada no movimento:

Quando eu entrei no Movimento, em 1948, o Movimento existia há pouco tempo, há alguns meses, não mais do que isso, eu não participei da fundação, já tinha sido fundado, acho que em 1947.

Eu entrei com um grupo inteiro de uns 20 jovens que foi doutrinado e acabou aderindo coletivamente ao Dror. Eu tinha 16 anos.

o Grêmio da Vila Mariana:

Eu cheguei ao Brasil aos 8 anos e aqui eu tinha um primo mais velho do que eu, 1 ano e pouco mais velho, que foi um apoio muito importante pr mim, porque ele era brasileiro e falava português. Esse primo tinha alguns amigos, também um pouco mais velhos do que eu (nessa época um ano faz uma diferença grande), e tenho a impressão de que eles é que me convidaram pr esse grupo e conheciam outras pessoas que moravam em Perdizes etc.

E aí formamos um grupo que tinha a Eleninha Camerini (hoje mãe da Lilia Moritz Schuwartz), o Vitório Corinaldi (hoje um arquiteto importante de Israel)... enfim era um grupo de pessoas que estava procurando um caminho, não sabíamos bem qual, e o acaso acabou nos levando ao Dror.

Éramos exatamente um grupo de jovens disponíveis para várias coisas, com vontade de procurar seu lugar no mundo ou o que quer que fosse, então a gente formou um grupo [para discutir esse tipo de coisa e que tinha um jornal, um jornalzinho que distribuíamos para a comunidade, era mais uma maneira de nos expressarmos].

O nome do nosso jornalzinho era em hebraico e éramos um grupo judeu. Era um jornalzinho mimiografado em que a gente discutia Jerusalém, sionismo etc.

Nosso jornalzinho nós fazíamos para nós próprios, basicamente nós o mimeografávamos (na época era a forma de multiplicar), provavelmente eram uns 50 ou 60 exemplares, eu me lembro de eu vendendo pro meu tio que tinha uma loja... era a forma da gente se exprimir, um espaço pra gente escrever, tinha poesias...
(era uma coisa que eu tenho a impressão de que todo jovem precisa disso; as formas peculiares foram essas que nós encontramos.)

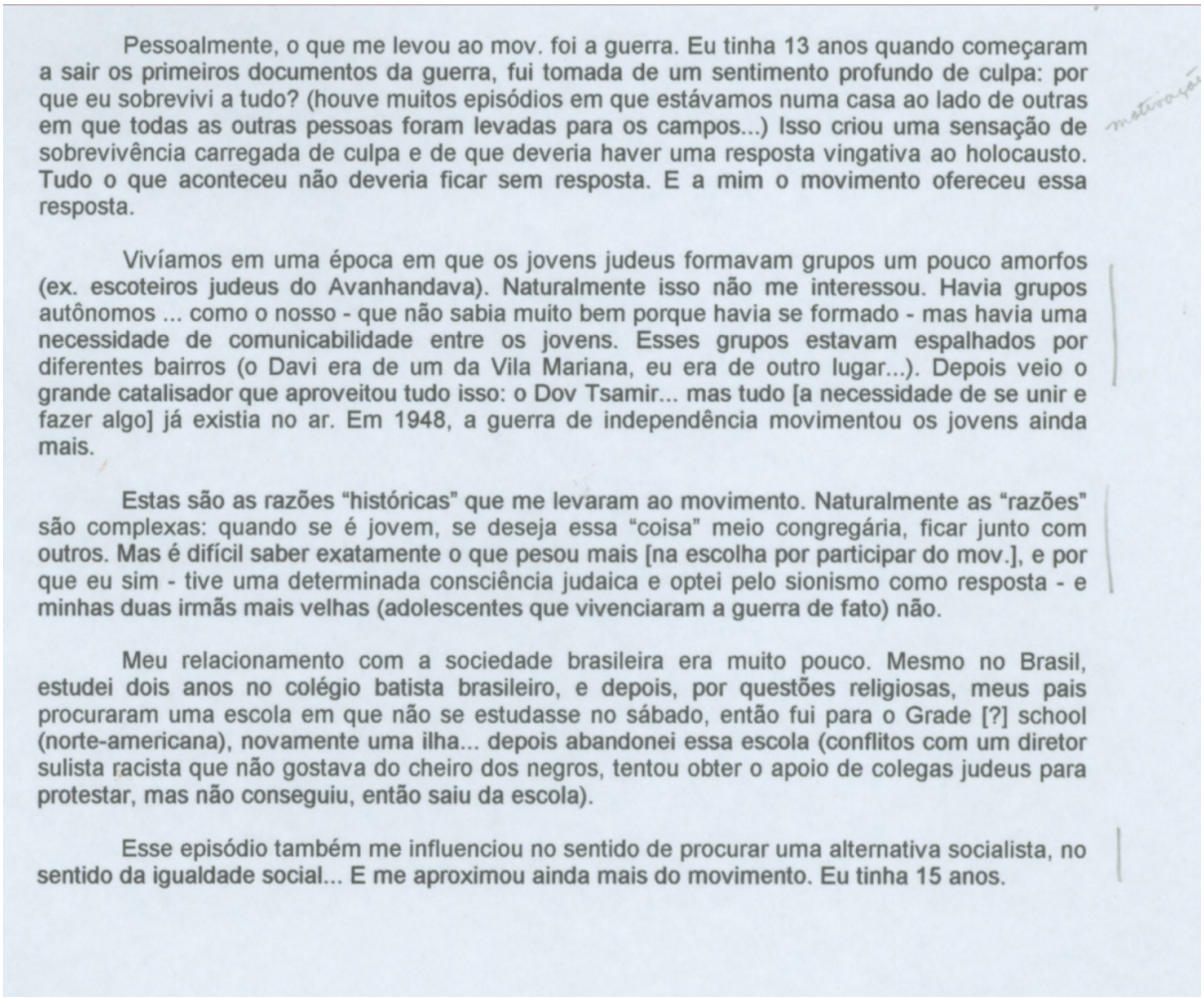
Então o dirigente máximo do Dror aqui em São Paulo, chamava-se Bernardo Cymirink, que era 7 anos mais velho do que eu, eu tinha 16 e a maior parte dos outros tinha 16,17 anos e ele tinha 23, entrou no nosso grupo, porque nós o convidamos a participar e ele era muito mais conhecedor, muito mais culto por causa da diferença de idade e ele nos conduziu até o Dror.

Nós sabíamos que ele era do Dror, não era nenhuma infiltração [risos], ele se interessou por nós e nós achamos que ele era interessante, nós o convidamos e ele começou a freqüentar as reuniões e não demorou muito, 2,3 meses depois nós todos concordamos que era uma boa idéia entrar no Dror. Entramos em grupo.

Fonte: Centro de Memória, Museu Judaico de São Paulo.

E o de Mira Perlov:

Figura 5 - Entrevista de Mira Perlov para Carla Pinsky



Pessoalmente, o que me levou ao mov. foi a guerra. Eu tinha 13 anos quando começaram a sair os primeiros documentos da guerra, fui tomada de um sentimento profundo de culpa: por que eu sobrevivi a tudo? (houve muitos episódios em que estávamos numa casa ao lado de outras em que todas as outras pessoas foram levadas para os campos...) Isso criou uma sensação de sobrevivência carregada de culpa e de que deveria haver uma resposta vingativa ao holocausto. Tudo o que aconteceu não deveria ficar sem resposta. E a mim o movimento ofereceu essa resposta.

Vivíamos em uma época em que os jovens judeus formavam grupos um pouco amorfos (ex. escoteiros judeus do Avanhandava). Naturalmente isso não me interessou. Havia grupos autônomos ... como o nosso - que não sabia muito bem porque havia se formado - mas havia uma necessidade de comunicabilidade entre os jovens. Esses grupos estavam espalhados por diferentes bairros (o Davi era de um da Vila Mariana, eu era de outro lugar...). Depois veio o grande catalisador que aproveitou tudo isso: o Dov Tsamir... mas tudo [a necessidade de se unir e fazer algo] já existia no ar. Em 1948, a guerra de independência movimentou os jovens ainda mais.

Estas são as razões "históricas" que me levaram ao movimento. Naturalmente as "razões" são complexas: quando se é jovem, se deseja essa "coisa" meio congregária, ficar junto com outros. Mas é difícil saber exatamente o que pesou mais [na escolha por participar do mov.], e por que eu sim - tive uma determinada consciência judaica e optei pelo sionismo como resposta - e minhas duas irmãs mais velhas (adolescentes que vivenciaram a guerra de fato) não.

Meu relacionamento com a sociedade brasileira era muito pouco. Mesmo no Brasil, estudei dois anos no colégio batista brasileiro, e depois, por questões religiosas, meus pais procuraram uma escola em que não se estudasse no sábado, então fui para o Grade [?] school (norte-americana), novamente uma ilha... depois abandonei essa escola (conflitos com um diretor sulista racista que não gostava do cheiro dos negros, tentou obter o apoio de colegas judeus para protestar, mas não conseguiu, então saiu da escola).

Esse episódio também me influenciou no sentido de procurar uma alternativa socialista, no sentido da igualdade social... E me aproximou ainda mais do movimento. Eu tinha 15 anos.

Fonte: Centro de Memória, Museu Judaico de São Paulo.

.

O *Snif* São Paulo oficializou-se em 1948, no mesmo momento em que é declarada a criação do Estado de Israel. É claro que nesse momento em que a comunidade judaica se encontrava insegura e abalada pelo extermínio de seus semelhantes na Europa, o Estado vem como forma de confortar e proteger esse grupo vulnerabilizado. No entanto, essa nova proposta, a emergência da construção de um Estado, propicia possibilidades de como poderá se configurar, uma vez que ainda não existe. É algo que parece atrair e engajar jovens judeus, que podem idealizar algo — justamente porque é inexistente até este momento — uma nova sociedade, construir e colocar em prática todas as idealizações antes feitas por Herzl,

Borochov e Gordon. Isso aparece em uma das conversas com o entrevistado Rubens Volich:

> *R: No kibutz daquela época tinha todas as atividades econômicas que tinha, tinha assembleia geral, tinha sido não é no próprio, kibutz, é na região outros kibutzim, tinha uma escola, tinha uma organização política ou seja cada kibutz, né? Era uma vida organizada em torno da experiência coletiva, né?*
>
> *E: E aí tem uma coisa que se você puder fazer um comentário, mas acho que tanto jovem estava emergindo como adulto como um Estado estava nascendo então*
>
> *R: Isso sem dúvida isso sem dúvida. É a ideia de reconstruir Israel, né? Era absolutamente apaixonante, né? Quer dizer lá nos anos 70, quando eu tava mais ativo na tnuá, isso já não era tão forte, mas pelas primeiras gerações da tnuá, sem dúvida, isso foi uma grande motivação.*

Marcos Chusyd, outro entrevistado, confirma isso:

> *M: Primeiro, quando você é jovem, você é mais digamos idealista procurando um caminho então quando eu era jovem, tava procurando um caminho e esse caminho de Israel e socialismo naquele momento era muito atrativo para mim.*

Noemi Jaffe contribui:

> *NJ: Bom, sem dúvida que o primeiro motivo mais atraente são as amizades, o social, né? Mas o segundo lugar é a forma como eles cultivam essa amizade que era uma forma idealista. Né, de solidariedade, de ética de escuta, e eu acho que eles conseguiam isso. Também o fato de ter um ideal. Eu acho que só atrai muito até hoje. Hoje, eu acho que claro não tanto como na época, né? Enfim tudo era diferente, mas eu acho que isso me atraiu e atraiu meus amigos da mesma idade que eu, na época bastante, né a gente poder lutar por alguma coisa mesmo. Quando eu tinha 10/11 anos, para mim isso já era muito sedutor, né? Ter uma vivência de compartilhamento e contra ditadura contra injustiça.*

Como é dita na entrevista oral de Avraham Milgram, organizador do livro *Fragmentos de Memória* (2010)*, o* antissemitismo e o passado sempre foram realçados na primeira década do movimento*:*

> *AM: para ter uma forma de racionalizar o porquê de se engajar num movimento realizador sionista que para Israel que que vai resolver tudo, os grandes problemas do povo Judeu e os seus males etc.*

E o historiador professor Nachman Falbel:

> Ao mesmo tempo havia uma intensa busca ideológica para se criar uma nova ordem social, que revertesse, que modificasse esse caos gerado pela grande hecatombe e, nós, judeus, as grandes e indefesas vítimas do inferno que virou o continente europeu, estávamos buscando uma saída segura em relação ao seu futuro: a criação de um Estado, o retorno à soberania perdida na Terra de Israel há 2 mil anos (Falbel, 2010, p. 137).

Reconstruir e ressignificar a sua identidade era algo em vista, muitas vezes o sionismo teve este lugar. Um dos entrevistados, Silvio Hotimsky, explica isso através da entrevista oral:

> *S: E a outra condição de realização da condição Judaica era o sionismo. Então eu entendo essa questão do sionismo enquanto concretização da ida a Israel, né? Ela vinha ocupar um lugar que era dar um Norte que era dar um sentido para condições Judaica, né?*

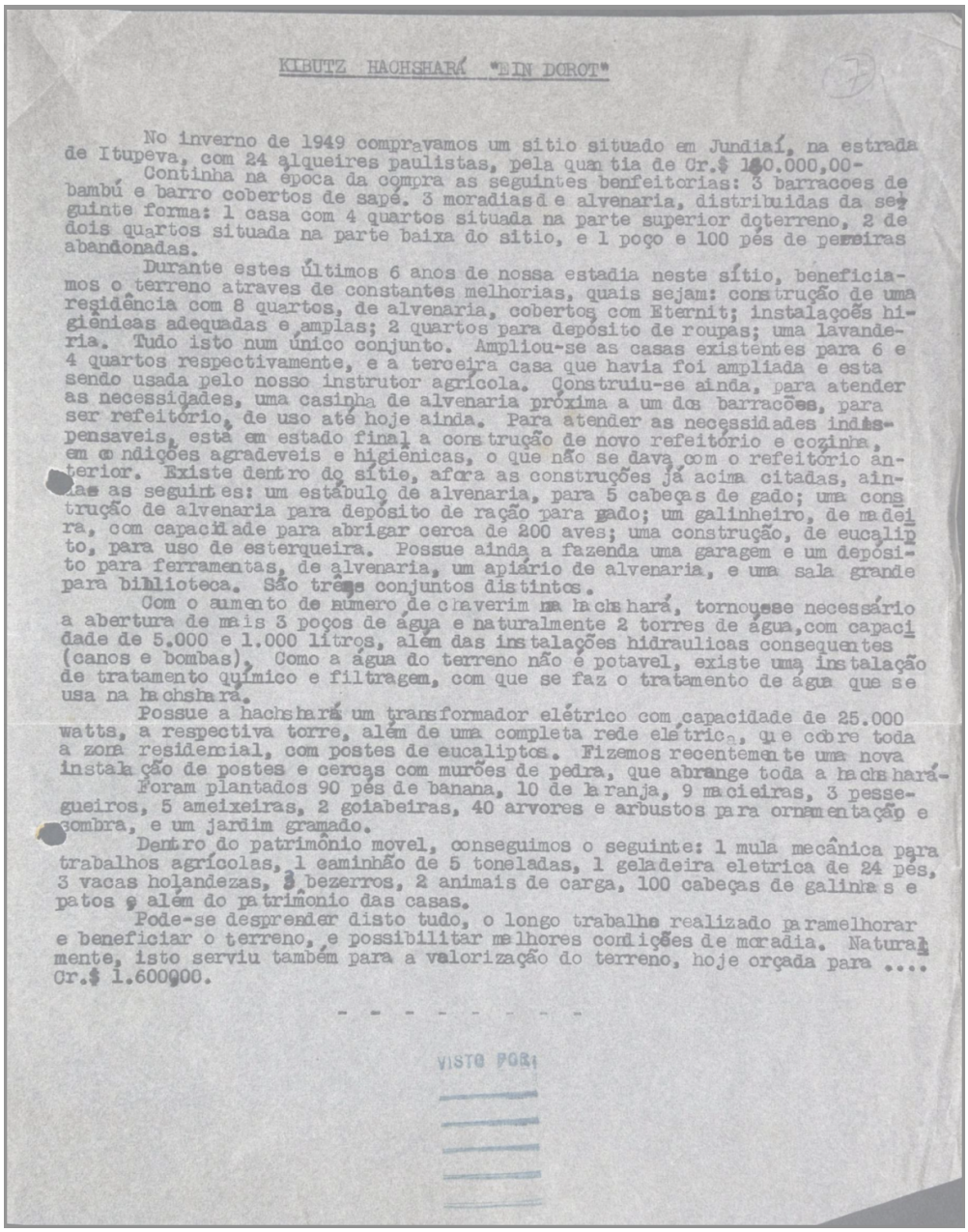
E como Dov Tsamir ressalta, o Brasil proporciona uma outra experiência de juventude. Afinal, o Brasil também é um Estado recente e em formação, de identidade nacionais entrelaçadas e diversas, “o processo de assimilação em uma sociedade em formação, em uma sociedade multiétnica e multicultural, ocorre de forma inconsciente” (Cymeryng, 2010, p. 43).

Esse Estado pouco caracterizado, mas já cheio de história, parecia e vinha como uma solução para esse povo que acaba de sair de uma situação traumática, como é o caso daqueles que fugiram ou resistiram à “solução final”, no fim da Guerra. Ainda com comunidades diaspóricas pelo mundo, a necessidade de rejudeização estava presente. Quando ocorre um agrupamento entre iguais com uma pauta em comum, isso acaba fortalecendo a identidade judaica. A pauta política nacional é levantada por esses jovens que estão em uma idade de questionamentos e identidade e que inevitavelmente carregam uma memória transgeracional.

Sendo assim, o objetivo concreto do movimento era de fazer *aliá*, se mudar para Israel e torná-lo socialista. Para isso, o movimento precisava de condições materiais para exercer esse ideal. Uma ambição destes jovens foi de comprar um sítio para que fosse praticada uma vida kibutziana de forma a viverem coletivamente e trabalharem com a terra. Seria uma espécie de prévia da *aliá*.

Segue o documento da descrição informativa do Kibutz Hachshará Ein Dorot:

Figura 6 - Documento que atesta a compra do Kibutz Hachshará



KIBUTZ HACHSHARÁ "EIN DOROT"

No inverno de 1949 compravamos um sitio situado em Jundiaí, na estrada de Itupeva, com 24 alqueires paulistas, pela quantia de Cr.$ 180.000,00-
Continha na época da compra as seguintes benfeitorias: 3 barracoes de bambú e barro cobertos de sapé. 3 moradias de alvenaria, distribuidas da seguinte forma: 1 casa com 4 quartos situada na parte superior doterreno, 2 de dois quartos situada na parte baixa do sitio, e 1 poço e 100 pés de pereiras abandonadas.
Durante estes últimos 6 anos de nossa estadia neste sítio, beneficiamos o terreno atraves de constantes melhorias, quais sejam: construção de uma residência com 8 quartos, de alvenaria, cobertos com Eternit; instalações higiênicas adequadas e amplas; 2 quartos para depósito de roupas; uma lavanderia. Tudo isto num único conjunto. Ampliou-se as casas existentes para 6 e 4 quartos respectivamente, e a terceira casa que havia foi ampliada e esta sendo usada pelo nosso instrutor agrícola. Construiu-se ainda, para atender as necessidades, uma casinha de alvenaria próxima a um dos barracões, para ser refeitório, de uso até hoje ainda. Para atender as necessidades indispensaveis, está em estado final a construção de novo refeitório e cozinha, em condições agradeveis e higiênicas, o que não se dava com o refeitório anterior. Existe dentro do sítio, afora as construções já acima citadas, ainda as seguintes: um estábulo de alvenaria, para 5 cabeças de gado; uma construção de alvenaria para depósito de ração para gado; um galinheiro, de madeira, com capacidade para abrigar cerca de 200 aves; uma construção, de eucalipto, para uso de esterqueira. Possue ainda a fazenda uma garagem e um depósito para ferramentas, de alvenaria, um apiário de alvenaria, e uma sala grande para biblioteca. São três conjuntos distintos.
Com o aumento de numero de chaverim na hachshará, tornou-se necessário a abertura de mais 3 poços de água e naturalmente 2 torres de água, com capacidade de 5.000 e 1.000 litros, além das instalações hidraulicas consequentes (canos e bombas). Como a água do terreno não é potavel, existe uma instalação de tratamento químico e filtragem, com que se faz o tratamento de água que se usa na hachshará.
Possue a hachshará um transformador elétrico com capacidade de 25.000 watts, a respectiva torre, além de uma completa rede elétrica, que cobre toda a zona residencial, com postes de eucaliptos. Fizemos recentemente uma nova instalação de postes e cercas com murões de pedra, que abrange toda a hachshará.
Foram plantados 90 pés de banana, 10 de laranja, 9 macieiras, 3 pessegueiros, 5 ameixeiras, 2 goiabeiras, 40 arvores e arbustos para ornamentação e sombra, e um jardim gramado.
Dentro do patrimônio movel, conseguimos o seguinte: 1 mula mecânica para trabalhos agrícolas, 1 caminhão de 5 toneladas, 1 geladeira eletrica de 24 pés, 3 vacas holandezas, 3 bezerros, 2 animais de carga, 100 cabeças de galinhas e patos, além do patrimonio das casas.
Pode-se desprender disto tudo, o longo trabalho realizado paramelhorar e beneficiar o terreno, e possibilitar melhores condições de moradia. Naturalmente, isto serviu também para a valorização do terreno, hoje orçada para .... Cr.$ 1.600000.

- - - - - - - -

VISTO POR:

Fonte: Centro de Memória, Museu Judaico de São Paulo.

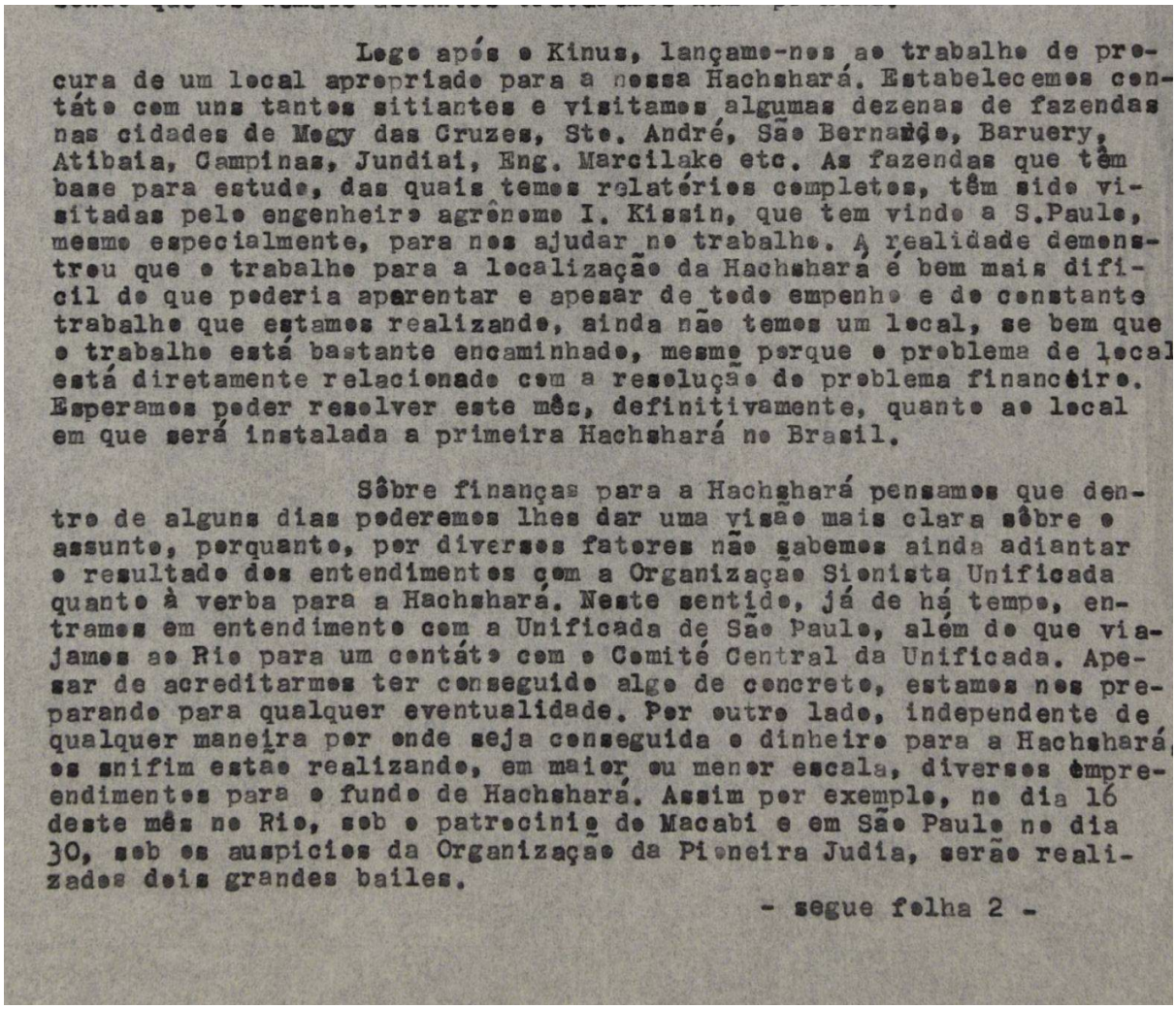
Vittorio Corinaldi relata:

E: Você conheceu Hachshará de Jundiaí?

V: Sim, eu passei 6 meses na Hachshará

As condições materiais nesse início se davam por doações, como consta em uma carta de 4 de outubro de 1948, enviada de São Paulo para atualizar os colegas argentinos, aqueles que já estavam mais bem estabelecidos e com mais condições:

Figura 7 - Relato sobre o Kibutz Hacshará



Lego após o Kinus, lançamo-nos ao trabalho de procura de um local apropriado para a nossa Hachshará. Estabelecemos contáto com uns tantos sitiantes e visitamos algumas dezenas de fazendas nas cidades de Mogy das Cruzes, Sto. André, São Bernardo, Baruery, Atibaia, Campinas, Jundiai, Eng. Marcilake etc. As fazendas que têm base para estudo, das quais temos relatórios completos, têm sido visitadas pelo engenheiro agrônomo I. Kissin, que tem vindo a S.Paulo, mesmo especialmente, para nos ajudar no trabalho. A realidade demonstrou que o trabalho para a localização da Hachshara é bem mais dificil do que poderia aparentar e apesar de todo empenho e do constante trabalho que estamos realizando, ainda não temos um local, se bem que o trabalho está bastante encaminhado, mesmo porque o problema de local está diretamente relacionado com a resolução do problema financeiro. Esperamos poder resolver este mês, definitivamente, quanto ao local em que será instalada a primeira Hachshará no Brasil.

Sôbre finanças para a Hachshará pensamos que dentro de alguns dias poderemos lhes dar uma visão mais clara sôbre o assunto, porquanto, por diversos fatores não sabemos ainda adiantar o resultado dos entendimentos com a Organizaçao Sionista Unificada quanto à verba para a Hachshará. Neste sentido, já de há tempo, entramos em entendimento com a Unificada de São Paulo, além do que viajamos ao Rio para um contáto com o Comité Central da Unificada. Apesar de acreditarmos ter conseguido algo de concreto, estamos nos preparando para qualquer eventualidade. Por outro lado, independente de qualquer maneira por onde seja conseguida o dinheiro para a Hachshará, os anifim estao realizando, em maior ou menor escala, diversos empreendimentos para o fundo de Hachshará. Assim por exemplo, no dia 16 deste mês no Rio, sob o patrocinio do Macabi e em São Paulo no dia 30, sob os auspicios da Organizaçao da Pioneira Judia, serão realizados dois grandes bailes.

- segue folha 2 -

Fonte: Retirado do site *Dror ontem e hoje*.

As fotos a seguir se referem ao sítio em Jundiaí, que mesmo que precário e com o valor do trabalho manual, havia uma *sifriá* (biblioteca) cujo valor intelectual era ressaltado. No sítio, havia um preparo em relação ao manuseamento da terra, já visando a *aliá*. No início, eram seis meses que estes jovens se isolavam e se dedicavam para a ida à Israel, no entanto, com o decorrer do tempo, a ida à Israel se concretizou com um programa de um ano chamado *Shnat*, destinado aqueles que atingiam a maioridade. A *Hachshará* tornou-se o espaço de encontro para debates, seminários, congressos e acampamentos nacionais.

Figura 8 - Sifriá do Kibutz Hachshará

Fonte: Retirado do site *Dror ontem e hoje*.

.

Figura 10 - Chaverim trabalhando no Kibutz Hachshará

Fonte: Retirado do site *Dror ontem e hoje*.

.

Muitos desses adolescentes eram estudantes e estavam ingressando na universidade. Isso era visto como um perigo, negligência ou pouca dedicação ao movimento. Também era um obstáculo, pois eles seriam enraizados em um território que não era o Estado Judeu. Para os dilemas enfrentados, os jovens paulistanos decidiram organizar um seminário em 1950, chamado de Seminário da Lapa, devido a sinagoga de bairro em que foi realizado. Esse é o mesmo ano em que o primeiro grupo se muda para Israel.

> *N: N. O Seminário da Lapa foi um momento crucial para dar continuidade ao movimento, possibilitando a militância integral dos chaverim responsáveis pela liderança. Isto porque, em dado momento entendeu-se que a aliá dos primeiros garinim havia esvaziado em boa parte o elemento humano necessário para dar continuidade ao movimento. Por outro lado, se aqueles que estavam frequentando faculdades continuavam seus estudos, eles dificilmente formariam garinim no tempo necessário para a continuidade da aliá, a fim de viver em um kibutz. O Seminário da Lapa enfatizou o compromisso para com a militância integral e a continuidade do*

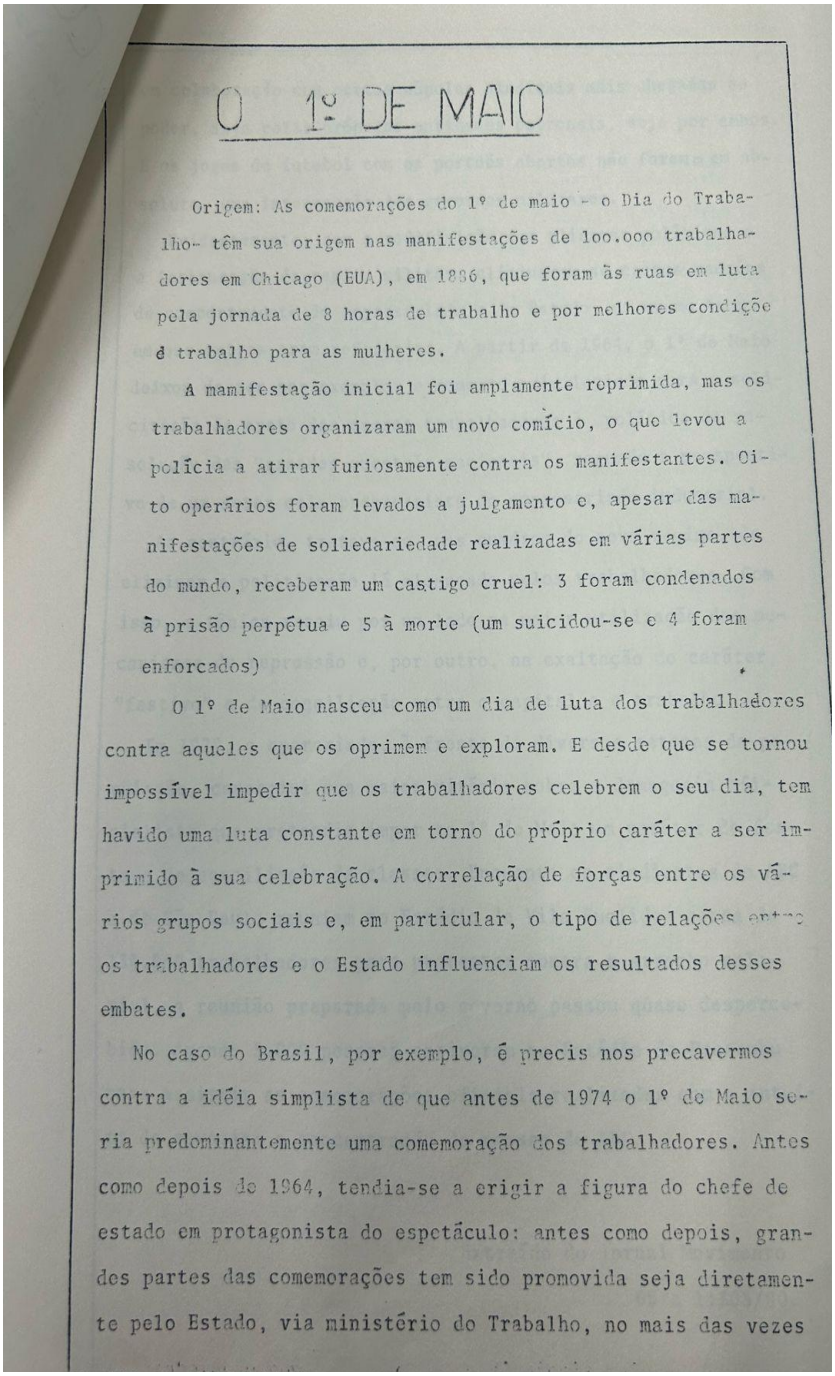
> *movimento, independentemente de outros aspectos coerentes como a profissionalização,*
> *proletarização.*

O seminário foi um momento de ruptura, os jovens decidiram abandonar os estudos e se proletarizar. Nesse sentido, estariam rompendo com a vida burguesa idealizada pelos seus pais, que descendiam do povo do livro e viam o estudo e a formação acadêmica como algo relevante para seus filhos.

> *N: Obviamente os pais se opuseram ao abandono dos estudos de seus filhos. O sonho do imigrante que trabalhou duramente como mascate e lutou para chegar a certa estabilidade financeira a fim de dar ao seus filhos uma condição social segura e respeitável, era que ingressassem em uma universidade para adquirirem uma profissão liberal. Podemos entender a decepção dos país ao saberem que seus filhos pretendiam abandonar os estudos, frustrando a expectativa que alimentaram durante muitos anos. O choque , na maioria dos casos, foi inevitável. Pessoalmente o vivenciei e mais ainda quando fui sheliach do movimento com a missão de convencer e implementar a decisão do Seminário da Lapa de Curitiba e Porto Alegre. Em Curitiba tive que dormir na sede do Dror em cima de uma mesa de ping pong ´porque eu não seria aceito como hóspede em nenhuma casa de algum chaver do movimento. Muitos pais sionistas não entenderam as razões que levaram ao abandono dos estudos, ainda que admiravam o desejo de seus filhos de viverem em um kibutz e valorizavam o papel pioneiro do movimento kibutziano na construção do Estado Judeu.*

Esses jovens começaram a frequentar cursos técnicos, já visando a necessidade de trabalhadores em Israel para construção de um Estado. Com a influência socialista, essa decisão foi tomada no dia 1º de maio, Dia Nacional do Trabalhador, que era um marco debatido pelos *chaverim*:

Figura 11 - Escrito sobre o 1º de maio



O 1º DE MAIO

Origem: As comemorações do 1º de maio - o Dia do Trabalho- têm sua origem nas manifestações de 100.000 trabalhadores em Chicago (EUA), em 1886, que foram às ruas em luta pela jornada de 8 horas de trabalho e por melhores condições de trabalho para as mulheres.

A mamifestação inicial foi amplamente reprimida, mas os trabalhadores organizaram um novo comício, o que levou a polícia a atirar furiosamente contra os manifestantes. Oito operários foram levados a julgamento e, apesar das manifestações de soliedariedade realizadas em várias partes do mundo, receberam um castigo cruel: 3 foram condenados à prisão perpétua e 5 à morte (um suicidou-se e 4 foram enforcados)

O 1º de Maio nasceu como um dia de luta dos trabalhadores contra aqueles que os oprimem e exploram. E desde que se tornou impossível impedir que os trabalhadores celebrem o seu dia, tem havido uma luta constante em torno do próprio caráter a ser imprimido à sua celebração. A correlação de forças entre os vários grupos sociais e, em particular, o tipo de relações entre os trabalhadores e o Estado influenciam os resultados desses embates.

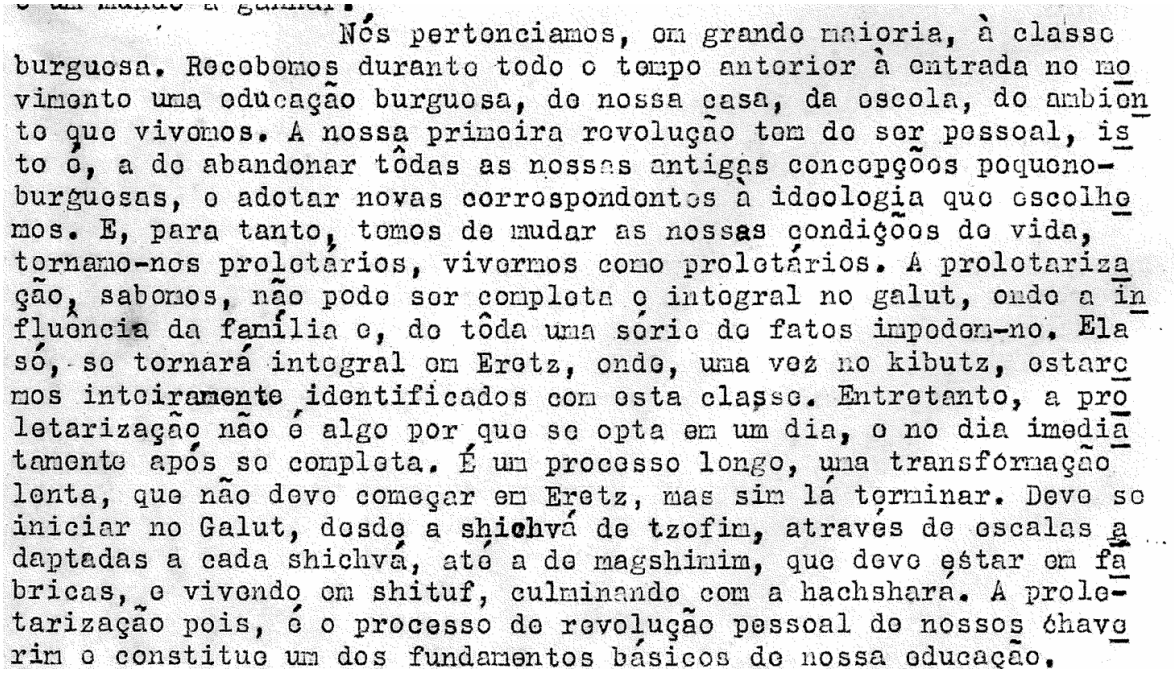
No caso do Brasil, por exemplo, é precis nos precavermos contra a idéia simplista de que antes de 1974 o 1º de Maio seria predominantemente uma comemoração dos trabalhadores. Antes como depois de 1964, tendia-se a erigir a figura do chefe de estado em protagonista do espetáculo: antes como depois, grandes partes das comemorações tem sido promovida seja diretamente pelo Estado, via ministério do Trabalho, no mais das vezes

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

> A divulgação do que aconteceu em maio de 1950 impregnou o movimento numa atmosfera de idealismo renovador a exemplo dos que nele participaram. Isso se mostrou presente nas publicações, seminários e nos congressos que doravante iriam se realizar. Nesse sentido, a revista “Dror” era o veículo mais importante para a expressão de suas ideias (Falbel, 2017, p. 4).

O interessante é notar as contradições que se desenham a todo momento em relação ao sionismo e a assimilação, pois por mais que essa tomada de decisão fora feita visando a *aliá*, ela adota um feriado nacional como símbolo. Depois, essa resolução foi disseminada para o resto do país.

Figura 12 - Auto reflexão e decisão pela proletarização.



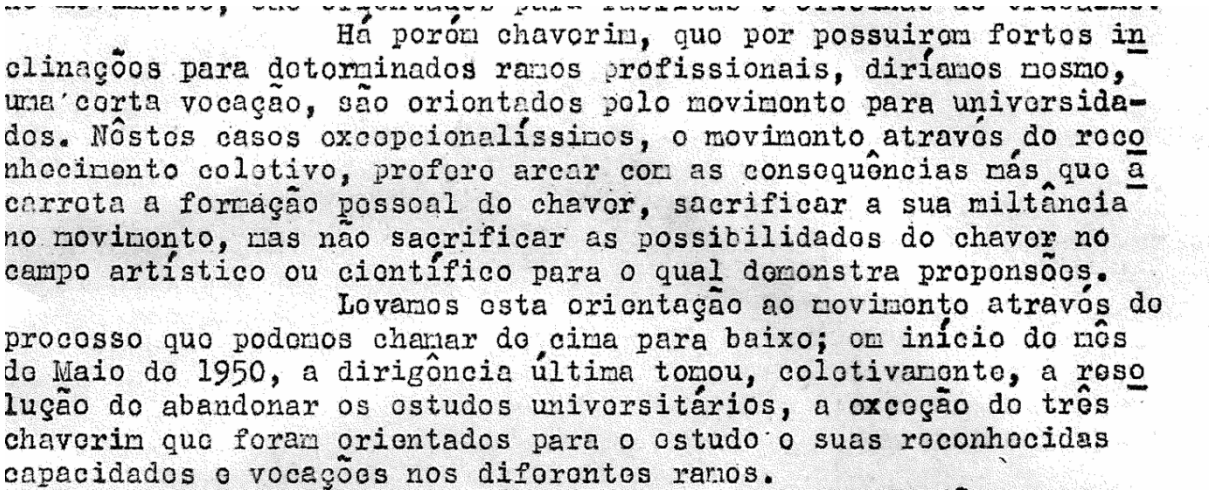
Nós pertenciamos, em grande maioria, à classe burguesa. Recebemos durante todo o tempo anterior à entrada no movimento uma educação burguesa, de nossa casa, da escola, do ambiente que vivemos. A nossa primeira revolução tem de ser pessoal, isto é, a de abandonar tôdas as nossas antigas concepções pequeno-burguesas, e adotar novas correspondentes à ideologia que escolhemos. E, para tanto, temos de mudar as nossas condições de vida, tornamo-nos proletários, vivermos como proletários. A proletarização, sabemos, não pode ser completa e integral no galut, onde a influência da família e, de tôda uma série de fatos impedem-no. Ela só, se tornará integral em Eretz, onde, uma vez no kibutz, estaremos inteiramente identificados com esta classe. Entretanto, a proletarização não é algo por que se opta em um dia, e no dia imediatamente após se completa. É um processo longo, uma transformação lenta, que não deve começar em Eretz, mas sim lá terminar. Deve se iniciar no Galut, desde a shichvá de tzofim, através de escalas adaptadas a cada shichvá, até a de magshimim, que deve estar em fábricas, e vivendo em shituf, culminando com a hachshará. A proletarização pois, é o processo de revolução pessoal de nossos chaverim e constitue um dos fundamentos básicos de nossa educação.

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Os ideais socialistas que provêm das suas histórias familiares, uma vez que muitos descendem daqueles que participavam do Bund ou do Poalei Tzion e da imigração do Leste Europeu, como explicado acima, acabam revivendo valores com essa decisão. Eles são pertencentes a essa categoria de judeus *ashkenazi* politizados de forma a almejar uma sociedade mais justa e igualitária.

A ideia, além de fazer cursos técnicos, era trabalhar em fábricas. Assim, eles experienciariam o que é, de fato, a luta de classes pela ótica do proletário e seu cotidiano. Três participantes foram eximidos dessa tarefa, pois o coletivo percebia, validava e autorizava seus dons para as profissões escolhidas.

Figura 13 - A justificativa daqueles que não abandonaram a Universidade



Há porém chavorim, quo por possuirom fortos inclinaçõos para dotorminados ramos profissionais, diríamos mosmo, uma certa vocação, são orientados polo movimonto para universidados. Nôstos casos oxcopcionalíssimos, o movimonto através do reconhocimonto colotivo, profero arcar com as consoquôncias más quo acarrota a formação possoal do chavor, sacrificar a sua miltância no movimonto, mas não sacrificar as possibilidados do chavor no campo artístico ou ciontífico para o qual demonstra proponsões.

Lovamos osta orientação ao movimonto através do processo quo podomos chamar do cima para baixo; om início do mês do Maio do 1950, a dirigôncia última tomou, colotivamonto, a resolução do abandonar os ostudos universitários, a oxcoção do três chavorim quo foram orientados para o ostudo o suas reconhocidas capacidados o vocações nos diforontos ramos.

Dentre esses três, se encontrava Vittorio Corinaldi, que relata:

> *V: Então e o seminário da Lapa é um sintoma daquilo que eu procurei te expressar sobre o caráter do centro de São Paulo do Dror, que era um que era um grupo muito muito, como dizer… muito compacto ideologicamente muito engajado e tinha capacidade de se auto direcionar com uma disciplina de grupo muito muito séria, que levou uma decisão extremamente corajosa. Digamos que foi essa decisão de abandonar os estudos que foi decidido na Lapa. E aí você deve ter lido que justamente a mim, aconteceu que acharam que eu poderia ser mais útil ao movimento continuando os meus estudos do que do que me dedicando integralmente à militância no movimento.*
>
> *E: O senhor acha que o seu destino profissional então foi decidido mais por uma coletividade do que por uma escolha própria?*
>
> *V: São as duas coisas eu tinha eu tinha uma forte inclinação, eu desde pequeno era conhecido no movimento, porque eu mais do que arquiteto, eu desenhava, eu estava sempre criando. É assim, é cartazes e coisas com uma certa gráfica já meio profissional. Vamos dizer assim e isso eu acho que influenciou muito e eu sempre tive interesse pelas coisas do mundo visual agora quem notava que o pessoal teve a ah, eu não sei como definir isso, mas não foi um ato de uma extrema. Eh, sei lá como explicar isso. Enfim foram muito generosos também num certo sentido, no sentido de que eu a mim foi poupado o sacrifício de ter que abandonar os os estudos, né, mas ao mesmo tempo a minha ligação com o movimento, ideal sionista e tudo isso era muito forte e talvez tenha isso também é um pouco influenciado influenciado na na decisão tanto assim que eu fiz aliá a e fui por um caminho profissional. Que depois ele foi aberto nessa reunião da Lapa na verdade, entendeu?*
>
> *E: Mas você estaria disposto a entrar nos cursos técnicos com a maioria se não tivessem?*
>
> *V: Eu acredito que sim, eu acredito que sim, porque eu estava absolutamente ligado e concordante com a com a atividade com a linha do movimento, tanto assim que eu fui convocado para a reunião da Lapa. Eu quando fui para a reunião, nem sabia exatamente o que ia acontecer, mas é eu fui de certa forma queria surpresa de ver que eu estava sendo um pouco diferenciado nesse sentido.*

> *V: A decisão da Lapa foi uma decisão muito difícil e muito corajosa. Na minha opinião e houve casos até muito, enfim até um pouco angustiantes de gente que teve que enfrentar situações familiares muito doídas ou de gente que acabou abandonando por causa da reunião dessa decisão, eu virei tudo, mas a decisão foi uma decisão no momento certo? Porque ela foi ela que garantiu uma continuidade concreta na linha do movimento fazendo aliá e assim por diante, entendeu?*

A grande polêmica e debate estabelecido neste acontecimento foi com Paul Singer, que depois torna-se uma grande referência intelectual. Singer tinha como principal proposta investir no socialismo em território brasileiro. Segundo ele:

> Porém, tornei-me politicamente ativo apenas em 1947-1948, quando comecei a frequentar a sede do partido socialista, que estava constituído por uma plêiade de intelectuais como Antonio Candido e outros. Havia lá uma pilha de jornais da imprensa de esquerda do mundo inteiro, em espanhol, inglês etc. Nesta época eu estudava numa escola técnica, e ao terminar as aulas às 18 horas, eu ia à sede do partido e ficava lendo estes jornais até umas 19h30, 20h e me politizava. Nesta época fui recrutado pelo Bernardo Cymeryng (Dov Tsamir) (Singer, 2010, p. 78).

Ou seja, já existia algum contato com o socialismo anteriormente ao Dror e a questão sionista não era tão eufórica, uma vez que sua descendência provém da Europa Central, mais especificamente, da Áustria e, portanto, “meus familiares que tinham feito parte da bem assimilada comunidade judia de Viena não eram sionistas” (Singer, 2010, p. 78). No mesmo livro, Singer relata que Dov Tsamir teria dito a ele que se os *chaverim* mais velhos terminassem suas faculdades no Brasil, não fariam *aliá*. Então se indagou:

> Na verdade, eu estava no movimento pelo socialismo, que era algo empolgante, também na época, e aí comecei a pensar por que não ficar no Brasil e lutar pelo socialismo, afinal de contas já estava aqui mesmo, em vez de começar uma nova adaptação cultural e uma nova vida (Singer, 2010, p. 81).

O que o levou a propor:

> Fiz uma coisa que era normal no Dror, chamar uma reunião geral, lá na rua Prates, onde veio muita gente, entre 100 e 200 pessoas. Fiz uma espécie de palestra dizendo que temos várias opções, uma delas é ir definitivamente para Israel. E acaso seria isto uma garantia de que não haveria mais antissemitismo na Diáspora? Não tem lógica. Ir para Israel não é o antídoto para o antissemitismo, o antídoto ao antissemitismo é lutar pelo socialismo. Pelo menos no Brasil havia espaço para lutar (pelo socialismo) em vez de ir para lá (Singer, 2010, p. 81).

Mas ele não deixa de ressaltar a importância constitutiva que a *tnuá* teve em sua vida:

> Minha passagem pelo Dror foi um momento absolutamente decisivo na minha vida, posso dizer que sou o que sou em grande parte principalmente por aqueles quatro anos, dos 16 aos 20 anos, de 1948 a 1952, quando passei pelo movimento. Naquele tempo, ao sair, eu já estava completamente

> formado politicamente graças ao movimento e também ao Partido Socialista. (Singer, 2010, p. 81).

O Seminário da Lapa é mais uma expressão de um debate teórico e intelectual que constitui o Habonim Dror. Através do laço político estabelecido com o MAPAI, uma posição política era requerida e a decisão desses jovens de onde habitar seja Brasil ou Israel era uma questão que interferia na vida pessoal e coletiva do movimento.

O autor de referência do primeiro capítulo, Michael Löwy, foi *chaver* do movimento e, em uma troca de e-mails, ele conta:

> *Cara Alice,*
>
> *Existem vários livros no Brasil sobre o Dror, a senhora certamente deve conhecê-los.*
>
> *Eu nunca fui membro do Dror, mas em 1954 meu irmão Peter Löwy me levou para uma colônia de férias de duas semanas na Hachshará do movimento perto de Jundiaí. Eu tinha 16 anos e foi a primeira vez que ouvi falar de Marx, socialismo, e coletivismo. Foi importante para mim. Pouco depois, como eu não tinha vocação para emigrar para Israel e pretendia lutar pelo socialismo no Brasil, meu irmão me recomendou de ir ver o Paul Singer, que havia sido dirigente do Dror, mas havia saído, para se engajar no Brasil. Paulo era partidário de Rosa Luxemburgo e isto foi decisivo, me converti ao "luxemburguismo" e assim continuo até hoje..*
>
> *Saudações,*
>
> *Michael*

2 CONDIÇÕES PSICOSSOCIAIS QUE INFLUENCIARAM A EXISTÊNCIA SINGULAR DA TNUÁ

Atravessados pela fase da vida da juventude ou adolescência, ela se faz estrutural para pensar na singularidade desse movimento e da construção intelectual de seus participantes. É após a Segunda Guerra que pesquisadores de diferentes áreas passam a ter interesse nessa categoria que emergia, já que por muito tempo a passagem convencional era de criança para adulto. Coincidentemente, ou não, é nesse período que estamos situados neste ponto da pesquisa.

Nesta fase da vida, os sujeitos tomam consciência de sua história "precedida por uma pré-história, história das gerações anteriores que se atualizam, para cada sujeito, como um mosaico, e pela história de cada cultura" (Matheus, 2020, p. 245) e se indagam a respeito de sua identidade que é composta por um passado, que foi manipulada, em alguma instância, pelos pais por algum tempo e que, neste momento de vida buscam tomar decisões por si próprios, de forma a criarem uma independência de seus parentes e unificarem o "eu" que está emergindo.

O adolescente passa por transformações biológicas e sociais. A puberdade, de acordo com a psicanálise, é o momento em que a sexualidade passa por uma transformação. Ela deixa de ser autoerótica (infantil), isto é, o corpo que antes buscava o prazer na exploração do próprio corpo, agora tem sua escolha de objeto de investimento libidinal, fora de si, em um Outro. A sexualidade promove a uma conformação do psiquismo com o mundo real e permite olhar, nesse sentido, para o exterior de si mesmo. Além das atividades pulsionais e de erogeneização das áreas genitais, os sujeitos se enlaçam no mundo adulto. Calligaris auxilia nessa análise:

> Tanto do ponto de vista fisiológico quanto da imagem de si que deve se adaptar a essa mudança. Basta lembrar a chegada dos desejos sexuais (que já existiam, mas que são agora reconhecidos como tais pelos próprios sujeitos) e, aos poucos, a descoberta de uma competição possível com os adultos, tanto na sedução quanto no enfrentamento (Calligaris, 2008, p. 20).

Com a inserção no mundo adulto da sexualidade, o espaço da *tnuá*, os acampamentos e as viagens juntos, esses jovens se misturavam e experimentavam novos laços entre si, experiência muito atraente e instigante para aquele que inicia uma vida sexual. A *tnuá* tinha espaço e liberdade para a vivência desses amores, longe dos pais e autoridades, como relata um entrevistado:

> *São vivências que já de uma maneira interessam muito ao jovem e que vão desde ver esses grupos, as vivências sociais, as vivências políticas, as vivências culturais, né? As vivências sexuais, quer dizer, por exemplo, eu encontro em mim uma marca sobre vida sexual que é dada pela tnuá. Eu não tenho a menor dúvida, zero.*

A sexualidade, para a psicanálise, é muito mais do que o ato sexual: é algo que se expande para noção de prazer e de vida. E junto dela, nesse novo molde, em que pode ser eleito por esse jovem a escolha objetal, vem a noção de sociabilidade. São necessários pares para atravessar esse momento de difícil definição de personalidade. Isso porque paira uma insegurança em seu imaginário e a psicanálise busca explicar isso:

> O adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitiam como par na sociedade de adultos. A insegurança se torna assim o traço próprio da adolescência (Calligaris, 2008, p. 25).

No que diz respeito às transformações sociais, o jovem com um maior grau cognitivo — comparado à criança — passa a se desalienar no que diz respeito à moral e às normas inventadas que regem o coletivo. Deste modo, Simone de Beauvoir explica:

> Os adultos cessam de lhe aparecer como deuses e, ao mesmo tempo, o adolescente descobre o caráter humano das realidades que o cercam: a linguagem, os costumes, a moral, os valores, têm sua fonte nessas criaturas incertas: chegou o momento em que será chamado a participar também dessa operação; seus atos pesam sobre a terra tanto quanto os dos outros homens, ser-lhe-á preciso escolher e decidir (Beauvoir, 1994, p. 33).

Os jovens que se confrontam com os preceitos morais decidem aderir ou não, tomando conta das contradições adultas que revelam fraquezas (Beauvoir, 1994) e se indignam com aquilo estabelecido que já não condiz mais com a realidade que habitam. É por isso que muitas vezes jovens se associam ao progressismo e não ao conservadorismo. Os estudos permitem contato com a política e indignação com o preestabelecido, e nesse momento surge a oportunidade de pensar em algo utópico. Bombardeados de estímulos intelectuais, leituras obrigatórias, esses jovens são instruídos a aprender a perguntar. Abrão Slavutzky, na entrevista, explica como era atravessado pelas indagações:

> *A: É porque eu acho que essa idade foi a idade que eu comecei a ler, né? Essa idade que eu comecei a me interessar que me despertava muita curiosidade, o que que é ser judeu? Porque é que tem oantissemitismo? o que é o Brasil? Que é o kibutz? O que que eu vou estudar depois na faculdade? que eu não tinha certeza, o que que eu iria estudar? Entendi então que as perguntas para mim começaram a crescer de importância.*

2.1 Dror: O lugar de perguntas ou de respostas? Responsabilidade ou liberdade?

Estimulados por perguntas e curiosos para adquirir respostas, a adolescência é caracterizada por essa crise constitutiva: um limbo entre a infância e a fase adulta, rodeados pelas idealizações de quem querem ser. O movimento reunia as perguntas desses jovens, que muitas vezes só existiam por causa da experiência coletiva das discussões dialógicas que o ambiente da *tnuá* proporcionava. Como Slavutzky relata em sua pesquisa:

> *A: Você pode dizer que a idade de adolescência é uma idade de crise do ser humano. Ele se descobre, descobre os outros, descobre o mundo, ele se forma, ele se frustra é enfim, é também uma idade de crise, né?*

Esse ganho de conhecimento é considerado um momento excepcional da conquista de um saber e como Mannoni (1983, p. 10) nos auxilia compreender, “essa conquista se fez a partir de fugas e de rupturas com os primeiros laços familiares”.

> *A: Porque você é educado. Depois você educava, você queria responsabilidades, você era líder, você tinha compromissos não com a sociedade. Mas você tinha compromisso com jovens como você e nesse sentido acho que o movimento ele amaciou a crise natural de jovens adolescentes essa minha visão a minha opinião.*

O ambiente era de liberdade para isso: poder escolher o que vão fazer, como se educa, o que se transmite, o que vão comer, como vão se vestir, o que vão ler, sobre o que vão falar entre as mil e uma decisões que um grupo depende, tanto para se definir — e, com isso, criar uma mentalidade — como para se apresentar para os outros. Mas também, e para além de tudo, sentir tal liberdade para realizarem desejos próprios. O interessante e pontual único da *tnuá*, é como essa liberdade era existencialista, uma vez que ela é entendida juntamente da responsabilidade.

> Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que

> escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos (Sartre, 2004, p. 4).

Exige tamanha maturidade saber a hora de trabalhar e de se divertir e esse aspecto pode ser um ganho que a *tnuá* deixa nas pessoas. É um ambiente em que o afeto e a racionalidade caminham juntos: o âmbito profissional e pessoal se entrelaçam e, ao fim, eles precisam entregar aquilo que se propuseram. É típico deste momento a passagem que a psicanálise demonstra do "princípio do prazer" e do "princípio de realidade". Afinal, esses jovens precisavam abdicar em determinados momentos daquilo que propiciava prazer para que trabalhassem em prol do movimento, reunindo-se para discussões e soluções daquele coletivo. Mas ao habitarem esse cargo de responsabilidade, também pode-se ver como um ganho da vida adulta: o jovem sente prazer nessa posição nova, de motivador de uma causa.

> *R: Mas eu acho que pelo fato de ter um espírito coletivo que é o próprio espírito socialista, o espírito do kibutz. Isso muda muito, né? Que você coletiviza, compartilha, você não tá preocupado na tua formação pessoal, né? Você sente que aquilo que você faz reflete/repercute no grupo, né? Então essa coletivização da propriedade, dos meios de produção e do saber eu acho que tudo isso né? Contribui para fazer uma diferença.*

Na psicanálise, entende-se que o pai é aquele que impõe limite, que exerce a função de "Nome do Pai", que seria a função de inserir a Lei, relembrar aos filhos que não se pode tudo — para além do incesto. Como Avraham Milgram descreve o Dror, em sua entrevista, "ou seja é como uma família, só que uma família sem pais, uma família juvenil". E quem passava a se auto regular eram eles mesmos:

> *LF: Então isso tudo a pergunta "o que atrai", quer dizer, eu acho que a tnuá era um ambiente em que você tava autônomo livre da observação dos pais, ao mesmo tempo, você aprendia a ter responsabilidade, né? Porque o chanich era mais novo do que você e ao mesmo tempo, você tinha toda uma gama de discussões sobre a história do sionismo e a história do judaísmo na Europa, né?*
>
> *E: Eu fico pensando, né? Sem tutela de pais, sem tutela da religião. Como é que se insere a lei, né? Para esses jovens? É porque querendo ou não, existe uma autogestão, né? Então da onde se desenvolve essa lei assim?*
>
> *LF: Você sabe que, bom, você até a soa freudiana e lacaniana quando você faz essa pergunta da onde que vem a lei, né? É claro que do ponto de vista teórico a lei está introjetada, né? Mesmo que o pai não tá lá, o nome do pai tá presente, a gente já introjetou a lei né [...]*
>
> *Então assim é eu acho Alice, que a lei estava em a gente ser capaz de assumir a responsabilidade daquilo que a gente tinha que fazer: trabalhar no kibutz, não não empurrar o trabalho dos outros, não ser preguiçoso que inclusive pegava mal para cacete.*

> *[...] Mas eu diria para você que a lei estava numa espécie, eu entendia como espécie de autogestão mesmo. Eu pensava assim desse jeito com essa expressão que você usou e o ambiente, ele era um ambiente que propiciava isso então.*

Havia algo da transgeracionalidade que os afastaram dos próprios pais. Estes viviam uma realidade muito diferente daquela que os pais vivenciaram na juventude. As aspirações da juventude, principalmente dessa, que enxergava possibilidades utópicas e que via em Israel essa possibilidade de aplicação prática dos ideais, precisavam de determinada distância da culpa, angústia e trauma que esses pais relembravam aos filhos.

> *A: Olha é como eu como eu te falei todos a minha geração como éramos filhos de imigrantes, no final das contas nós não tínhamos uma língua comum com os nossos pais, no final das contas éramos filhos, mas éramos ao mesmo tempo estranhos, os pais eram um pouco estranho para nós e nós éramos estranhos para eles, mas todos nós temos uma outra particularidade que eu não citei, mas eu menciono agora, a maioria de nós tinha uma família muito reduzidas, ou seja tínhamos pais o melhor das hipóteses um tio, uma tia e não tínhamos os avós que foram assassinados na Europa.*
>
> *Ou seja, o movimento juvenil eu falei família, porque de fato era um substituto de uma família. A tnuá substituía a gente sentia muito melhor na tnuá do que na nossa casa e se criou laços assim de amizade que encontrava uma uma satisfação espiritual e laços quase que de parentesco, às vezes tínhamos parentesco, mas em geral em geral não. A tnuá era de fato uma substituição de uma família que tem que proporcionar e que proporciona normalmente calor, afeto, educação, conceitos e memória. E que liga o jovem a todo um laços familiares antigos, geográficos, culturais etc enós não tínhamos isso. Os pais eram estrangeiros então, então o movimento substituía todo esse vazio que que havia nas nossas casas, quer dizer recebíamos outras coisas, mas a gente não compreendia nossos pais na verdade e sabíamos que eles vieram da Europa.*
>
> *E como eram pessoas todas elas traumatizadas ou porque passaram o Holocausto ou porque perderam os pais e irmãos, primos, sobrinhos etc e ficaram sozinhos então havia nas nossas casas, um silêncio um silêncio ruidoso, a gente não perguntava e nossos pais não falavam, a gente não tinha muito interesse em saber da onde eles vieram a casa deles na Polônia etc e eles pelos traumas deles não queriam transmitir a feridas as dores e as desgraças que eles vivenciaram.*

Judeus filhos de imigrantes tinham uma identidade cultural e uma história transgeracional que transmitia marcas, traumas e tradições, compartilhavam um cenário comum comunitário. Através também da psicanálise, Rubens Volich justifica essa memória inconsciente:

> *R: tem uma coisa que a gente chama "transmissão transgeracional inconsciente" né? Quer dizer, eu não conheci meu bisavô, né? Mas de alguma maneira isso eu sei pelo que eu já pude observar e através da minha própria análise de alguma maneira, aquilo que os meus antepassados viveram de vez em quando aparece para mim, quer dizer então essa*

> *transmissão inconsciente transgeracional, ela acontece o tempo todo as pessoas podem não perceber, mas tá ali, mesmo quando você tenta negar quando mesmo que você tenta dizer a Segunda Guerra Mundial é uma história de 70 anos, não tem nada a ver comigo, né meus pais e os meus avós tiveram perto disso. Eu não conheci, portanto isso não me afeta? pode tirar o cavalinho da chuva. Pode ter certeza que afeta. Você só não percebe.*

Isso proporcionou uma afinidade também política e intelectual, pois a identidade, para um jovem, é uma questão singular no que diz respeito à construção de personalidade. As identificações se tornam estruturais para isso. Como o psicanalista Calligaris diz,

> Contrariamente às crianças, os adolescentes em geral considerarão que sua verdadeira comunidade não é a família. A crise da família revela de fato que os próprios adultos estão tomados por pruridos adolescentes, com ânsia de rebeldia e liberdades (...) A verdadeira comunidade do adolescente é composta por seus coetâneos e, entre estes, pelo grupo restrito de pares com os quais compartilha as escolhas de estilo mais importantes (...) O adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue (Calligaris, 2008, p. 36).

Estes jovens eram divididos em grupo, *kvutzá*, de acordo com as faixas etárias. No entanto, a convivência era intensa, pois eles eram estimulados pela *tnuá* e pelos *madrichim* a pensar, trocar e construir. Cresciam juntos e passavam pelas diferentes fases do movimento de modo conjunto: ser *chanich*, depois *madrich* e depois *boguer* (maduro), momento que os autorizava a participar da *hanagá* (liderança). Mesmo saindo da *tnuá* as relações permanecem devido o vínculo criado. O filósofo Luiz Felipe Pondé diz que a relação que se cria nesse ambiente é *sui generis* e reflete:

> *LF: Me parece que era um laboratório onde as pessoas iam se diferenciando e mostrando certas características, certo? Certos traços de comportamento e a própria autonomia que a experiência dava, propiciava essa manifestação de temperamentos que até hoje quando a gente se encontra, se você der a chance de repetir o processo se repete o processo nesses encontros sabe? Uma kvutza que sempre discutiu muito, debateu muito, falou muito, brigou muito. Então de repente se alimenta de temas contemporâneos e o problema volta, problema não, a dinâmica volta. Aqueles que são mais afins de deixar os outros viver do jeito que são, um pouco mais soltos, aqueles que hoje parecem pedagogos autoritários como metáfora não são pedagogos certamente Claro, mas pedagogos autoritários e é nesse sentido é pelo menos para mim foi um ambiente em que foi formativo no sentido forte da expressão.*

Os jovens se agrupam na tentativa de serem melhor compreendidos, o que não sentem por parte dos adultos que se relacionam. Sabe-se que ao se encontrar em coletivos, o jovem se sente mais empoderado e mais legitimado pelos seus pares,

portanto, eles passam a se bastar e dispensam os adultos que não compreendem suas indignações sobre as injustiças que percebem e as contradições do mundo, as quais os adultos não se manifestam sobre.

> As inquietudes da juventude na época se voltavam para a questão social e para a questão judaica, sobretudo devido ao impacto causado pela consciência do que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, e esses sentimentos em relação ao que se passara eram muito fortes e dolorosos. Éramos uma geração que acompanhou o desenrolar da guerra através da imprensa, e, sabendo a dimensão do Holocausto, os demais já passavam a não ter maior significado. Havíamos perdido entes queridos e não sabíamos, naquele momento, as verdadeiras razões e o que levara ao extermínio deliberado de um povo (Falbel, 2010, p. 138).

> Entrei no Dror, e a partir daí minha vida tomou novo rumo e se voltou à militância no movimento, o que, de certa forma, veio preencher e atender às minhas ansiedades pessoais de jovem adolescente (Falbel, 2010, p. 138).

A fala do filósofo Luiz Felipe Pondé expressa a preocupação de um jovem com essas duas questões (social e judaica):

> *LF: O meu vínculo é basicamente com Israel mesmo a história do sionismo e que significa, o que significou Israel no movimento socialista que foi como eu comecei também o interesse pela vida no kibutz… pela experiência socialista, hoje eu tô muito longe disso, mas era uma questão bem importante para mim, assim como a reconstrução do Estado de judeu.*

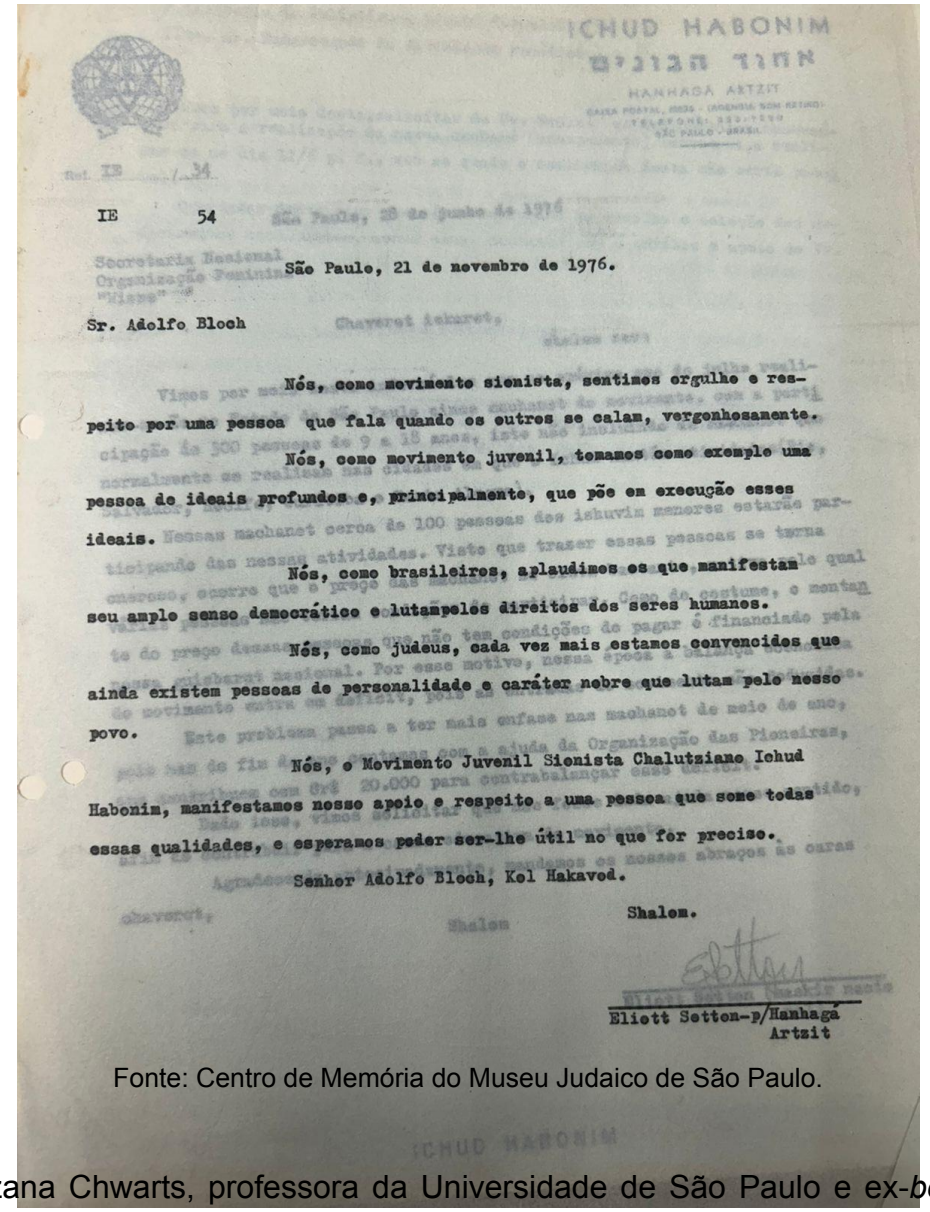
Estes jovens do Dror se encontravam em plena ditadura civil-militar no Brasil. Como se pressupunha no estatuto do movimento, eles não se posicionavam frente à política brasileira e isso os colocava em mais uma crise de identidade: em que medida o nacionalismo define alguém? Eram brasileiros que pensavam em Israel, mas que também se indignavam frente às opressões vividas em solo brasileiro. Retorna — ou mantém-se — o conflito que atravessa esse movimento: como ser sionista sem se assimilar? Ou seja, como conciliar as bandeiras desses jovens que tinham uma identidade cindida? Eram brasileiros judeus? Ou judeus brasileiros?

Uma coisa era certa: neste ambiente podiam pensar como queriam e eram estimulados a fundamentar esses pensamentos, por mais que houvessem perturbações do DOPS, que não entendia muito bem o que era aquele movimento, se era subversivo ou não. Mesmo assim, os militares batiam na porta para confirmar, Rubens Volich se recorda:

> *E: Você se recorda de alguma coisa do DOPS batendo no Dror?*

> *R: Muito, claro que me recordo. Inclusive essa foi uma das coisas importantes, né importantes de eu decidi participar né? Porque realmente era um ambiente onde a gente podia pensar diferente.*

Uma carta evidencia o conflito, mas também a necessidade de posicionamento como sionistas, brasileiros e judeus:



ICHUD HABONIM
אחוד הבונים
HANHAGA ARTZIT

IE 54

São Paulo, 21 de novembro de 1976.

Sr. Adolfo Bloch

Nós, como movimento sionista, sentimos orgulho e respeito por uma pessoa que fala quando os outros se calam, vergonhosamente.

Nós, como movimento juvenil, tomamos como exemplo uma pessoa de ideais profundos e, principalmente, que põe em execução esses ideais.

Nós, como brasileiros, aplaudimos os que manifestam seu amplo senso democrático e lutampelos direitos dos seres humanos.

Nós, como judeus, cada vez mais estamos convencidos que ainda existem pessoas de personalidade e caráter nobre que lutam pelo nosso povo.

Nós, o Movimento Juvenil Sionista Chalutziano Ichud Habonim, manifestamos nosso apoio e respeito a uma pessoa que some todas essas qualidades, e esperamos poder ser-lhe útil no que for preciso.

Senhor Adolfo Bloch, Kol Hakavod.

Shalom.

Eliott Setton-p/Hanhagá Artzit

ICHUD HABONIM

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Suzana Chwarts, professora da Universidade de São Paulo e ex-*bogueret* da *tnuá*, pensa esse fator político — o autoritarismo — como algo que fortificou o espaço do movimento juvenil:

> *S: Porque eu vou te dizer que o que eu gostava era a parte social, as festas. Os encontros, as leituras, Borochov, Katznelson eu ainda me lembro desses nomes.*
> *Essas leituras, pense em jovens por exemplo, eu com 17 anos, entrei na faculdade de Direito. A faculdade de direito, eu não peguei a abertura do Brasil quando eu sai do Brasil que eu fiz aliá em 1980, aí tava começando o processo de abertura alguns livros, etc, eu estava na Faculdade de Direito onde tinha esses movimentos Grêmio etc um pouco de esquerda, eu venho de um ano em Israel, kibutz e todas aquelas ideias então, para nós aquilo que a gente aprendeu na tnuá seja muito, seja pouco o pensadores porque era mais pensadores, né?* ***A Teoria de um, Borochov, a teoria do outro a teoria do outro esse sionismo de esquerda e as e as ideias que agradam a qualquer jovem, principalmente se ele vive numa ditadura militar então se unia do ponto de vista intelectual a tnuá era uma escapatória a narrativa do Brasil "ame ou deixe-o" e outros slogans da ditadura.*** *Eram ideias lindas, como são todas as ideias socialistas, elas são as ideias mas eu não creio que elas sejam exequíveis, mas são ideias poéticas então Israel era o nosso lado subversivo que não podia que ninguém podia exercer porque ia*

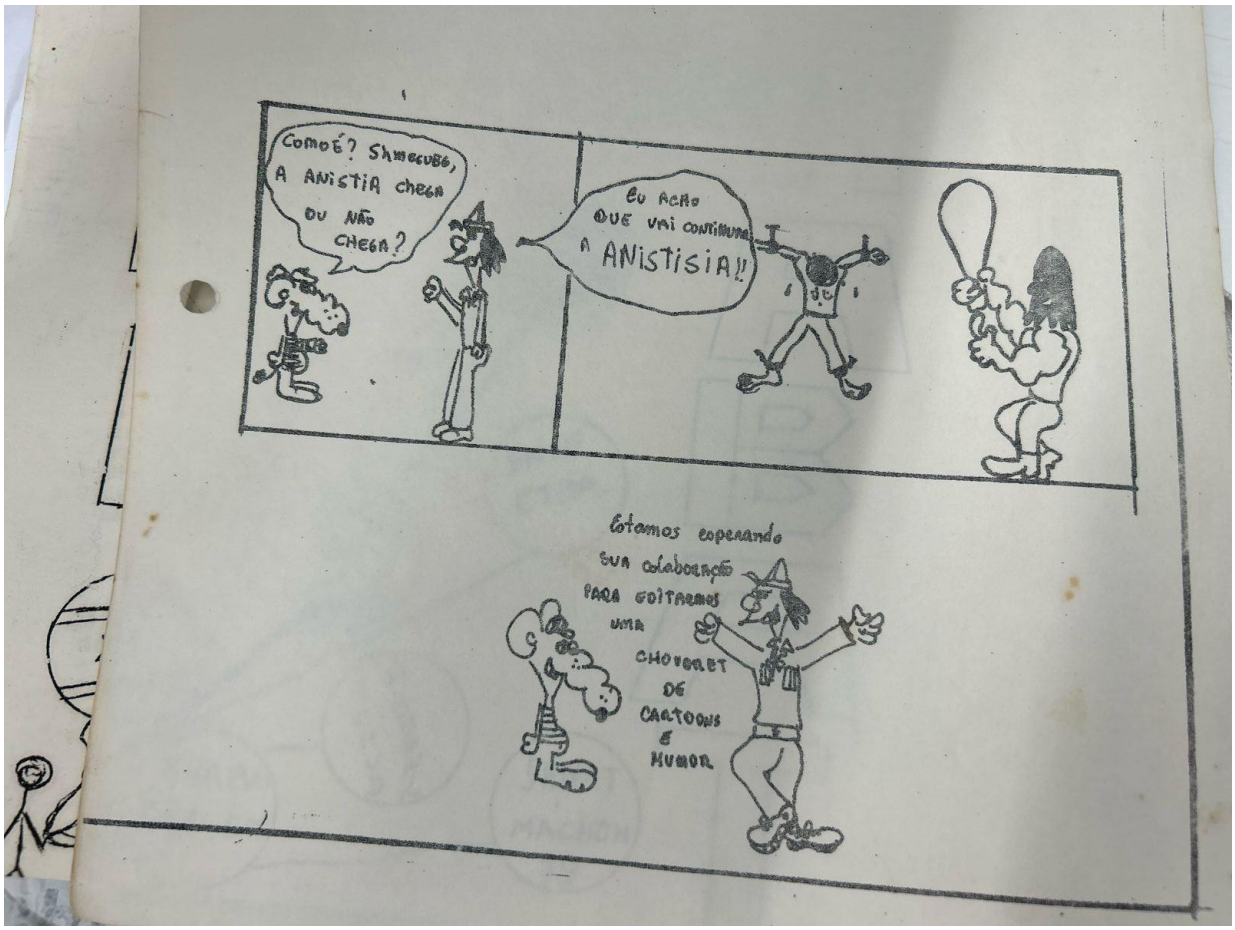
> *preso no Brasil era transportado para Israel, essa transposição é ela não era paradoxal em nenhum momento ela não nos colocava numa situação de contradição, porque ao mesmo tempo que havia esse amor por Israel e por essas ideias socialistas sionistas. Israel, era o lugar onde a gente ia fazer Shnat e Machon e voltava para casa. Israel era um outro lado do mundo, era uma ruptura imensa se fazer um aliá para Israel.*
>
> *S: Porque como havia a ditadura militar os pais ficavam muito apreensivos em ver os filhos aí como crianças numa estrutura, supostamente de esquerda. A gente nem sabia se era de esquerda ou não era, mas ele sabiam.*

O tema era discutido principalmente pelos *bogrim* que participavam de movimentos estudantis e tinham mais informações e mais experiência política no tema. É perceptível pelo arquivo que muitas das manifestações políticas eram internas, nos jornais que circulavam no movimento, os chamados *itonim*. Eles eram uma possibilidade de o jovem elaborar o pensamento e publicá-lo. Noemi Jaffe relata:

> *NJ: Eu acho que é muito importante, né? Esse envolvimento do corpo com o ideal. Então é por aí, eu sempre gostei muito de ler, de estudar, de escrever e no Ichud eu acho que com os 12/13 anos eu passei a ser responsável, eu junto com a minha prima Sueli pelo jornal do ichud, né? Então a gente montou um jornal super bacana, teve notícias fofoca, fazia a palavra cruzada, falava da ditadura e fazia o jornal com todas as sessões né? A gente imprimia no mimeógrafo.[...] A gente discutia notícias de jornal tanto sobre a ditadura quanto sobre o socialismo, a gente aprendeu que era socialismo, como que se vivia no kibutz e a gente tinha altas discussões as machanot eram temáticas. Sei lá tinha uma machané com um tema Liberdade Justiça, democracia, aí a gente discutia muito nas peulot*
> *[...]*
> *E: E o iton, né, que você comentou do jornal, você acha que foi uma primeira experiência de publicação?*
>
> *NJ: (ri) Acho, acho que sim, eu já gostava de escrever, aí eu escrevi umas maluquices lá*

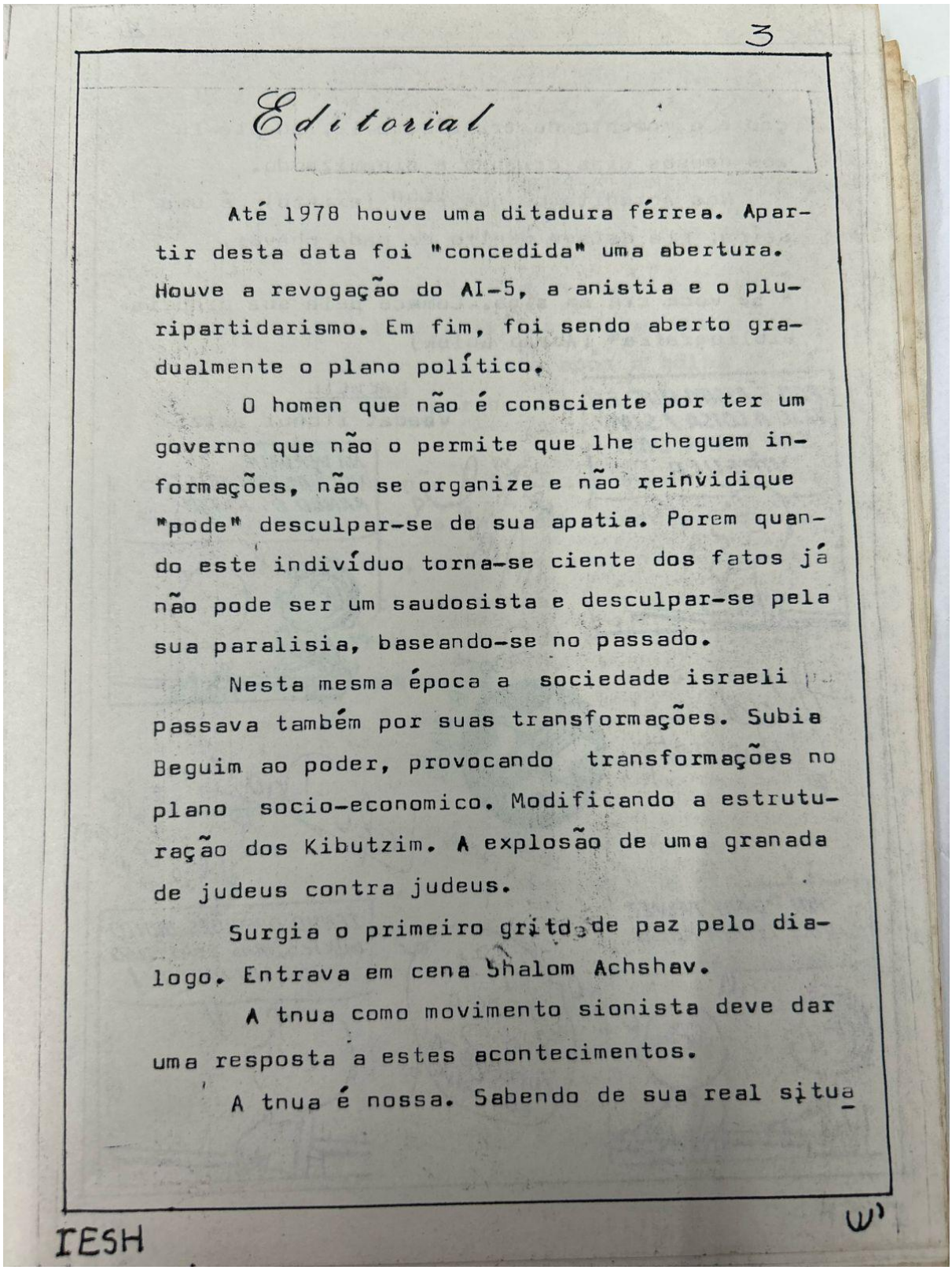
Sobre a ditadura alguns materiais foram encontrados:

Figura 15 – Quadrinho feito para iton interno.



Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 16 – Texto para iton sobre ditadura brasileira.



3

Editorial

Até 1978 houve uma ditadura férrea. Apartir desta data foi "concedida" uma abertura. Houve a revogação do AI-5, a anistia e o pluripartidarismo. Em fim, foi sendo aberto gradualmente o plano político.

O homen que não é consciente por ter um governo que não o permite que lhe cheguem informações, não se organize e não reinvidique "pode" desculpar-se de sua apatia. Porem quando este indivíduo torna-se ciente dos fatos já não pode ser um saudosista e desculpar-se pela sua paralisia, baseando-se no passado.

Nesta mesma época a sociedade israeli passava também por suas transformações. Subia Beguim ao poder, provocando transformações no plano socio-economico. Modificando a estruturação dos Kibutzim. A explosão de uma granada de judeus contra judeus.

Surgia o primeiro grito de paz pelo dialogo. Entrava em cena Shalom Achshav.

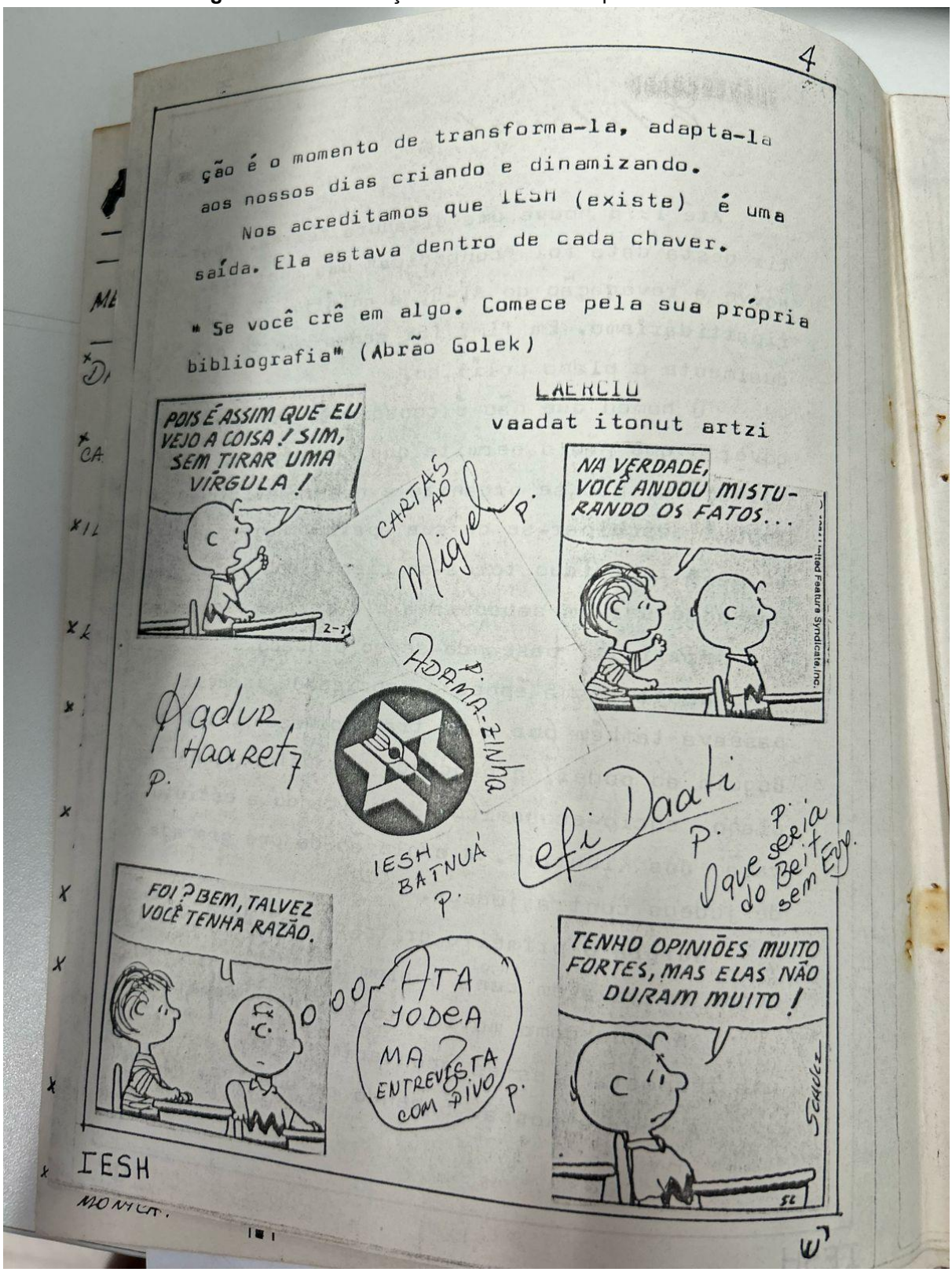
A tnua como movimento sionista deve dar uma resposta a estes acontecimentos.

A tnua é nossa. Sabendo de sua real situa

IESH

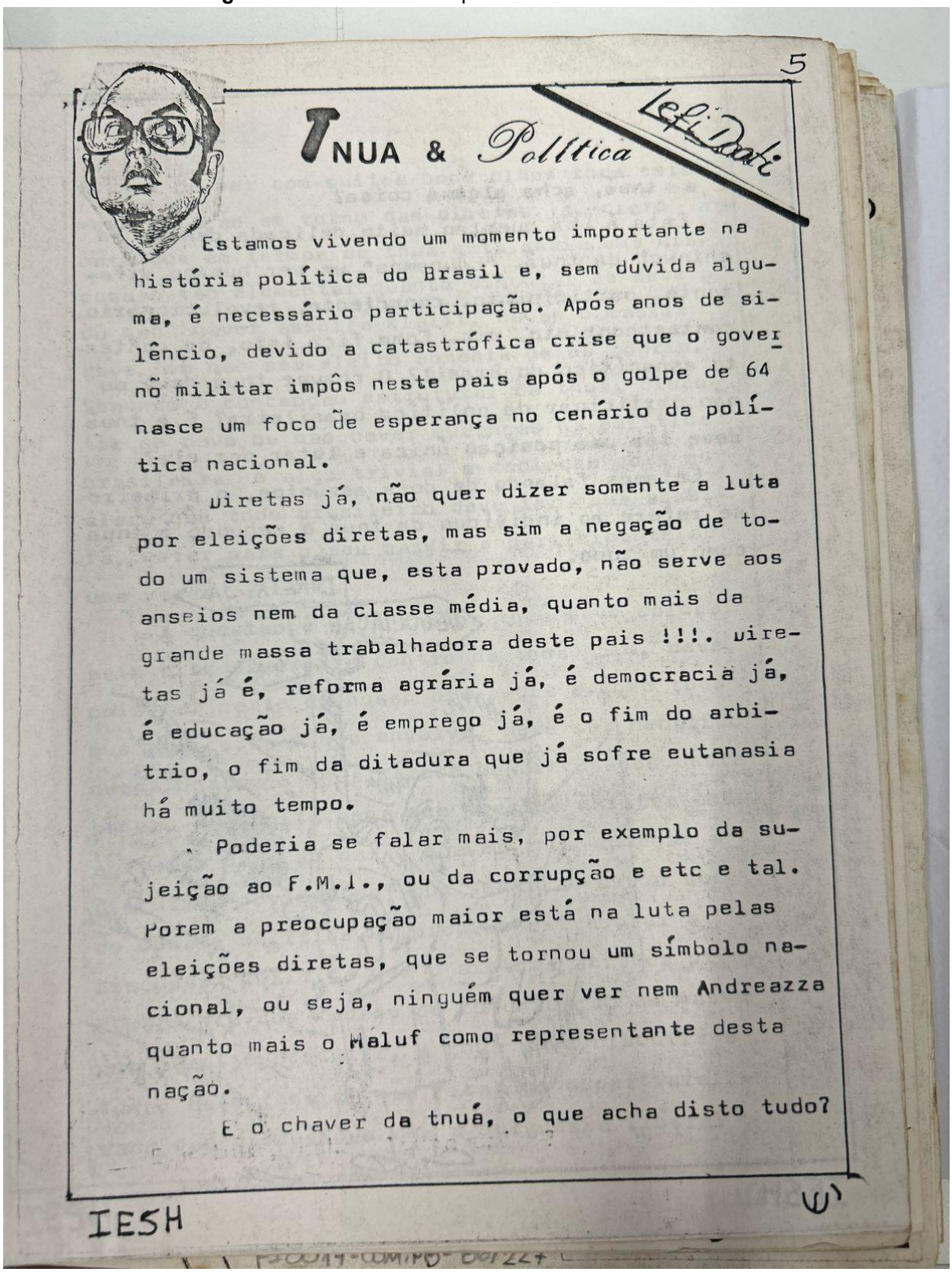
Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 17 – Continuação do texto e tirinhas publicadas no iton.



Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 18 - Reflexão sobre posicionamento da tnuá no Brasil



5

TNUA & Polltica

Estamos vivendo um momento importante na história política do Brasil e, sem dúvida alguma, é necessário participação. Após anos de silêncio, devido a catastrófica crise que o governo militar impôs neste pais após o golpe de 64 nasce um foco de esperança no cenário da política nacional.

Diretas já, não quer dizer somente a luta por eleições diretas, mas sim a negação de todo um sistema que, esta provado, não serve aos anseios nem da classe média, quanto mais da grande massa trabalhadora deste pais !!!. Diretas já é, reforma agrária já, é democracia já, é educação já, é emprego já, é o fim do arbitrio, o fim da ditadura que já sofre eutanasia há muito tempo.

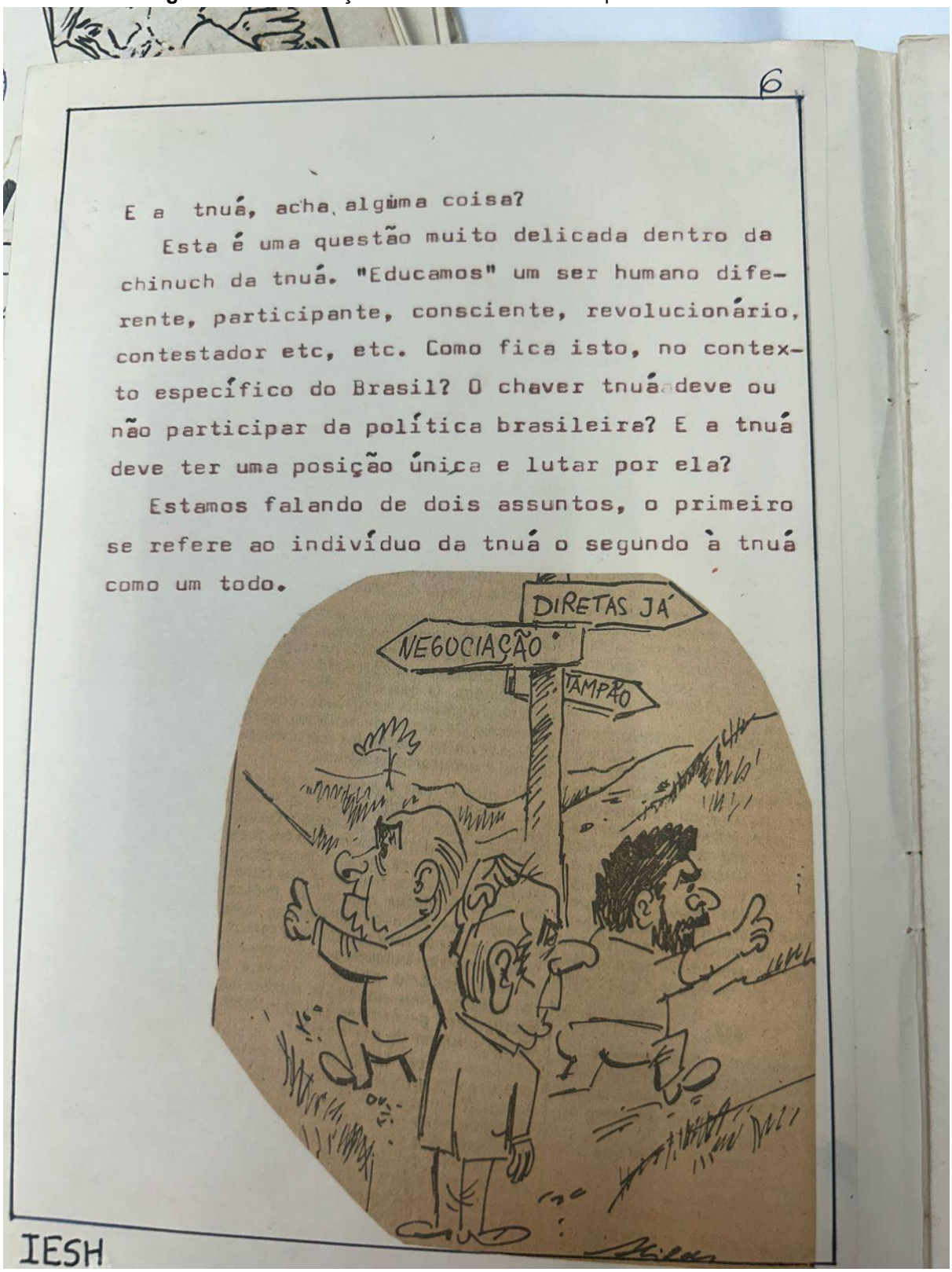
. Poderia se falar mais, por exemplo da sujeição ao F.M.I., ou da corrupção e etc e tal. Porem a preocupação maior está na luta pelas eleições diretas, que se tornou um símbolo nacional, ou seja, ninguém quer ver nem Andreazza quanto mais o Maluf como representante desta nação.

E o chaver da tnuá, o que acha disto tudo?

IESH

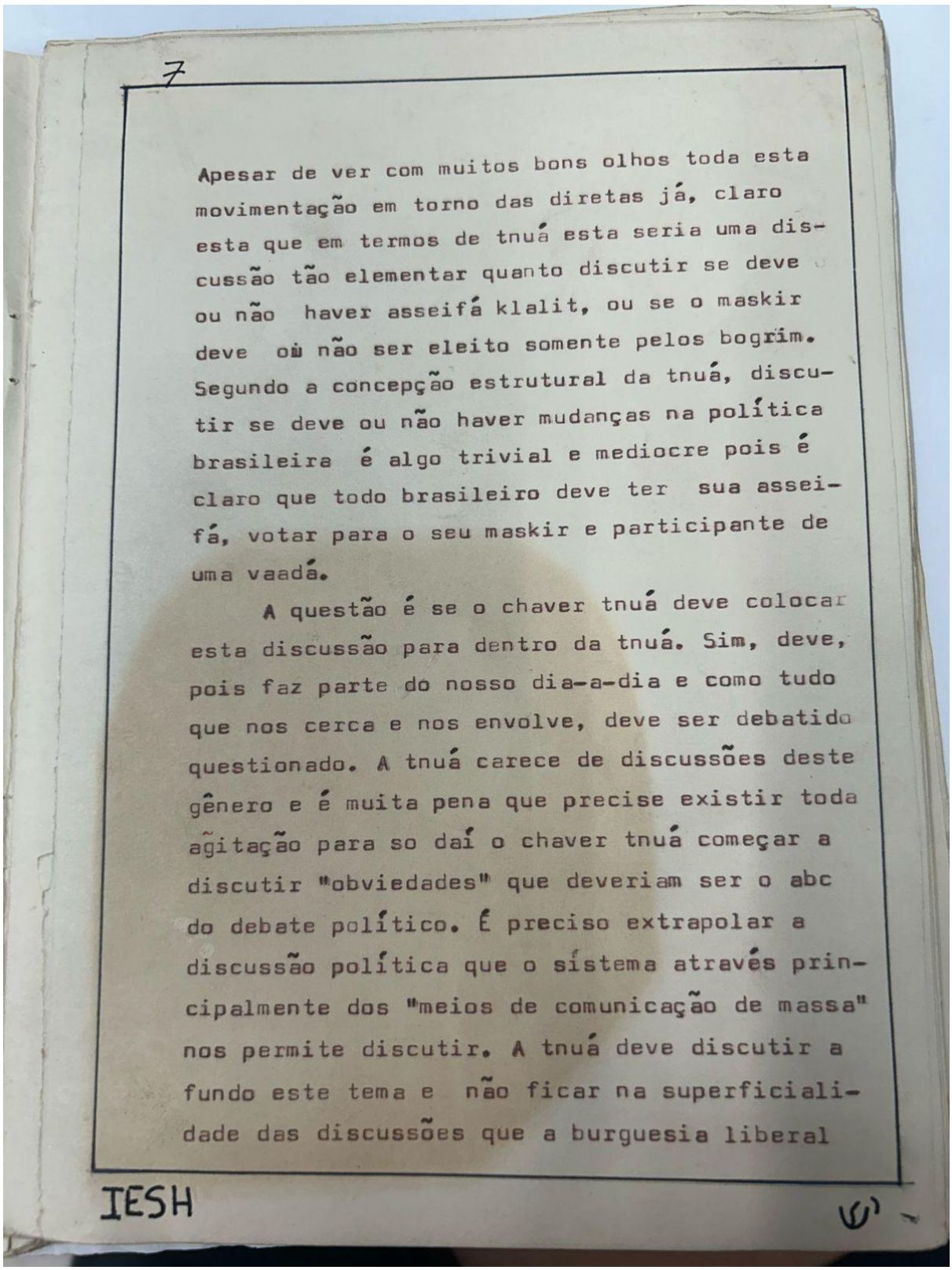
Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 19 - Continuação do texto reflexivo sobre posicionamento da tnuá



Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 20 - Reflexão sobre posicionamento da tnuá no Brasil



7

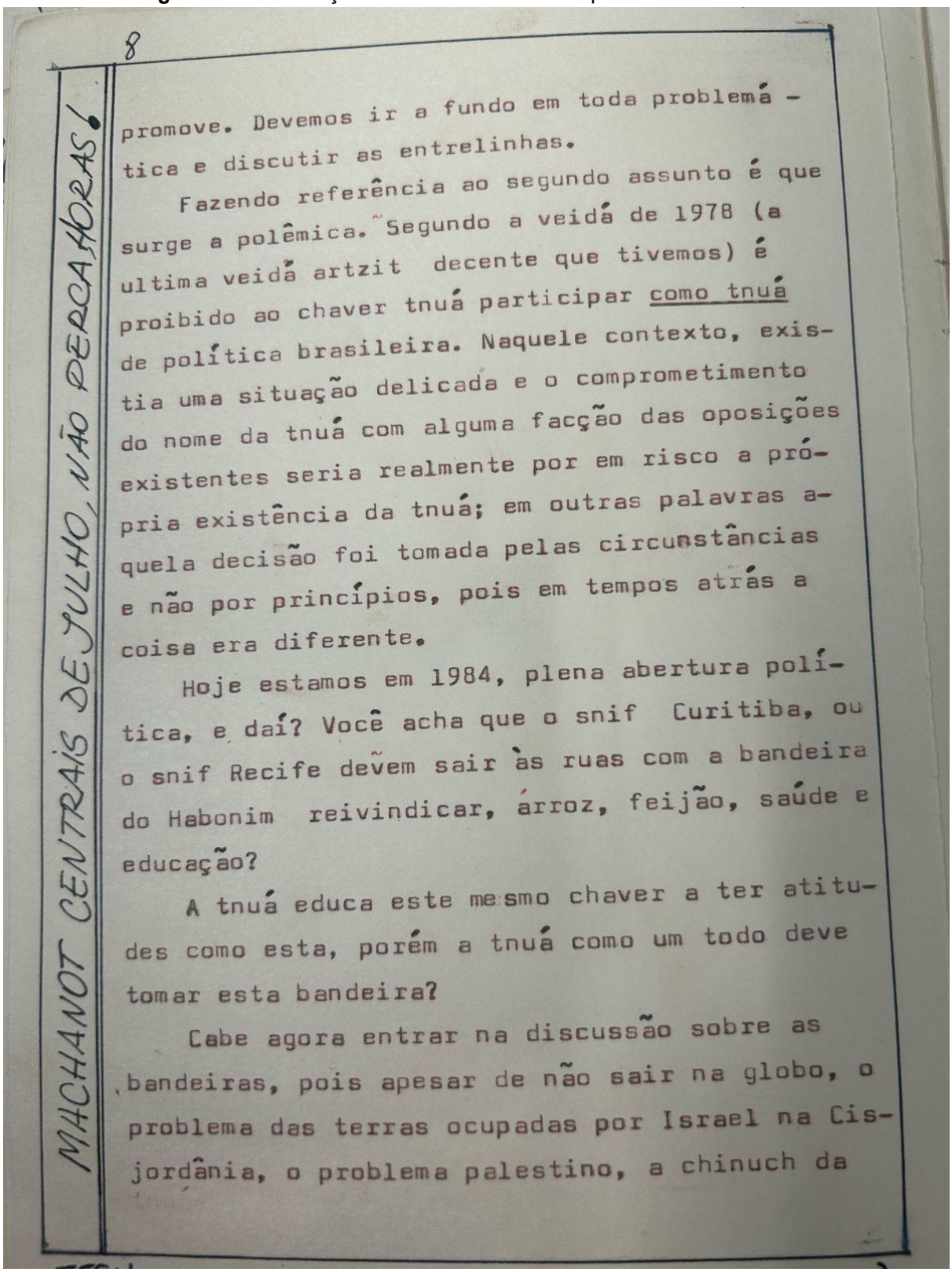
Apesar de ver com muitos bons olhos toda esta movimentação em torno das diretas já, claro esta que em termos de tnuá esta seria uma discussão tão elementar quanto discutir se deve ou não haver asseifá klalit, ou se o maskir deve ou não ser eleito somente pelos bogrim. Segundo a concepção estrutural da tnuá, discutir se deve ou não haver mudanças na política brasileira é algo trivial e mediocre pois é claro que todo brasileiro deve ter sua asseifá, votar para o seu maskir e participante de uma vaadá.

A questão é se o chaver tnuá deve colocar esta discussão para dentro da tnuá. Sim, deve, pois faz parte do nosso dia-a-dia e como tudo que nos cerca e nos envolve, deve ser debatido questionado. A tnuá carece de discussões deste gênero e é muita pena que precise existir toda agitação para so daí o chaver tnuá começar a discutir "obviedades" que deveriam ser o abc do debate político. É preciso extrapolar a discussão política que o sistema através principalmente dos "meios de comunicação de massa" nos permite discutir. A tnuá deve discutir a fundo este tema e não ficar na superficialidade das discussões que a burguesia liberal

IESH

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 21 -Continuação do texto reflexivo sobre posicionamento da tnuá



8

promove. Devemos ir a fundo em toda problemá - tica e discutir as entrelinhas.

Fazendo referência ao segundo assunto é que surge a polêmica. Segundo a veidá de 1978 (a ultima veidá artzit decente que tivemos) é proibido ao chaver tnuá participar como tnuá de política brasileira. Naquele contexto, existia uma situação delicada e o comprometimento do nome da tnuá com alguma facção das oposições existentes seria realmente por em risco a própria existência da tnuá; em outras palavras aquela decisão foi tomada pelas circunstâncias e não por princípios, pois em tempos atrás a coisa era diferente.

Hoje estamos em 1984, plena abertura política, e daí? Você acha que o snif Curitiba, ou o snif Recife devem sair às ruas com a bandeira do Habonim reivindicar, árroz, feijão, saúde e educação?

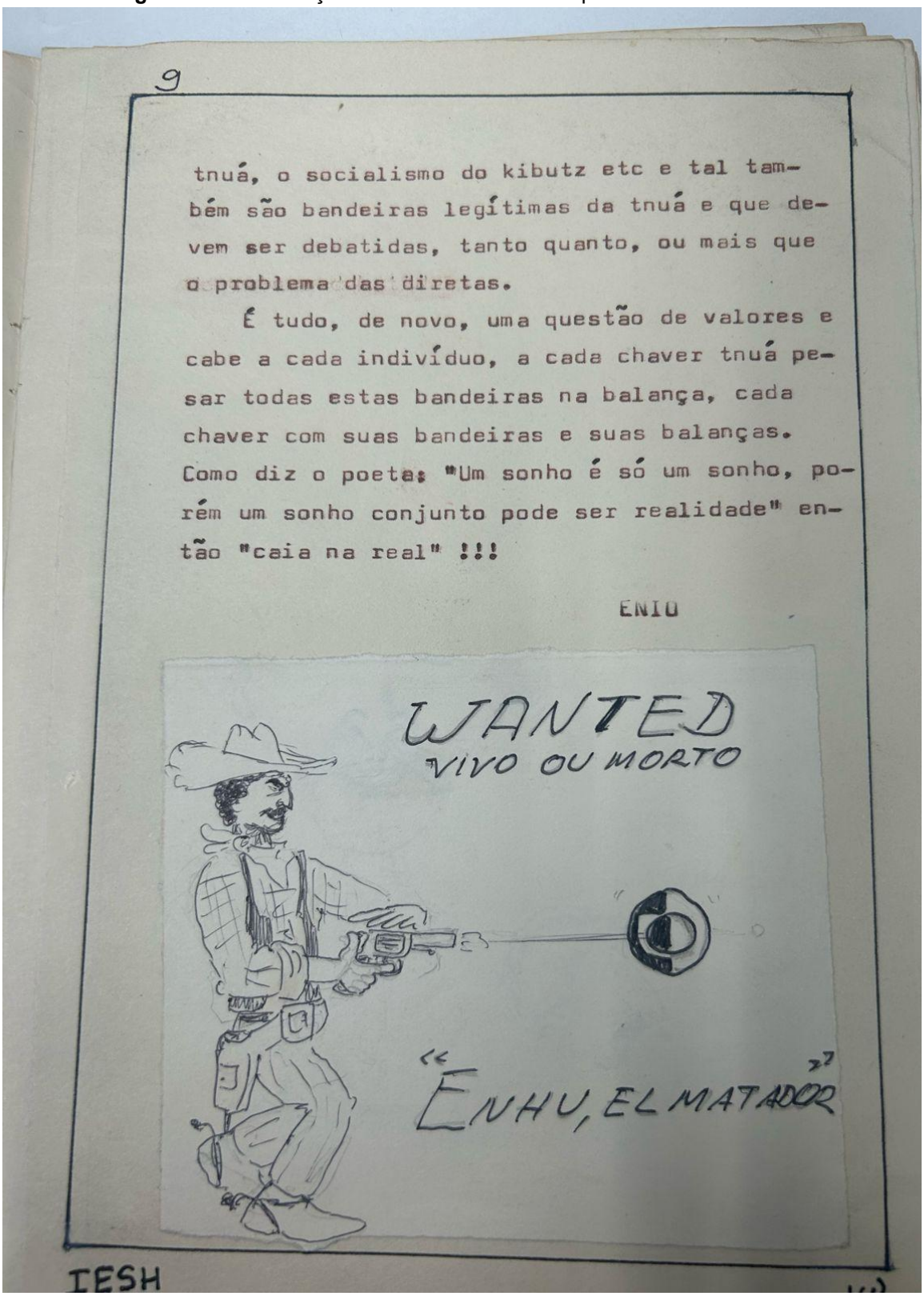
A tnuá educa este mesmo chaver a ter atitudes como esta, porém a tnuá como um todo deve tomar esta bandeira?

Cabe agora entrar na discussão sobre as bandeiras, pois apesar de não sair na globo, o problema das terras ocupadas por Israel na Cisjordânia, o problema palestino, a chinuch da

MACHANOT CENTRAIS DE JULHO, NÃO PERCA HORAS!

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 22 - Continuação do texto reflexivo sobre posicionamento da tnuá



9

tnuá, o socialismo do kibutz etc e tal também são bandeiras legítimas da tnuá e que devem ser debatidas, tanto quanto, ou mais que o problema das diretas.

É tudo, de novo, uma questão de valores e cabe a cada indivíduo, a cada chaver tnuá pesar todas estas bandeiras na balança, cada chaver com suas bandeiras e suas balanças. Como diz o poeta: "Um sonho é só um sonho, porém um sonho conjunto pode ser realidade" então "caia na real" !!!

ENIO

IESH

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

.

Outro entrevistado, Daniel Kupermann, também professor da Universidade de São Paulo, conta sua lembrança sobre o momento da ditadura no movimento juvenil e sua participação e contribuição a respeito do momento político:

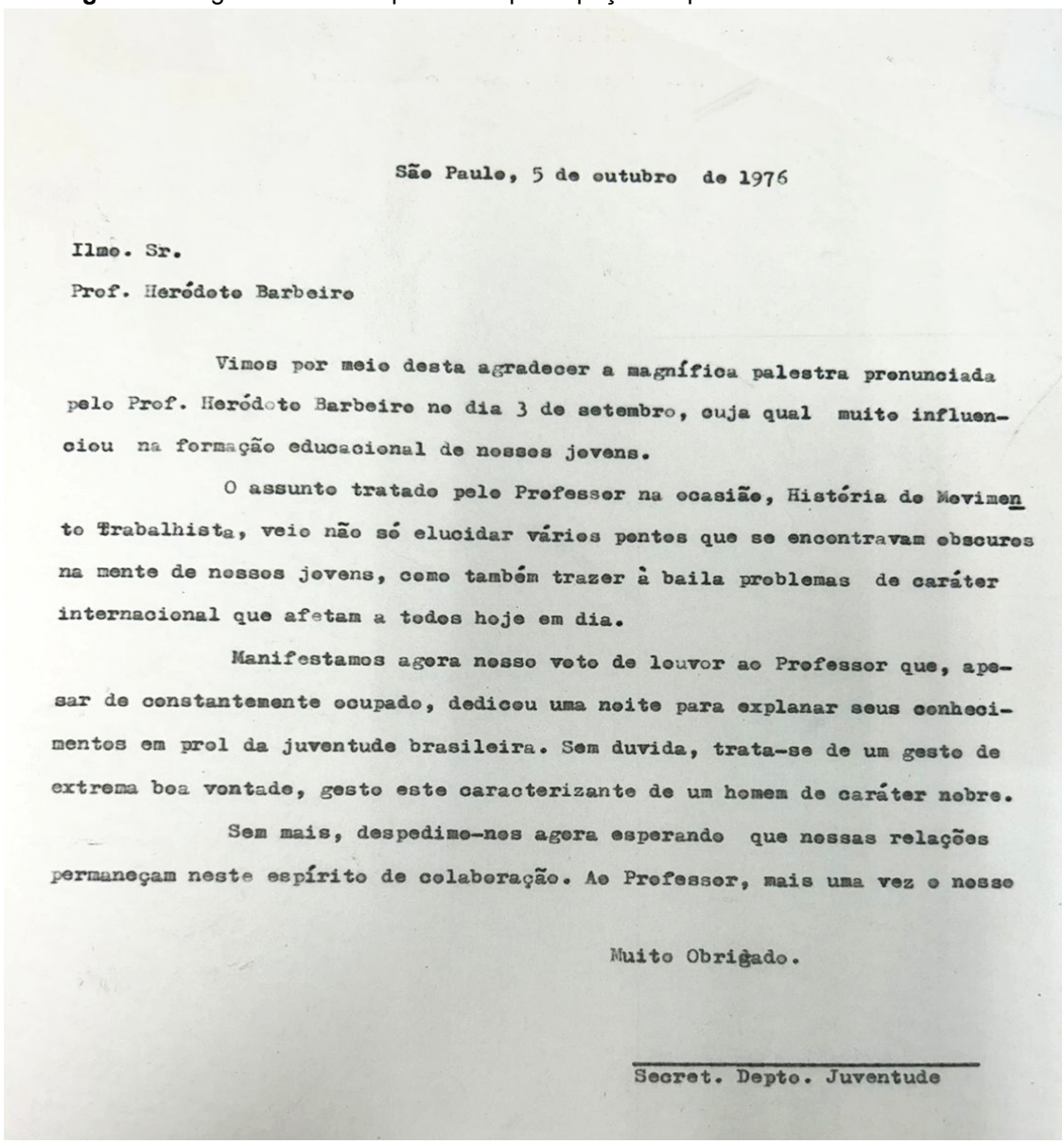
> *D: Eu me lembro de que foi eu fui madrich um ano antes, provavelmente 81. E eu trabalhei o livro do Gabeira que tinha acabado de chegar no Brasil de volta do exílio, né? "O que é isso companheiro?" e eu me lembro de peulot sobre o livro do Gabeira.*
> *[...]*
> *Então eu cresci na ditadura. E aí na adolescência a minha adolescência já vinha ali um declínio da ditadura militar e eu lia jornal, então tinha o movimento. Mas eu acho que por exemplo eu devo ter sido o único que levou m intelectual brasileiro para tnuá. Peulá sobre Gabeira, né?*

A fomentação cultural intelectual também existia por um esforço dos educadores (*madrichim*). Eles viam filmes, visitavam exposições e liam e discutiam livros justamente porque eram eles próprios responsáveis pela sua formação. Como Rubens Volich complementa:

> *R: Essa humildade que justamente você na tua insegurança adolescente perceber que você tem que aprender que você tem que estudar para poder dar conta da responsabilidade que é ser madrich. Isso é muito formador.*

Novamente, o espaço da *tnuá* mostra liberdade no que diz respeito à expressividade, mas acompanhado dessa autorregulação, pois evitando a onipotência da adolescência de autodidatismo, também eram convidados grandes nomes para esses adolescentes aprenderem. Como é o caso desta carta abaixo, de 1976, ao professor e historiador Heródoto Barbeiro, que na época havia se elegido pelo partido ARENA e, uma década depois, se filia ao Partido dos Trabalhadores e da carta enviada por Porto Alegre para o *Snif* São Paulo para saber mais da exposição de artistas israelenses que estava ocorrendo na metrópole.

Figura 23 - Agradecimento a palestra e participação do professor Heródoto Barbeiro



São Paulo, 5 de outubro de 1976

Ilmo. Sr.

Prof. Heródoto Barbeiro

Vimos por meio desta agradecer a magnífica palestra pronunciada pelo Prof. Heródoto Barbeiro no dia 3 de setembro, cuja qual muito influenciou na formação educacional de nossos jovens.

O assunto tratado pelo Professor na ocasião, História do Movimento Trabalhista, veio não só elucidar vários pontos que se encontravam obscuros na mente de nossos jovens, como também trazer à baila problemas de caráter internacional que afetam a todos hoje em dia.

Manifestamos agora nosso voto de louvor ao Professor que, apesar de constantemente ocupado, dedicou uma noite para explanar seus conhecimentos em prol da juventude brasileira. Sem duvida, trata-se de um gesto de extrema boa vontade, gesto este caracterizante de um homem de caráter nobre.

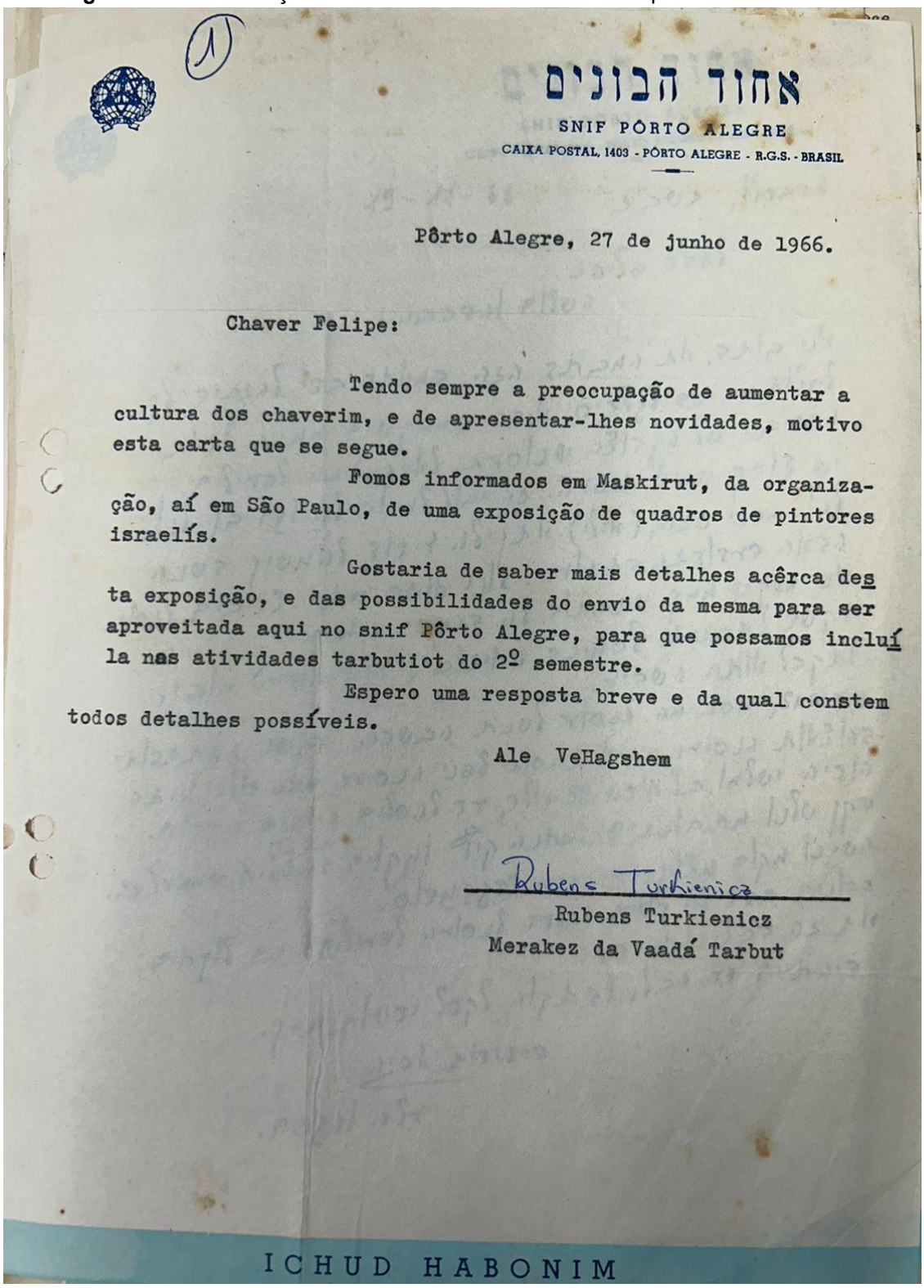
Sem mais, despedimo-nos agora esperando que nossas relações permaneçam neste espírito de colaboração. Ao Professor, mais uma vez o nosso

Muito Obrigado.

Secret. Depto. Juventude

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 24 - Comunicação entre snifim a fim de fomentar o repertório dos chaverim



אחוד הבונים

SNIF PÔRTO ALEGRE

CAIXA POSTAL, 1403 - PÔRTO ALEGRE - R.G.S. - BRASIL

Pôrto Alegre, 27 de junho de 1966.

Chaver Felipe:

Tendo sempre a preocupação de aumentar a cultura dos chaverim, e de apresentar-lhes novidades, motivo esta carta que se segue.

Fomos informados em Maskirut, da organização, aí em São Paulo, de uma exposição de quadros de pintores israelís.

Gostaria de saber mais detalhes acêrca desta exposição, e das possibilidades do envio da mesma para ser aproveitada aqui no snif Pôrto Alegre, para que possamos incluí la nas atividades tarbutiot do 2º semestre.

Espero uma resposta breve e da qual constem todos detalhes possíveis.

Ale VeHagshem

Rubens Turkienicz

Rubens Turkienicz
Merakez da Vaadá Tarbut

ICHUD HABONIM

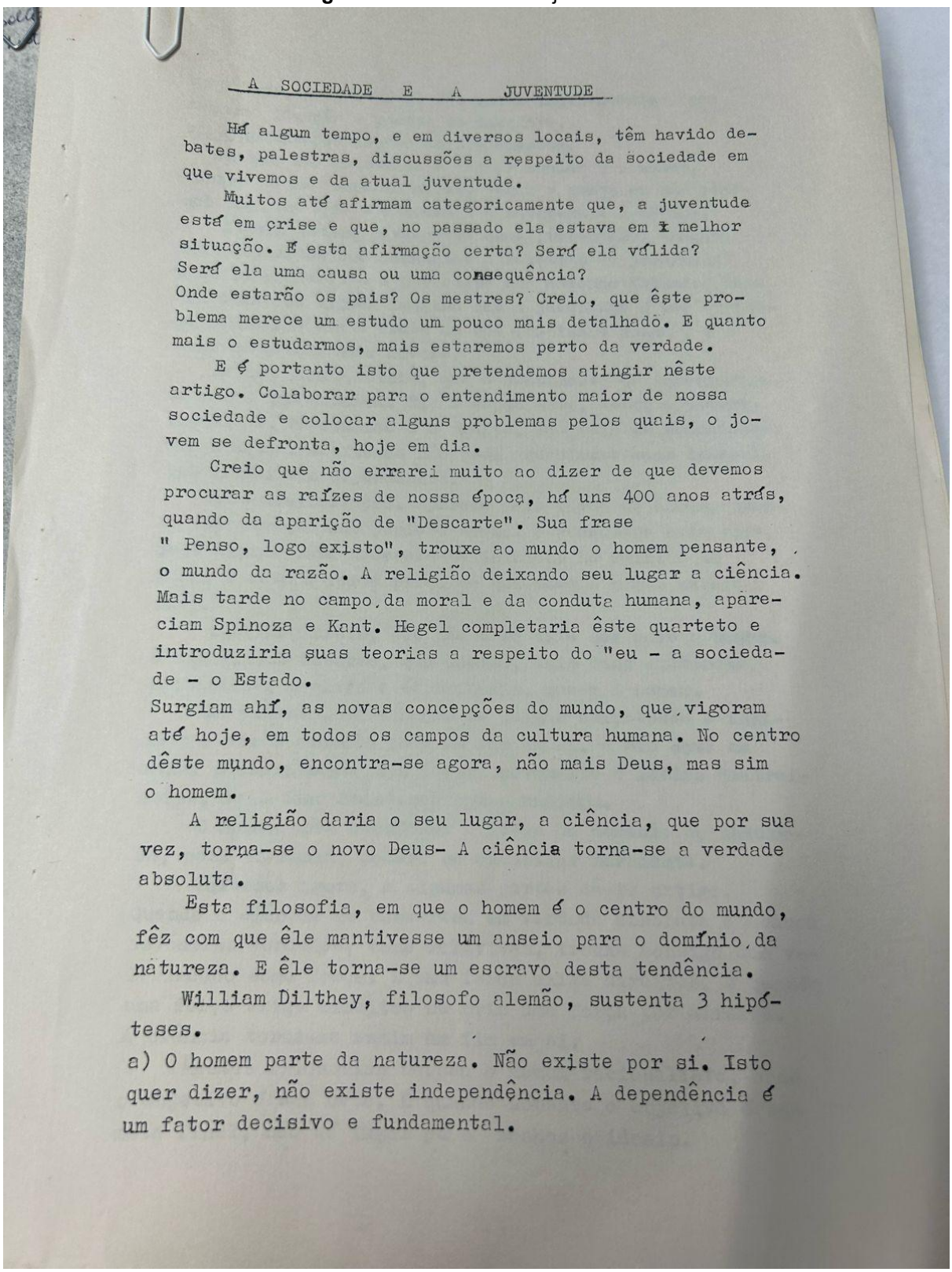
Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

A própria faixa etária instigava pensar sobre o momento que o grupo atravessava na vida, a adolescência. Acompanhado disso, os entrevistados

relembram a rigidez desse coletivo que tinha uma lista de leituras obrigatórias, o que os alinhariam politicamente.

> *A: Com 16 eu conheci uma psicóloga que veio dar uma palestra para nós sobre adolescentes e tal, né? Então eu comecei a ler sobre as crises da adolescência, a ler sobre fatores que influenciavam na formação da personalidade. Coisa de adolescente 16, 17 anos, a gente estava lendo Arnold Gesell, tinha um livro de psicologia de evolução tava lendo como eu tinha dito antes Erich Fromm que era um cara que tentava ligar Freud com Marx, né? Um cara ligado à escola de Frankfurt, naquela época era uma referência.*
>
> *I: Um pouco de questão de classe sim, questões socialistas sim, questões de ordem psicológica, porque era um movimento educativo. Então se li na época Freud, se lia o cara que era na muito na moda naquela época era o Erich Fromm*

Figura 25 - Material sobre juventude.



A SOCIEDADE E A JUVENTUDE

Há algum tempo, e em diversos locais, têm havido debates, palestras, discussões a respeito da sociedade em que vivemos e da atual juventude.

Muitos até afirmam categoricamente que, a juventude está em crise e que, no passado ela estava em melhor situação. É esta afirmação certa? Será ela válida? Será ela uma causa ou uma consequência? Onde estarão os pais? Os mestres? Creio, que êste problema merece um estudo um pouco mais detalhado. E quanto mais o estudarmos, mais estaremos perto da verdade.

E é portanto isto que pretendemos atingir nêste artigo. Colaborar para o entendimento maior de nossa sociedade e colocar alguns problemas pelos quais, o jovem se defronta, hoje em dia.

Creio que não errarei muito ao dizer de que devemos procurar as raízes de nossa época, há uns 400 anos atrás, quando da aparição de "Descarte". Sua frase " Penso, logo existo", trouxe ao mundo o homem pensante, o mundo da razão. A religião deixando seu lugar a ciência. Mais tarde no campo da moral e da conduta humana, apareciam Spinoza e Kant. Hegel completaria êste quarteto e introduziria suas teorias a respeito do "eu - a sociedade - o Estado.

Surgiam ahí, as novas concepções do mundo, que vigoram até hoje, em todos os campos da cultura humana. No centro dêste mundo, encontra-se agora, não mais Deus, mas sim o homem.

A religião daria o seu lugar, a ciência, que por sua vez, torna-se o novo Deus- A ciência torna-se a verdade absoluta.

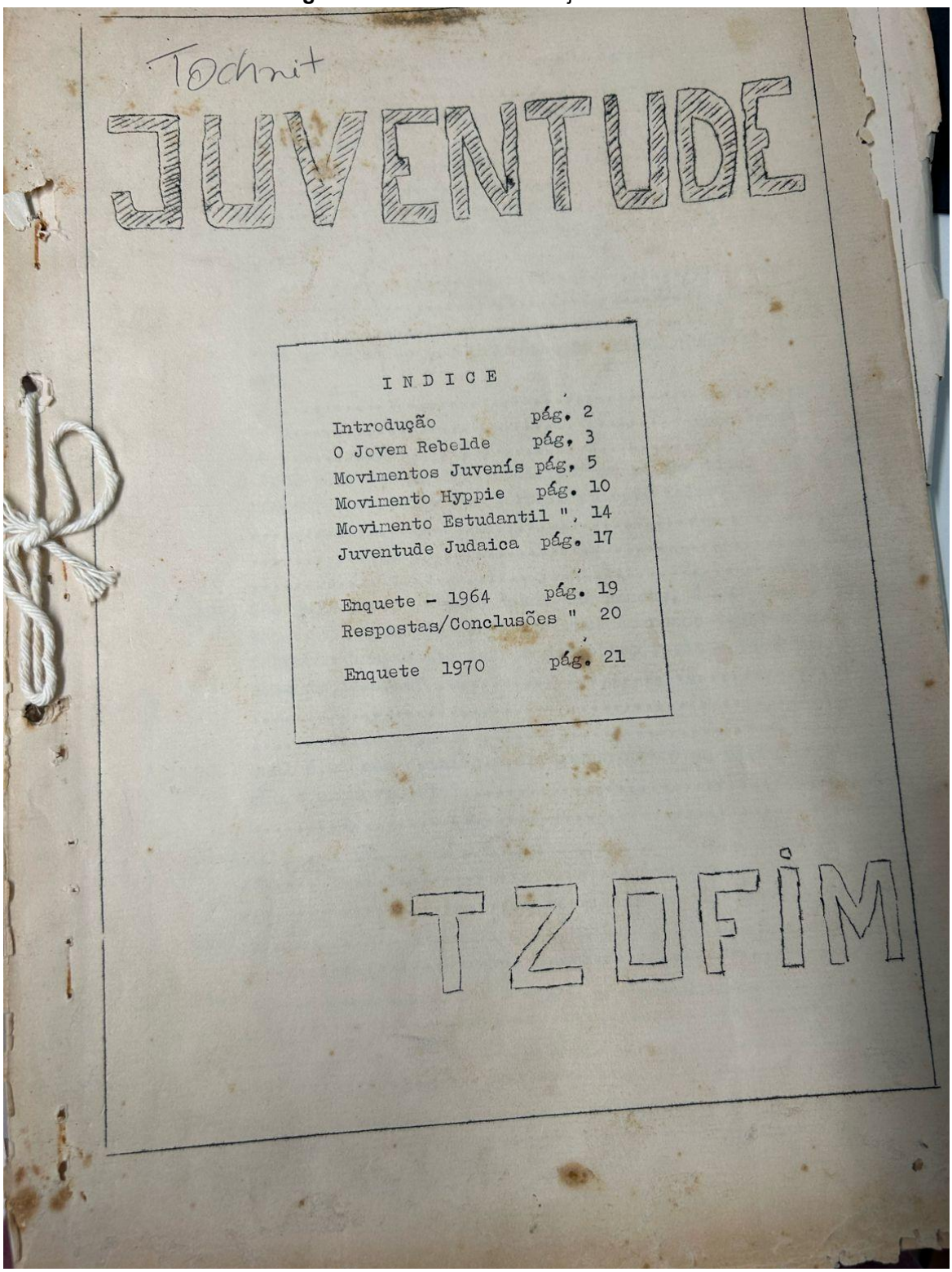
Esta filosofia, em que o homem é o centro do mundo, fêz com que êle mantivesse um anseio para o domínio da natureza. E êle torna-se um escravo desta tendência.

William Dilthey, filosofo alemão, sustenta 3 hipóteses.

a) O homem parte da natureza. Não existe por si. Isto quer dizer, não existe independência. A dependência é um fator decisivo e fundamental.

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 26 - Tochnit de tema “juventude”



Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Rubens Volich comenta sobre essa dupla vivência — a do conhecimento a respeito da juventude e a própria vivência que estava acontecendo. Ter um material

para reflexão daquilo que estava se passando, é uma forma de proporcionar uma auto conscientização e de atribuição de significado para a própria vida:

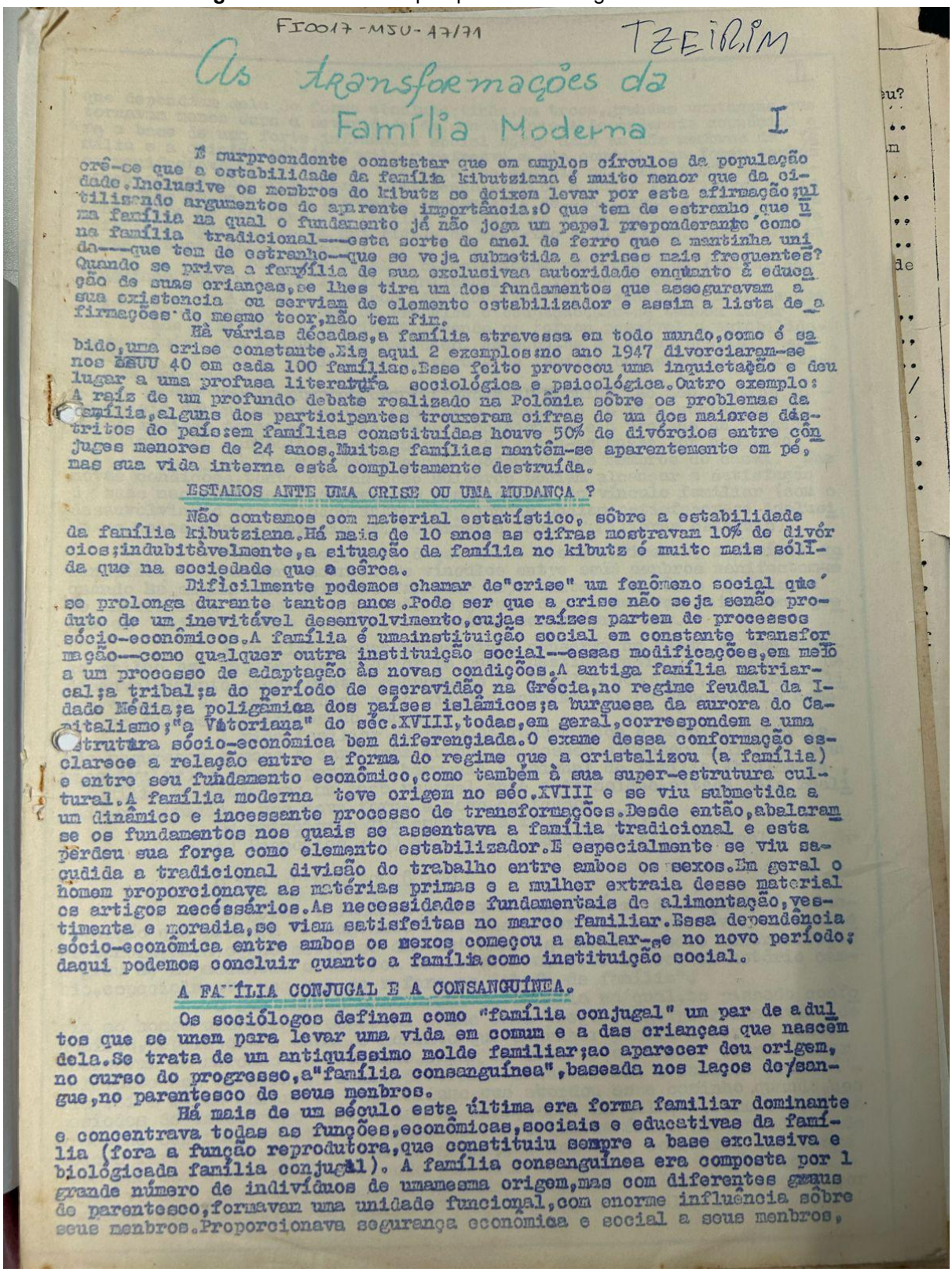
> *R: Tem uma parte que eu não achei aqui, mas que é sobre dinâmicas de grupo na juventude, né? A importância da grupalidade e isso eu estudava, eu discutia na tnuá com 14, 15 anos, né? Quer dizer, vivendo aqui ao mesmo tempo, a gente tinha um material, a gente tinha um material de reflexão, né? Daquilo que a gente vivia. Você podia ter leituras, podia ter pessoas mais velhas que explicavam aquilo que a gente estava vivendo e não entendia e a gente lia e não entendia, a gente convidava chaverim mais velhos, os bogrim, para conversar com a gente, né? Então você ao mesmo tempo que você tinha uma tropa horizontal os teus pares, né? Você tinha um exercício da autonomia, você tinha a possibilidade de entrar em contato com crianças e jovens mais jovens, E você tinha responsabilidade, a gente levava os nossos chaverim da nossa kvutzá para passear eu tinha 16 ,17 anos, né, bando de pirralhos e a gente levava a nossa kvutzá. Pegava ônibus e ia pra Hachshará, todo mundo com autorização, nós inclusive, dos pais para poder viajar porque era todo mundo menor pegava o ônibus sozinho, pegava carona sozinha se virava na Hachshará para cozinhar para limpar quer dizer um exercício de outro de autonomia que né, naquela época já. Talvez os escoteiros tivessem assim. Mas já não existia muito hoje, então nem sonhar, fora da tnuá naturalmente.*

Esse contato intergeracional proporciona uma coletividade que não se restringe à série, por exemplo, como são nas escolas convencionais. Isso permitia uma transição entre diferentes conhecimentos entre as faixas etárias. E para a constituição pessoal dos mais velhos, era valoroso ser responsável pelo repertório intelectual a ser transmitido de forma a fazer outros se engajaram, a ponto da palavra *proselitismo* ser usada com frequência.

Outra reflexão para compreensão do tema da adolescência, é sugerida por Calligaris (2008, p. 17) que diz como a revolta e reação provém da instrução da comunidade moderna de que “um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida em que viver e se afirmar como independente, autônomo — como os adultos dizem que são”. Assim, toda a expectativa e idealização de autonomia entra em choque com a contradição de uma continuidade de dependência, imposto pela moratória e isso tem de ser reprimido. Sendo assim, o sujeito em questão percebe que está envolto por um sistema capitalista que o impede de se emancipar de seus pais. É justamente o que esse grupo de jovens do Dror faz, rompendo não apenas com seus pais, mas também com um ideal cultural da classe média letrada e burguesa nos costumes, no Seminário da Lapa. Mesmo quando finalizada essa política de proletarização, as ideias socialistas continuam circulando e se fazendo presente como ideal político adotado.

Outros temas eram trabalhados e revelam interesses adolescentes, todos os temas que tangem a identidade — passiva de questionamento —, naquele momento, eram explorados de modo a encontrar respostas para as perguntas que guiavam as *peulot*, isto é, reflexões dadas de determinado tema com uma forma de fazer com que o *chanich* (educando) encontrasse suas próprias respostas. Alguns dos exemplos desses temas são:

Figura 27 - Material de perspectiva sociológica sobre família



FI0017-MSU-47/71

TZEIRIM

As transformações da Família Moderna I

É surpreendente constatar que em amplos círculos da população crê-se que a estabilidade da família kibutziana é muito menor que da cidade. Inclusive os membros do kibutz se deixam levar por esta afirmação; utilizando argumentos de aparente importância: O que tem de estranho que uma família na qual o fundamento já não joga um papel preponderante como na família tradicional---esta sorte de anel de ferro que a mantinha unida---que tem de estranho--que se veja submetida a crises mais freqüentes? Quando se priva a família de sua exclusiva autoridade enquanto à educação de suas crianças, se lhes tira um dos fundamentos que asseguravam a sua existencia ou serviam de elemento estabilizador e assim a lista de afirmações do mesmo teor, não tem fin.

Há várias décadas, a família atravessa em todo mundo, como é sabido, uma crise constante. Eis aqui 2 exemplos: no ano 1947 divorciaram-se nos EEUU 40 em cada 100 famílias. Esse feito provocou uma inquietação e deu lugar a uma profusa literatura sociológica e psicológica. Outro exemplo: A raíz de um profundo debate realizado na Polônia sôbre os problemas da família, alguns dos participantes trouxeram cifras de um dos maiores distritos do país: em famílias constituídas houve 50% de divórcios entre cônjuges menores de 24 anos. Muitas famílias mantêm-se aparentemente em pé, mas sua vida interna está completamente destruída.

ESTAMOS ANTE UMA CRISE OU UMA MUDANÇA ?

Não contamos com material estatístico, sôbre a estabilidade da família kibutziana. Há mais de 10 anos as cifras mostravam 10% de divórcios; indubitàvelmente, a situação da família no kibutz é muito mais sólida que na sociedade que a cêrca.

Dificilmente podemos chamar de "crise" um fenômeno social que se prolonga durante tantos anos. Pode ser que a crise não seja senão produto de um inevitável desenvolvimento, cujas raízes partem de processos sócio-econômicos. A família é uma instituição social em constante transformação---como qualquer outra instituição social---essas modificações, em meio a um processo de adaptação às novas condições. A antiga família matriarcal; a tribal; a do período de escravidão na Grécia, no regime feudal da Idade Média; a poligamica dos países islâmicos; a burguesa da aurora do Capitalismo; "a Vitoriana" do séc. XVIII, todas, em geral, correspondem a uma estrutura sócio-econômica bem diferenciada. O exame dessa conformação esclarece a relação entre a forma do regime que a cristalizou (a família) e entre seu fundamento econômico, como também à sua super-estrutura cultural. A família moderna teve origem no séc. XVIII e se viu submetida a um dinâmico e incessante processo de transformações. Desde então, abalaram-se os fundamentos nos quais se assentava a família tradicional e esta perdeu sua força como elemento estabilizador. E especialmente se viu sacudida a tradicional divisão do trabalho entre ambos os sexos. Em geral o homem proporcionava as matérias primas e a mulher extraia desse material os artigos necéssários. As necessidades fundamentais de alimentação, vestimenta e moradia, se viam satisfeitas no marco familiar. Essa dependência sócio-econômica entre ambos os sexos começou a abalar-se no novo período; daqui podemos concluir quanto a família como instituição social.

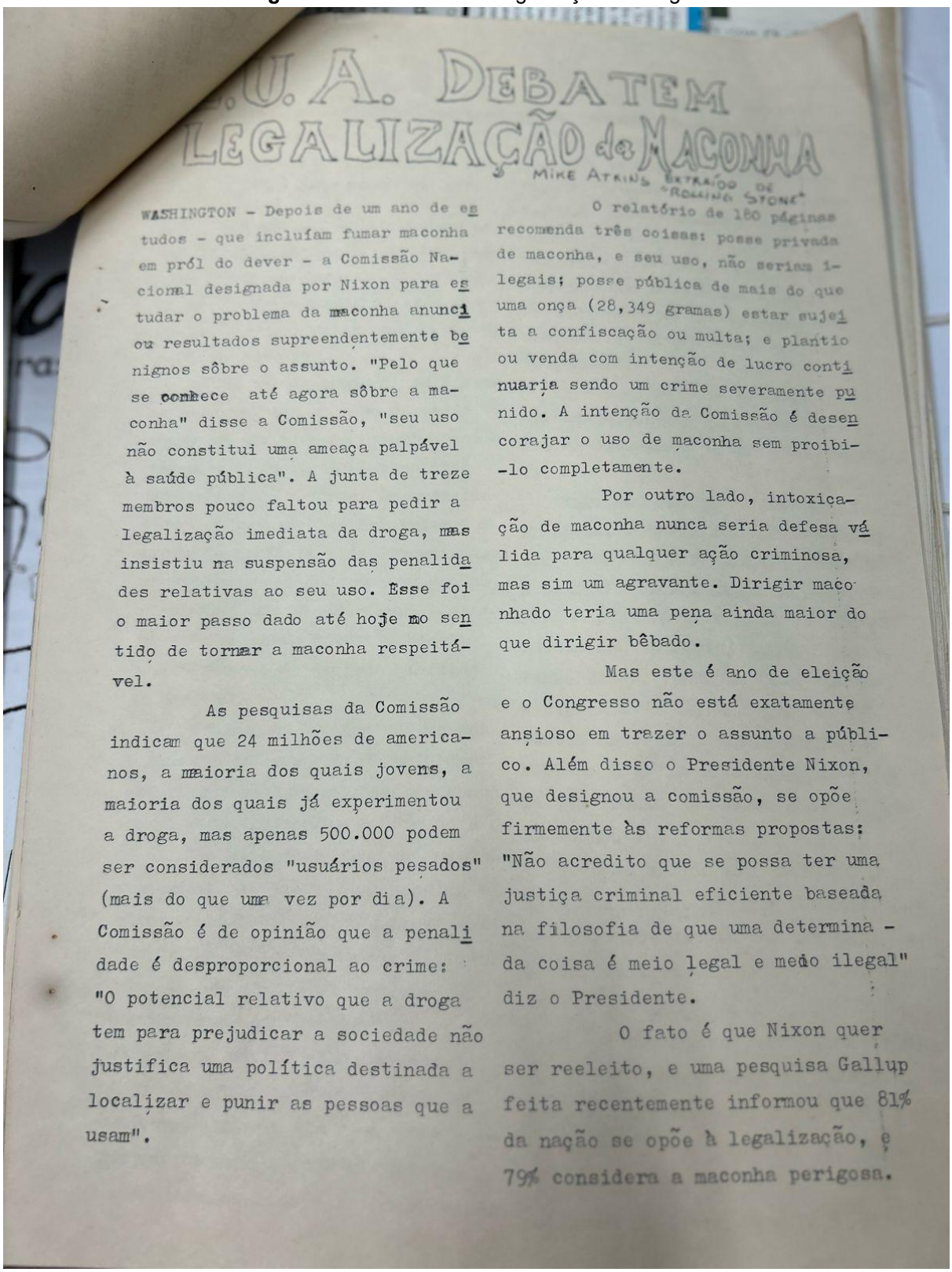
A FAMÍLIA CONJUGAL E A CONSANGUÍNEA.

Os sociólogos definem como "família conjugal" um par de adultos que se unem para levar uma vida em comum e a das crianças que nascem dela. Se trata de um antiquíssimo molde familiar; ao aparecer deu origem, no curso do progresso, a "família consanguínea", baseada nos laços de sangue, no parentesco de seus membros.

Há mais de um século esta última era forma familiar dominante e concentrava todas as funções, econômicas, sociais e educativas da família (fora a função reprodutora, que constituiu sempre a base exclusiva e biológica da família conjugal). A família consanguínea era composta por 1 grande número de indivíduos de uma mesma origem, mas com diferentes graus de parentesco, formavam uma unidade funcional, com enorme influência sôbre seus membros. Proporcionava segurança econômica e social a seus membros,

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 28 - Material sobre legalização de drogas



E.U.A. DEBATEM LEGALIZAÇÃO da MACONHA

MIKE ATKINS EXTRAÍDO DE "ROLLING STONE"

WASHINGTON - Depois de um ano de estudos - que incluíam fumar maconha em pról do dever - a Comissão Nacional designada por Nixon para estudar o problema da maconha anunciou resultados supreendentemente benignos sôbre o assunto. "Pelo que se conhece até agora sôbre a maconha" disse a Comissão, "seu uso não constitui uma ameaça palpável à saúde pública". A junta de treze membros pouco faltou para pedir a legalização imediata da droga, mas insistiu na suspensão das penalidades relativas ao seu uso. Esse foi o maior passo dado até hoje no sentido de tornar a maconha respeitável.

As pesquisas da Comissão indicam que 24 milhões de americanos, a maioria dos quais jovens, a maioria dos quais já experimentou a droga, mas apenas 500.000 podem ser considerados "usuários pesados" (mais do que uma vez por dia). A Comissão é de opinião que a penalidade é desproporcional ao crime: "O potencial relativo que a droga tem para prejudicar a sociedade não justifica uma política destinada a localizar e punir as pessoas que a usam".

O relatório de 180 páginas recomenda três coisas: posse privada de maconha, e seu uso, não seriam ilegais; posse pública de mais do que uma onça (28,349 gramas) estar sujeita a confiscação ou multa; e plantio ou venda com intenção de lucro continuaria sendo um crime severamente punido. A intenção da Comissão é desencorajar o uso de maconha sem proibi-lo completamente.

Por outro lado, intoxicação de maconha nunca seria defesa válida para qualquer ação criminosa, mas sim um agravante. Dirigir maconhado teria uma pena ainda maior do que dirigir bêbado.

Mas este é ano de eleição e o Congresso não está exatamente ansioso em trazer o assunto a público. Além disso o Presidente Nixon, que designou a comissão, se opõe firmemente às reformas propostas: "Não acredito que se possa ter uma justiça criminal eficiente baseada na filosofia de que uma determinada coisa é meio legal e meio ilegal" diz o Presidente.

O fato é que Nixon quer ser reeleito, e uma pesquisa Gallup feita recentemente informou que 81% da nação se opõe à legalização, e 79% considera a maconha perigosa.

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 29 - Material reflexivo sobre o papel da mulher

particular o problema sexual, a exigência da virgindade da mulher como necessária ao casamento, etc.).

A mulher: sua posição específica - situação econômica - educação.

O que foi dito em relação a igualdade de direitos dos homens quando se trata de classe dominante e oprimida se aplica também à igualdade jurídica de direitos entre os homens e a mulher. A desigualdade direitos entre os dois à herdamos de condições sociais anteriores, não é causa e sim consequência da opressão econômica sofrida pela mulher.

A família individual moderna é baseada na escravidão doméstica declarada ou dissimulada da mulher, e a sociedade moderna é uma massa composta exclusivamente de famílias individuais. Na maioria dos casos o homem deve ganhar o sustento para a própria família, pelo menos nas classes possuidoras é êste fato: dá-lhe uma situação que é privilegiada que não é preciso ser declarada especialmente pela lei. Na família êle é o burguês enquanto a mulher representa o proletário. Para o burguês a mulher nada mais é que um instrumento de produção.

E só depois que a grande indústria arrancou do lar a mulher para lançá-la no trabalho e nas fábricas, transformando-a frequentemente em esteio para o lar é que foi diminuindo paralelamente a supremacia do homem na residência do proletário.

Numerosas doutrinas pseudo-científicas surgiram, tentando de alguma maneira provar objetivamente a realidade da superioridade masculina (partindo, inclusive, do fato específico da superiodade masculina) Houve quem acreditasse ser a mulher menos inteligente que o homem por ter menos peso cerebral absoluto, mas foi provado que a aparente superioridade intelectual do homem era resultado puramente da educação particular que a mulher não recebeu e não recebe.

A mulher é fisiologicamente diferente do homem - não inferior A sua inferioridade é apenas econômico social, inferioridade de preconceito. Os séculos de escravidão fizeram dela um ente mais fraco física e mentalmente. A educação, ou melhor a deseducação da mulher tem retardado a civilização.

A educação feminina é condicionada a uma falta absoluta de raciocinio: o lar, a escola, a sociedade, atribuem para isto, o tipo de leitura, o vestiario, os modos, a linguagem, o procedimento, etc. que fazem a mulher apenas a mulher e nada mais; pois para a maioria dos homens basta o bibelot ou a dona de casa.

Há a acrescentar-se o papel auxiliar da religião que exerce particular influência sôbre a mulher.

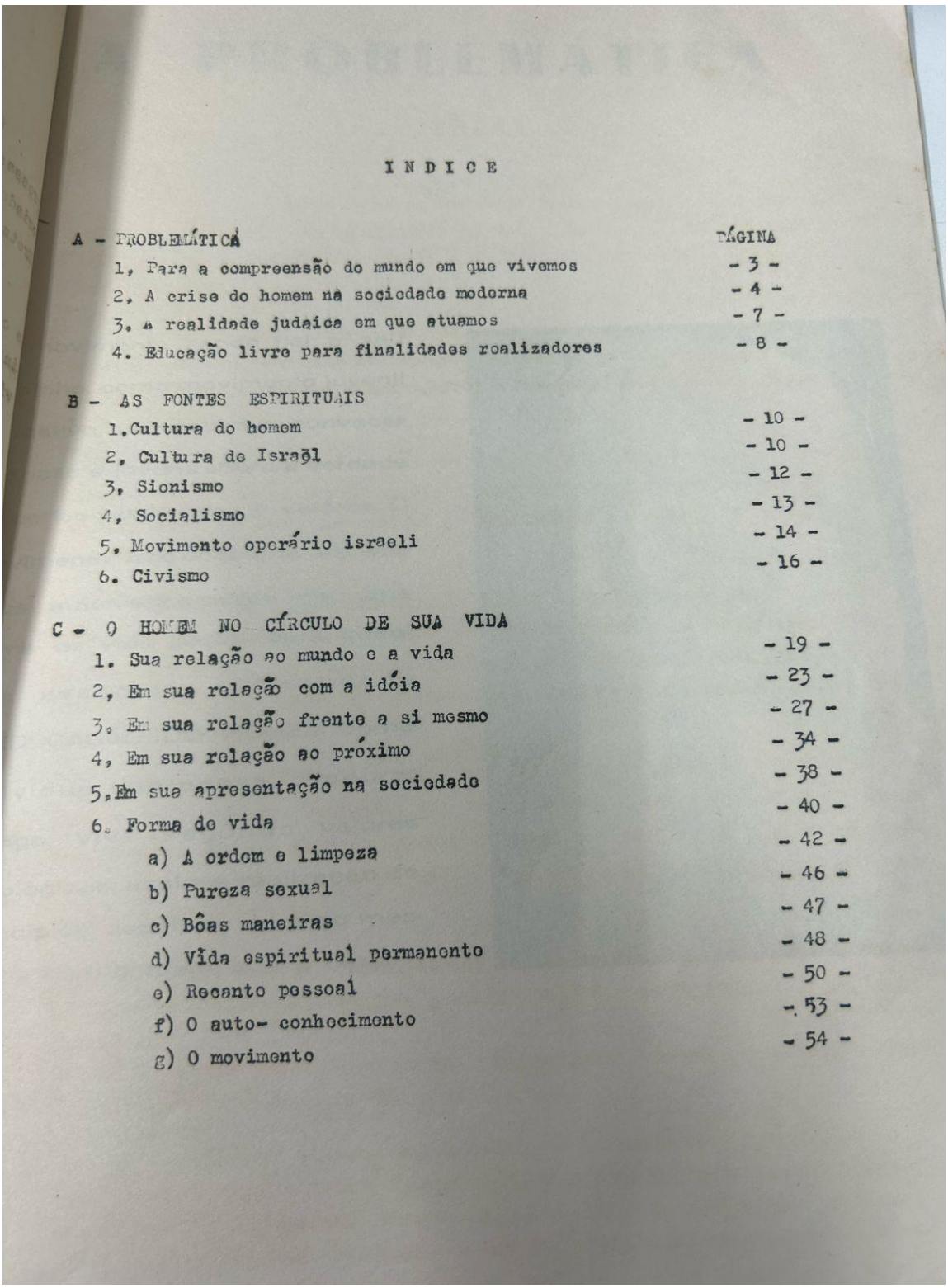
A objeção que se alega para a instrução feminina é contra a fecundidade não tem fundamento. É apenas um elemento do preconceito odioso do homem não querer para esposa uma mulher instruida; dai inúmeras jovens que aprendem o mínimo necessário sôb o olhar vigilante da mãe, receia que o estudo dificulte o futuro casamento da filha. (A mulher alemã - bem desenvolvida mentalmente é muito prolífera; a hotentote não é intelectualmente desenvolvidade e não é prolífera).

Os burgueses "intelectuais" fazem como os gregos: deixam em casa as esposas com as quais não podem trocar idéias, satisfazem-se espiritualmente fora, com as intelectuais, que constituem quase em sexo à parte a quem não desejam como esposas. O ideal feminino ainda deve ser tal como tem sido decantado pelos poetas e trovadores: esfinge, mistério, infantilidade, inconciência, misto de escrava e rainha que se apaga como uma joia.

Mas tudo é hipocrisia, preconcéitos e superstições.

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 30 - Índice de uma tochnit de machané



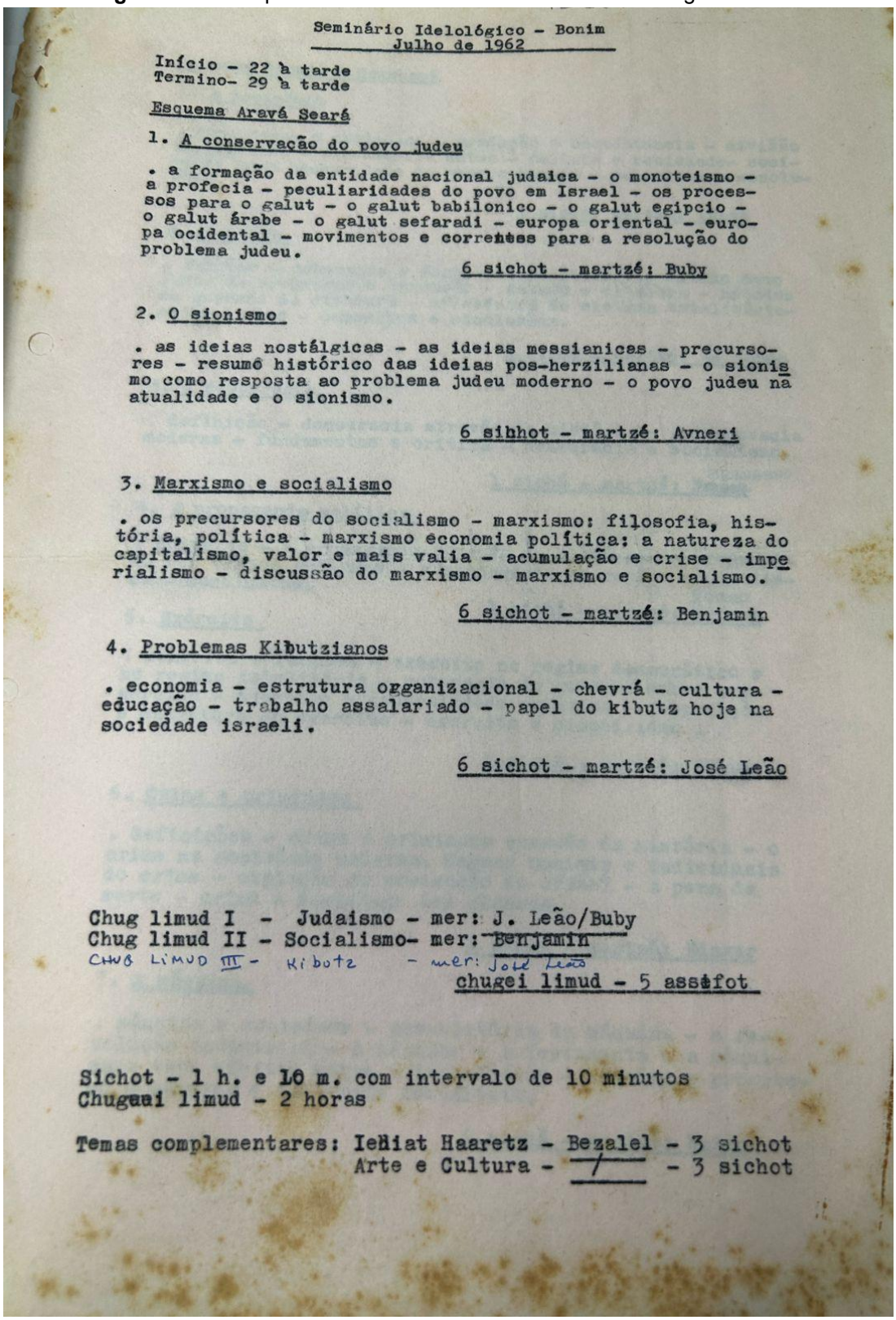
INDICE

	PÁGINA
A - PROBLEMÁTICA	
1, Para a compreensão do mundo em que vivemos	- 3 -
2, A crise do homem na sociedade moderna	- 4 -
3, A realidade judaica em que atuamos	- 7 -
4. Educação livre para finalidades realizadores	- 8 -
B - AS FONTES ESPIRITUAIS	
1.Cultura do homem	- 10 -
2, Cultura de Israël	- 10 -
3, Sionismo	- 12 -
4, Socialismo	- 13 -
5, Movimento operário israeli	- 14 -
6. Civismo	- 16 -
C - O HOMEM NO CÍRCULO DE SUA VIDA	
1. Sua relação ao mundo e a vida	- 19 -
2, Em sua relação com a idéia	- 23 -
3, Em sua relação frente a si mesmo	- 27 -
4, Em sua relação ao próximo	- 34 -
5,Em sua apresentação na sociedade	- 38 -
6. Forma de vida	- 40 -
a) A ordem e limpeza	- 42 -
b) Pureza sexual	- 46 -
c) Bôas maneiras	- 47 -
d) Vida espiritual permanente	- 48 -
e) Recanto pessoal	- 50 -
f) O auto- conhecimento	- 53 -
g) O movimento	- 54 -

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

.

Figura 31 - Principais temas trabalhados no seminário ideológico de 1962



Seminário Idelológico - Bonim
Julho de 1962

Início - 22 à tarde
Termino- 29 à tarde

Esquema Aravá Searé

1. A conservação do povo judeu

. a formação da entidade nacional judaica - o monoteismo - a profecia - peculiaridades do povo em Israel - os processos para o galut - o galut babilonico - o galut egipcio - o galut árabe - o galut sefaradi - europa oriental - europa ocidental - movimentos e correntes para a resolução do problema judeu.

6 sichot - martzé: Buby

2. O sionismo

. as ideias nostálgicas - as ideias messianicas - precursores - resumo histórico das ideias pos-herzilianas - o sionismo como resposta ao problema judeu moderno - o povo judeu na atualidade e o sionismo.

6 sihhot - martzé: Avneri

3. Marxismo e socialismo

. os precursores do socialismo - marxismo: filosofia, história, política - marxismo economia política: a natureza do capitalismo, valor e mais valia - acumulação e crise - imperialismo - discussão do marxismo - marxismo e socialismo.

6 sichot - martzé: Benjamin

4. Problemas Kibutzianos

. economia - estrutura organizacional - chevrá - cultura - educação - trabalho assalariado - papel do kibutz hoje na sociedade israeli.

6 sichot - martzé: José Leão

Chug limud I - Judaismo - mer: J. Leão/Buby
Chug limud II - Socialismo- mer: Benjamin
CHUG LIMUD III - Kibutz - mer: José Leão
chugei limud - 5 assifot

Sichot - 1 h. e 10 m. com intervalo de 10 minutos
Chugaai limud - 2 horas

Temas complementares: Ieliat Haaretz - Bezalel - 3 sichot
Arte e Cultura - / - 3 sichot

Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Em suma, pode-se concluir que o Dror foi um lugar de escapatória do mundo injusto e capitalista em que os jovens estavam inseridos e também das autoridades parentais e escolares, sendo um lugar que buscava integrar as perguntas e as respostas, além da responsabilidade e liberdade. O Dror se configurou como ambiente alternativo à seriedade do mundo convencional. Os fatos eram tidos como verdadeiros, mas não eram consumados nem inelutáveis. O espaço era permissivo para pensar, para amar, para descobrir, para brigar, mas para além de tudo, se emancipar com originalidade: em coletivo, com uma ideologia sionista socialista e com a cultivação de um judaísmo progressista, que preserva uma história e memória familiar, mas que expande suas lutas.

3 A MEMÓRIA COMO ÂNCORA DA IDENTIDADE

A memória é algo transmitido "*le dor vador*" (de geração em geração), e é também um valor judaico.

> O modelo judaico de conversas intergeracionais merece atenção detalhada. Os textos hebraicos antigos estão continuamente engajados com dois pares fundamentais: pais e filhos, professores e alunos. Estes pares são indiscutivelmente mais importantes, até mesmo mais importante, que mulher e homem. A palavra *dór,* geração, aparece dezenas de vezes tanto na Bíblia como no Talmude. Ambas obras adoram enumerar cadeias de gerações, com origem no passado distante e apontando para um futuro longínquo (Oz, 2015, p. 21).

A memória se constrói a partir da rememoração da história daquilo que unifica o grupo, no caso, a *tnuá*, que é a identidade judaica. Para além da preservação, o Dror instigou seus participantes a levarem marcas e inscrições para o decorrer da vida deles de forma a criar um traço comum e memórias do movimento. Seja na escolha profissional ou na criação dos filhos, vê-se que as pessoas saem da *tnuá*, mas a *tnuá* continua nelas de alguma forma.

Na *tnuá*, a história do povo judeu foi constantemente revisitada no decorrer das décadas que constam os arquivos do movimento. Isso condiz com uma tradição judaica de perguntas e reflexões que caracterizam os livros sagrados e a tradição oral e escrita com a palavra. Como o Talmud, entendida pela ótica de Amós Oz (2015, p. 15): “A continuidade judaica sempre se articulou em palavras proferidas ou escritas, num sempre expansível labirinto de interpretações, debates e discordâncias, e numa interação humana única”.

> *NJ: isso daí é uma coisa que está no Livro do Amos Oz só os judeus e as palavras né que ele escreveu junto com a filha dele, a Fania, e ele disse que ser judeu é ler e é verdade, né em todos os exílios pelos quais os judeus passavam a única carga que os judeus levavam era o livro e o Talmud é o retrato do exílio, né? Porque são comentários sobre comentários feitos por rabinos de várias épocas e de vários lugares diferentes estudando as mesmas questões então tudo que a gente pode levar e ter conosco durante toda a nossa história é o estudo. Eu acho que, ser judeu e estudar deveria ser a mesma coisa, né embora hoje muitos judeus esses que estão ajudando a destruir Israel, acho que eles estudam a Torá, mas de uma forma não judaica.*

Pondé discorre sobre o vínculo não apenas da memória com a palavra, mas da prática antiga que vinculou os judeus à linguagem, que possibilita a troca, mesmo que com Deus, que, ao fim, significa um debate reflexivo consigo mesmo.

E dentro dessa discussão, continua:

> *LF: Sem dúvida, essa ideia do não lugar, que inclusive tem todo um eco na psicanálise, né? É essa ideia do não lugar sem dúvida nenhuma coloca você numa posição de estranho, né? Você fica no lugar estranho, de alguém que enxerga coisas que outros talvez não enxerguem justamente pela posição histórico-social e durante muito tempo política, né que você tá em outro lugar. Acho que essa é uma experiência peculiar e singular do Judaísmo. Inclusive com o fato que um dos debatedores é Deus, né?*

O jeito que o judaísmo perdurou ao longo dos séculos, mesmo que sob muitas ameaças, foi fortalecer uma memória judaica que é compartilhada devido ao cultivo dos rituais e das narrativas — dois canais elencados por Yosef Yerushalmi. Isso se assemelha à prática da *tnuá*: discutir e refletir para construir narrativas. Práticas compartilhadas que perduram e se tornam tradições dentro do movimento podem ser entendidas como rituais. Ou seja, há algo de judaico na forma que o Dror se organizou, para além do conteúdo.

Essa rememoração e cultivo da identidade judaica, acaba auxiliando esses jovens a encontrarem um lugar para si próprios no mundo, com pares semelhantes: pessoas da mesma idade com histórias parecidas. Filhos de imigrantes e mentalidades constituídas por tradições compartilhadas através de uma cultura e religião não à toa tangem o universo intelectual, uma vez que

> A tradição judaica autoriza e encoraja o aluno a se erguer contra o professor, discordar dele, provar que está errado, até certo ponto. Este é um momento freudiano, bastante raro nas culturas tradicionais. E é também uma chave para a inovação intelectual, até certo ponto (Oz, 2015, p. 29).

Isso pode ser transposto facilmente para o universo *tnuati*, onde é encorajado o debate, justamente por entender que é desse cruzamento de ideias que pode emergir uma discussão frutífera que compõe e complexifica o saber do adolescente. É por conta de o judaísmo reconhecer e partir do pressuposto da existência da alteridade, que ele valoriza debate e a reflexão.

> LF: Não lembro qual foi a pergunta que eu fiz, mas a resposta dele (Amós Oz) foi que no judaísmo ou, o único UM que existe é Deus, todo o resto é múltiplo. Então assim, portanto seguindo o Amós Oz, o que ele me falou, apesar de não lembrar qual foi a pergunta, foi que: ninguém tem o direito de querer ser único. Não tem direito a querer ser o único, no sentido, que queira que todo mundo seja igual a você ou que pense como você.

O Dror discutia, encarava e acreditava nesse judaísmo, que como cultura passou a ser um jeito de se portar e de fundamentar suas ideologias. Não o que diz respeito ao lado religioso, mas sim o que é dito da ética judaica e que contribui para a existência desta faceta, que neste trabalho pretendo explicitar e evidenciar. O

movimento como figurativo de algo maior, instituição, possuía esses costumes que levavam a leituras, escritos, ações, brincadeiras, atividades que tal como as discussões do Talmud, pretendiam revelar, ao fim, a ética e lei judaica. Esta está associada à justiça social e à dignidade humana, como diz Suzana Chwarts, especialista em culturas antigas do Oriente Médio:

> *S: Porque o judaísmo é só uma das tribos de Israel, Judá, para viver como minoria sua própria terra e na dispersão, ela foi estruturada em cima do Talmud, que é o comentário da Bíblia, mas é um comentário pragmático da Bíblia, não filosófico, um comentário que se chama a "lei oral" e por que que a lei oral? É a lei oral, é o comentário ou as histórias tecidas em cima das tradições bíblicas… Você vai ver, você vai sentir que é um corpus legal que permite a comunidade judaica - uma minoria muitas vezes perseguida, né, expulsa, perseguida sem direito de cidadão ético - se manter coesa e continuar a existir em torno desse, conjunto de leis e tradições, então por isso o judaísmo ele é baseado no Talmud. Ele não é baseado na Bíblia. Embora o Talmud seja um comentário da Bíblia, mas já com outros olhos, olhos pragmaticos, a Bíblia ela essa visão expandida que você fala essa coisa que está no ethos no judeu, a justiça social que é uma coisa incrível essa justiça social, veja só: quando você tem uma lei do Shabat e está escrito para que seu boi e seu jumento descansem como você, até hoje, não existe essa lei social. Até hoje ninguém diz que o boi e o jumento tem que descansar como você. Aí o romano vai dizer "são doidos, eles se comparam ao boi e jumento, falam que a terra tem que descansar um a cada sete anos e que todo o produto da Terra tem que ser para os pobres", não tem nenhuma lei, nenhuma lei, nem nada nem na Dinamarca, nem nos países felizes. Vamos dizer, se tem uma lei assim, então é uma lei que tem um fundamento.*
>
> *É uma lei que tem um fundamento, na percepção de Deus, se você ler com atenção o gênesis, Deus cria o universo como um universo que funciona e aí a cada dia, ele cria e ele vê que era tov, bom, ele abençoa com essa palavra "bom" no sexto dia, ele cria o humano macho e fêmea e entrega toda a criação na mão deles a criação da terra, né? Não dos céus, da Terra, com todos os animais, com todas as plantas, todo esse sistema perfeito que ele criou, ele cria quando ele diz 'cria o humano a sua imagem e semelhança' - a imagem e semelhança quer dizer para governar como Deus governa. É uma responsabilidade isso que a Bíblia coloca, nenhuma outra tradição, nem mesopotâmica, nem egípcia, nem Babilônica, nem grega, nem Romana colocam isso de uma responsabilidade imensa com o Cosmos e com todos os animais, com toda a terra.*
>
> *Por isso que o burro e o jumento é assunto dos judeus, por isso que o estrangeiro e peregrino é assunto dos judeus, se a gente olhar se só para o nosso umbigo, talvez a gente seria como dinamarqueses muito felizes ou como os ingleses que não conhecem o senso de culpa, porque que os Judeus tem esse senso de culpa? Porque tem uma responsabilidade com Deus,*

Justamente por isso, há de ser o responsável e encarregado pelas demandas divinas, ou seja, algo do desconhecido, imaterial e muito pouco tangível, é o que Luiz Felipe Pondé, filósofo, comenta em sua entrevista:

> *LF: Eu acho que sim, bastante, um apelo, sabe? Tem um autor chamado Neusner que é um desse especialista de Talmud, um americano, ele disse*

> *que todo aquele toda aquela discussão ao redor do Talmud, todo aqueles debates conhecidos é porque uma demanda do Judaísmo de Deus - que vem de Deus no caso - você tem que buscar, você não será igual, mas você precisa buscar ser o mais inteligente possível para estar o mais próximo de Deus.*
> *Eu acho isso absolutamente singular. Eu nem preciso acreditar em Deus, para entender a singularidade dessa ideia.*
>
> *E: Quer dizer, se aproximar do mais desconhecido possível também?*
>
> *LF: Você precisa ser inteligente, você precisa lidar com ideias, você precisa ser capaz de pensar coisas que normalmente você não pensaria e eu acho que essa imagem do Neuser, é extremamente feliz, para transpor, para materializar essa aí essa imagem sabe? Olha, Deus quer, Deus pede que você seja Santo como todo mundo sabe, mas também que você seja inteligente e quanto mais você exercita inteligência mais feliz, Deus fica de ver você sendo inteligente, capaz de relacionar ideias, contrapor ideias, mudar de posição.*

Todo esse imaginário cultural é substrato do judaísmo, se é retirado o lado religioso. Os *chaverim* do Dror introjetaram esse lado politizado do judaísmo e adotaram posturas e costumes que cultivavam o debate.

Além disso, pode-se atribuir um sentido de que o encontro desses jovens e o atravessamento conjunto pela juventude, tem também uma função de elaboração da própria história que seus antepassados viveram e transmitiram geracionalmente para eles, seus filhos. Como a psicanalista Ana Rosa Trachtenberg expressa:

> Sendo o indivíduo este elo de transmissão de conteúdos psíquicos metabolizados pela dupla parental, por ele transitam tradições, identificações com antepassados, origens e raízes familiares, rituais de passagem, religião, etc., que funcionam como âncoras ou ímãs de fortalecimento de sua identidade e também de sua subjetividade, em especial na adolescência (Tratchtenberg, 2023, p. 115).

Segundo a pensadora, a negação de um passado — que é um sintoma daqueles que passam pela experiência de guerra — isto é, sem metabolização psíquica, a transmissão do indizível é passado para a geração seguinte. A geração que frequentou e edificou o Dror ou Ichud Habonim passa pela experiência conjunta de fortificação da identidade, que inclui pensamento e comportamento. Sendo esse espaço possível de compartilhar sensações e construir conhecimento, aqueles que passaram pelo movimento e foram entrevistados para essa pesquisa contribuem um pouco com a pergunta sobre o que o movimento inscreveu na subjetividade de cada um. E que será exposto aqui.

Mas há de se considerar que, a *tnuá* é uma tradição passada, que faz um exercício de memória — em sua forma de agente — e que é, ela própria, sujeito e

testemunha de gerações que permitiram o cultivo dessa ideologia e exercício judaico que se iniciou no começo do século XX. Sendo assim, a *tnuá* proporciona uma experiência histórica, além de sua própria atividade atravessar o tempo, podendo se atualizar conforme aqueles que passam por ela. Como o professor Nachman Falbel, que vivenciou os primórdios no Dror no Brasil, nos relembra:

> *N: Digo isso porque o meu ingresso no movimento , assim como de muitos outros jovens de minha geração, foi motivado por duas razões: o problema nacional judaico que se acentuou com o impacto do Holocausto durante a Segunda guerra Mundial. Como lembramos antes ,a legalização do movimento sionista a partir de 1945 possibilitou a criação dos movimentos juvenis no Brasil, movimentos esses que existiram na Europa décadas antes. O nosso movimento assim como outros, em grande parte se constituíram de início como juventudes de partidos políticos , à semelhança do nosso que estava vinculado ao sionista-socialista partido Poalei Tzion-Hitachdut.*
>
> *Na imigração judaica proveniente da Europa encontravam-se elementos que tinham convicções ideológicas vinculadas às diversas correntes sionistas e não-sionistas. A grande imigração da Europa Oriental que se dirigiu aos Estados Unidos desde as últimas décadas do século XIX, a um determinado momento, também começou a emigrar aos países latino-americanos, mormente a Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e outros. Entre eles havia os que já eram filiados aos partidos políticos judaicos europeus ,incluindo o Poalei Tzion no qual o "Freiheit"(Liberdade), em hebraico "Dror", era sua organização juvenil.*

O nome da *tnuá* remete ao conceito e valor de liberdade. É simbólico pois remete tanto à perseguição judaica, contexto em que o movimento foi criado e a questão nacional, quanto à questão social que se refere ao adolescente e sua vontade de transgressão e autonomia em relação aos pais e às amarras morais societárias da ordem capitalista.

Outro conceito que aproxima o judaísmo e a *tnuá* é o valor da coletividade. O diálogo e o debate só existem diante do outro e o indivíduo só é um porque há outros e porque está em coletivo. Por conta das perseguições, os judeus sempre tiveram uma comunidade muito próxima e unificada, não só territorialmente.

> *E: O do Judaísmo propriamente como religião se propõe algo coletivo? Se propõe a pensar no outro?*
>
> *R: Sim, mas é claro, não só como religião, como cultura também, né? Toda toda condição, né? Do que que é a existência da galut fora de Israel, né? Quer dizer toda Comunidade Judaica tem uma estrutura, uma organização institucional, né? Muito requintadas justamente para dar conta dos doentes, dos pobres, dos cemitérios Quer dizer, mesmo numa cidadezinha pequena na época, do shtetl, por exemplo, estão em torno da sinagoga, tinha toda uma organização social e coletiva, onde o indivíduo do lugar estava sozinho.*

> *Quer dizer, em algum momento, ele podia ter ajuda se a casa dele, sei lá, queimava a comunidade se organizava para comprar, para ajudar, para ir fazer um mutirão para reconstruir né? Isso sempre existiu hoje menos né hoje… infelizmente é cada um por si, né? Ainda existe alguns lugares, não sei como é que tá na tnuá atualmente o quanto isso é importante, né? Mas no kibutz justamente ele apontava, né? Não só como o ideal de aliá, de hagshamá atzmit,etc, mas era uma realidade onde a coletivização funcionava, quer dizer não era uma coisa abstrata. "Vamos amar uns aos outros", simplesmente né? Quer dizer, você se junta com o coletivo, você vive e esse coletivo ele assume também uma responsabilidade pela tua sobrevivência pelo cuidado dos teus filhos e pela tua saúde, né?*

A *tnuá*, por sua vez, só poderia existir coletivamente. Mas para além disso, a coletivização era um valor para esses jovens socialistas:

> *R: Mas eu acho que pelo fato de ter um espírito coletivo que é o próprio espírito socialista, o espírito do kibutz. Isso muda muito, né? que você coletiviza, compartilha, você não está preocupado apenas na tua formação pessoal, né? Você sente que aquilo que você faz reflete/repercute no grupo, né? Então essa coletivização da propriedade, dos meios de produção e do saber eu acho que tudo isso né? Contribui para fazer uma diferença. É o oposto do que a gente vive, né? A gente tá falando de 50,60 anos atrás, né? Esse individualismo, né? narcísico, exacerbado o que a sociedade de consumo atualmente do cada um por si, né?*

3.1 A vida a fora dos participantes entrevistados e a marca do Dror em sua história

O rastro e o denominador comum que une os entrevistados é a participação da *tnuá* em meados do século XX. Mesmo que haja convergências em relação à experiência juvenil, esses adolescentes traçaram caminhos profissionais ou pessoais interessantes no que diz respeito aos valores da *tnuá* e a ética judaica e a valorização do conhecimento. Cada um expressa marcas que o movimento inscreve em si ou em sua trajetória.

Helena Camerini sai da *tnuá*, faz faculdade de sociologia na USP, por influência da *tnuá* e depois trabalha com a juventude da CIP:

> *E: você acha que o trabalho do Dror te incentivou e te levou a trabalhar também com a juventude na CIP?*
>
> *H: sim*
> *[...]*
> *H: posso dizer que até hoje com a minha idade eu tenho a tendência a ser socialista e isso vem do Dror*
>
> *A: E a CIP não tinha isso, né?*
>
> *H: Não, ao contrário.*

A: Mas a senhora gostava igual?

H: Diferente

A: E a senhora acha que a formação que o Dror te deu, modificou o jeito que você criou seus filhos?

H: Modificou

A: Como?

H: Pois é, porque eu dava muita impressão, não é impressão, como é que eu posso dizer… a importância, a importância para a vida comunitária,
A: libertária?

H: Pode ser sim

Noni: como seria isso, o que que você pôs como valores que você considera que vieram do dror?

H: é uma coisa muito simples, mas eu nunca tratei mal empregada doméstica para mim elas eram iguais, não sei se isso quer dizer uma coisa para você.

Vittorio Corinaldi foi isento do abandono dos estudos no evento do Seminário da Lapa. Terminou Arquitetura e Urbanismo e foi com seu garin para o *kibutz* Bror Chail e morou neste sistema comunitário por 40 anos. Conheceu sua mulher na *tnuá* e afirma:

E: Então teve influência Dror na sua vida toda profissional amorosa acadêmico intelectual pessoal?

V: Sem dúvida.

V: Ela é mais jovem do que eu, enfim, ela apressou o itinerário do movimento para vir comigo, né?

Marcos Chusyd foi do Dror e sua ida para o *kibutz* se viabilizou pelo movimento. Fez *Shnat* e estudou no Machon Le Morim. Quando volta, leciona História e Cultura Judaica em escolas judaicas de São Paulo.

E: Acredita que essa experiência de tnuá influenciou a sua visão de mundo?

M: eu acho que sim, eu acho que sim

E: Para que visão de mundo mais crítica ou menos crítica?

M: Eu acho que mais crítica. Olha o ponto de vista positivo, não negativo de procurar uma sociedade mais justa e mais humana, eu acho que aprendemos isso na tnuá.

E: E aí como é que o Dror contribuiu para sua formação no sentido da vida pessoal? Teve alguma influência na escolha de profissão?

> *M: Como eu fiz um curso para moré, então como estava ligado a tnuá, eles acharam positivo eu fazer o Machon Le Morim, aí sobrava mais uma vaga para o Machon Le Madrichim. Então eles me apoiaram nesse curso meu de de moré.*

Avraham Milgram se dedicou durante a juventude ao movimento, a ponto de até mudar-se de estado para militância. Morou em *kibutz* e confirma a influência do Dror em sua vida profissional. Milgram chegou a publicar livros sobre o tema *tnuá*.

> *AM: Olha, eu fiquei pouco tempo porque eu estudei da Universidade de 74 ou 77. Nos períodos de férias eu ia para o kibutz trabalhava lá na agricultura e quando terminei os estudos, eu permaneci um ano e meio, casei, tive primeiro primogênito que nasceu no kibutz e lá eu tive uma crise no que busca eu percebi uma série de contradições, eu não estava disposto a aceitar e aí eu decidi abandonar o kibutz e fui para Jerusalém estabeleci lá e fui trabalhar como como educador, em educação não formal. Não é Colégio, mas educação não formal.*
> *E: Tipo o quê?*
> *AM: Tipo instituições que realizavam seminários cursos para para jovens dos colégios sobre a identidade Judaica e depois eu trabalhei alguns anos em ? o transmitia a memória do holocausto*
>
> *E: Então de alguma forma, a tnuá ainda estava aí, né?*
> *AM: Tava, certamente, certamente…*

Isaac Sztutman foi do Dror e aplicou para Ciências Sociais na USP, participou da Batalha da Maria Antônia:

> *I: Eai eu ainda com os meus os meus ideais socialistas fui fazer Ciências Sociais na USP.*
>
> *E: O senhor acha que o Dror influenciou nessa escolha?*
>
> *I: Com certeza. Com certeza.*

Suzana Chwarts foi para o *Shnat* em 80 e entrou na Universidade Hebraica de Jerusalém, largado direito e indo cursar arqueologia bíblica, já por influência do sionismo estudado e praticado, constituinte de sua personalidade. Foi ser professora na Universidade de São Paulo e tornou-se diretora do Centro de Estudos Judaicos. Assim, tem alguma contribuição sobre o conhecimento do judaísmo para sociedade, desconstruindo mitos sobre o sionismo e desalienando outros a respeito do judaísmo. Como ela mesma diz:

> *S: Eu resolvi criar um programa, eu sou diretora do centro de Estudos Judaicos, essa atuação que eu faço há 12 anos também tem a ver com o Ichud. Eu não preciso ser professora do centro. Entendeu?*
>
> *E: uma coisa da proatividade que fica muito inscrito*

S: Fica na gente.

[...]

S: O que o Ichud me ensinou? a falar com alunos, falar com chanichim, a tratar como igual a respeitar os alunos a não me julgar. "Ah, eu sou a professora erudita e vocês não sabem" que a postura de muitos a não entrar nessa fogueira de vaidade que é abjeta a tentar melhorar o mundo, eu tento melhorar a FFLCH. Eu não preciso da aula aberta.

[...] eu não seria uma boa professora se eu não tivesse passado pelo Ichud, se eu não tivesse sido madrichá.

Isso tem a ver com Ichud, porque eu eu preciso dar uma gravar uma aula para o canal da FFLCH, entendeu? De alguma maneira, eu me preocupo que os outros alunos da FFLCH inclusive do outro lado pensem porque Caim matou Abel, conheçam a Bíblia Hebraica a partir do hebraico da terra de Israel, porque que nós judeus criamos essa história, o que essa história tem a dizer para a humanidade e sobre nós, porque é nossa, é nossa, e é eu tenho muito esse senso de que é nossa herança é muito valiosa e a gente tem que se apossar dela. Isso vai nos tornar como os judeus mais felizes com pessoas

S: Não é que o Dror contribuiu, um verbo não é esse, o Dror me formou e formou à eles (filhos), porque eu vejo agora quando o judaísmo deixa de ser um side, quando você come alguma coisinha que você gosta para estar com o prato principal na mesa, como ele é claro foram para Israel várias vezes foram no taglit, Felipe, não foi no taglit, mas foi para Israel muitas vezes, mas eu vejo como é ethos judaico, entendeu?

Abrão Slavutzky, referência na psicanálise, participou do Dror e teve consequências em seu envolvimento com o tema da memória:

A: É, é. Olha eu penso que a tnuá por exemplo em alguma coisa, influenciou na minha escolha profissional, também isso é uma coisa importante

E: a medicina? Ou a psicologia?

A: eu te diria mais a psicanálise normalmente ensina né assim é porque né, porque eu com aí com 16 eu conheci uma psicóloga que veio dar uma palestra para nós sobre adolescentes e tal, né? Então eu comecei a ler sobre as crises da adolescência, a ler sobre fatores que influenciavam na formação da personalidade. Quando eu era adolescente 16/17 anos, a gente estava lendo Arnold Gesell, tinha um livro de psicologia de evolução tava lendo como eu tinha dito antes Eric Fromm que era um cara que tentava ligar Freud com Marx, né? Um cara ligado a escola de Frankfurt, naquela época era uma referência.

[...]

A: Mas eu te diria que um dos temas da tua pesquisa que é a questão do Dror e a formação cultural, né? Como é que a gente foi né? Assim é eu te diria que o Dror para mim foi fundamental. Ele foi uma segunda Família em primeiro lugar, né?

A: Despertou muito interesse em mim, né? A tnuá, assim, ela tem uma coisa de para quem tem alguma inquietude cultural, ela desenvolve. Para quem não tem nenhuma inquietude cultural de conhecimento fica difícil ela desenvolver,

> *né? Ou seja é mas é rapidamente procurei ficar próximo aos que liam, escreviam e debatiam tá entendendo? Ou seja. Eu senti que aí havia algo emocionante excitante tá entendendo? Havia algo que me que me atraía.*
>
> *[...]*
>
> *A: E acho que a questão da memória eu fiz um livro depois do Paixão de Ser que se chama "dever da memória" dos 60 anos o Levante do Gueto de Varsóvia.*

Silvio Hotimsky foi *chaver* e trabalhou com educação por influência da *tnuá*, de modo a testemunhar a influência desta última em seu percurso profissional:

> *S: Acho que a ideia da educação. Acho que a ideia da minha formação, que depois eu quis trabalhar profissionalmente, tem a ver com isso, eu acho que muitas das matrizes políticas foi né? Foram inspiradas pelo movimento.*

Noemi Jaffe participou do movimento e hoje é escritora e professora de referência em sua área. Ela comenta sobre a potência da inscrição a partir da possibilidade do Ideal e da ideologia que guia a *tnuá*:

> *NJ: olha para mim particularmente foi um tempo de sei lá de algo que hoje na idade que eu tô eu penso como felicidade, foi um tempo feliz da minha vida, um tempo de um aprendizado que me marcou, marcou a minha personalidade a minha identidade de forma definitiva no sentido de ter me tornando uma pessoa mais segura mais corajosa, porque tinha muitos desafios a nossa coragem nas machanot especialmente, né em que a gente era quase que ensinado a enfrentar riscos e perigos com galiardias dias assim sem se queixar, né? Eu aprendi a enfrentar problemas e dificuldades com perseverança, aprendi a lutar pelas coisas que eu acredito, aprendi um sentido de ética, de postura em grupo, de ouvir o outro de aprender a importância de uma liderança consciente e amorosa, como era o caso dos meus madrichim.*
> *Assim eu tinha críticas na época, mas hoje eu só tenho elogios.*
> *[...]*
> *você acha que o Ichud contribuiu na sua formação acadêmica intelectual Profissional ou talvez na decisão de faculdade profissão ou também na criação dos filhos?*
> *NJ: Acho que em tudo, como eu te disse, né o Ichud é definidor da minha identidade e de várias várias características da minha personalidade. Meu amor pelo estudo e pelo conhecimento em termos de educação dos meus filhos, total também o Ichud me abriu a cabeça, apesar de ser de ter uma orientação política judaica e tal, ele me abriu a cabeça para tudo.*
> *E eu fiz questão de Educar, meus filhos assim também e meus filhos tenham uma educação Judaica eles valorizam muito judaísmo, mas são totalmente abertos e não estudaram na escola judaica, a gente não faz a menor restrição amizades nada disso nem a relacionamento amoroso e mas né? Eles se sentem muito judeus…*
> *[...]*
> *Então acho que contribuiu com tudo na minha vida o Ichud é o lugar é o meu lugar de sonho, de utopia.*

> *Sorte a minha que tanto o ideal quanto a ideologia eram de esquerda socialista, mas eu acho que essa combinação seja para o bem seja para o mal, né? Para um jovem, não tem nada que compita*

Daniel Kupermann, professor de psicologia na Universidade de São Paulo, traz tanto como foi um primeiro contato com a transmissão de conhecimento, como a experiência da autonomia e constituição de subjetividade interna que o *Shnat* proporcionou:

> *E: Tem alguma marca, né? Algum registro do Dror isso tudo.*
>
> *D: Eu acho que sim, porque 1. porque eu fui madrich cedo, mesmo sem um grande preparo, eu fui madrich, consequentemente eu já era, alguém que tinha como tarefa, a transmissão. E aí eu fui levar o Gabeira, entendeu? Que era o que eu sabia que eu achava interessante… você vê né? Inclusive despreparo, não era exatamente algo muito curricular.*
> *2. O fato de ter ido para Israel com 18 anos. Quem me proporcionou isso foi o Dror.E essa viagem foi uma viagem que foi o marco na minha vida, né? Não pelo que eu aprendi no sentido, né vamos dizer assim cognitiva exatamente, né? Mas pelo fato de ter vivido num kibutz, né, visto o que é um kibutz, coisa que hoje eu acho que não tem mais… e ter tido essa essa ideia de uma viagem, né de vamos dizer assim entre aspas de "formação", você trancar a faculdade, né para fazer uma viagem de um ano achando que isso pode ser uma experiência existencial importante relevante.*

Luiz Felipe Pondé, pensador e figura pública, conta dos impactos subjetivos que a atmosfera da *tnuá* propiciava:

> *LF: Olha, sem dúvida nenhuma teve influência na minha na decisão que eu fui amadurecendo de chutar a medicina no quinto ano certo. Tendo acabado o quinto ano e decidi que ia aventurar a filosofia, podia ter dado muito errado. Provavelmente teria voltado para Medicina, né? Seria um psiquiatra hoje que é o que eu estava pensando na época, mas sim, porque a experiência do Dror ela fortaleceu uma certa auto percepção de capacidade intelectual e coragem intelectual, dentro daqueles limites. É claro que a gente tá fazendo a discussão de jovens. Não tô querendo dizer que era uma discussão brilhante, mas a experimentação dos limites e você se contrapor e você sustentar uma posição e você enfrentar digamos assim as inimizades locais são muito poucas inimizades tem dentro da kvutza, mesmo onde há discordâncias políticas ideológicas, elas não se constituíram em inimizades*
>
> *E: Na sua posição de professor,se alguma coisa da Hadrachá fica?*
>
> *LF: Ah sim, sem dúvida. Isso já ficou quando eu ainda estava na faculdade de medicina. Comecei a dar aula de inglês Estava meu filho nascendo no terceiro ano da faculdade no quarto. Sei lá, então eu precisava ganhar dinheiro, né? e uma das formas foi e dar aula de inglês que eu tinha morado nos Estados Unidos, sabia inglês, então fui dar aula de inglês, ali já apareceu a influência, o gosto, principalmente que foi até então né? Hoje eu não dou tanta aula quanto eu dava porque a minha agenda não deixa não tenho mais tempo horário fixo é complicado.*
> *Acho que influenciou muito inclusive o trânsito pelos jovens, saber me comunicar, transitar uma informalidade, uma ideia de que o essencial não é exatamente certas regras que você coloca entre você e o aluno. mas uma*

> *certa forma de conduta que você tem com ele, sabe? E que fez com que eu tenha eu tenha sempre me dado muito bem, minha experiência de professor.*

A pesquisa, portanto, se encerra com a tentativa de demonstrar o Dror como um polo, um núcleo em que o judaísmo e seus valores foram praticados e constituintes. Sendo isso complementar aos outros capítulos, que denunciam a importância ideológica e emocional que o Dror cumpriu na vida de seus participantes, mesmo que esta seja uma causa refletida posteriormente à saída da *tnuá*.

O Habonim Dror é um dos poucos lugares em que o judaísmo pode ser exercido de forma cultural e libertária ainda hoje. É um dos últimos espaços que preserva laços coletivos e íntimos entre jovens de maneira fraterna, sem mediação de autoridades. Ideologias são cultivadas e discutidas e isso torna-se um traço da identidade coletiva dos *chaverim*, interessados e instigados com as *peulot* e disponíveis para um crescimento *tnuati* e interno que desenvolvem-os como sujeitos pensantes e inquietos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Escritos judaicos.** 1a. ed. [*S. l.*]: Amarilys Editora, 2016. 896 p.

AVINERI, Shlomo. Sionismo como revolução. *In*: MILGRAM, Avraham (org.). **Fragmentos de memória.** Rio de Janeiro: Imago, 2010. p 11-21.

BEAUVOIR, Simone de. **A moral da ambiguidade**. Tradução de Ivo Seregni. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo. As Divergências entre Lênin e Trotsky e Seu Contexto Histórico. *In*: DEO, Anderson; MAZZEO, Antonio Carlos; ROIO, Marcos Del. (orgs.). **Lenin:** teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.165-197.

CYMERYNG, Bernardo. As encruzilhadas no caminho. *In:* MILGRAM, Avraham (org.). **Fragmentos de Memória.** Rio de Janeiro: Imago, 2010. p.27-48.

DEUTSCHER, Isaac. **O judeu não-judeu**. Tradução de Reinaldo José Lopes. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

DOLENSKY, David; KATZ, Yael. **Até o último suspiro! Movimentos juvenis sionistas na Shoá.** Tradução de Lilia Waschsmann. Diretores da Exposição Tnuot

Noarna Shoá, Conselho Juvenil Sionista. 2021. Disponível em: https://potnashoa.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Libro_ORIGINAL_PORT.pdf. Acesso em: 28 jul. 2024.

EISENSTADT, Shmuel. **A sociedade israelense**. Tradução de José Roberto de Macedo. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1967
.

FALBEL, Nachman. **Dror, o "Seminário ou Haflagá da Lapa".** Manuscrito preparado para uma coletânea planejada em memória do Dov Tzamir, organizada pelo Dr. Avraham Milgram (Tito). Incluida na Bibliografia do Dror em https://www.zotero.org/groups/dror-br. Disponível em: http://makash.org.il/dror/dt-nf.pdf. 2017, Acesso em: 4 jun. 2024.

FALBEL, Nachman. As encruzilhadas no caminho. *In:* MILGRAM, Avraham (org.). **Fragmentos de Memória.** Rio de Janeiro: Imago, 2010. p.131-158.

FUKS, Betty. **Freud e a judeidade**: a vocação do exílio. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

FUKS, Betty Bernardo. Vozes do exílio: sobre o impossível da identidade. **Revista brasileira de psicanálise**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 32-45, mar. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

GROSSMAN, Haika. **La resistencia clandestina**. Buenos Aires: Editorial Milá, 1990.

LOWY, Michel. **Redenção e utopia:** O judaísmo libertário na Europa Central. São Paulo : Editora Perspectiva S/A, 2020. 344 p.

MANNONI, René. **A crise da adolescência.** Tradução de Maria Tereza Tavares. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1983.

MATHEUS, Thiago Corbisier. **Adolescência**. 3. ed. São Paulo: Artesã Editora, 2020.

MILGRAM, Avraham (org.). **Fragmentos de memória.** Rio de Janeiro: Imago, 2010.

NETO, Antonio Augusto Machado de Campos. Judaísmo: antigo e moderno. Observância majoritária ao direito talmúdico. Direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 114, p. 69–100, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8235.v114p69-100.

OZ, Amós. **Os judeus e as palavras.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 256 p.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

SINGER, Paul. Um momento decisivo na minha vida. *In*: MILGRAM, Avraham (Org.). **Fragmentos de Memória**. Rio de Janeiro: Imago, 2010. p.77-82.

TRACHTENBERG, Ana Rosa. **Transgeracionalidade/ Intergeracionalidade**: holocausto e dores sociais. 1a. ed. São Paulo: Blucher, 2023.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **O anti-semitismo na era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001. 576 p.

GLOSSÁRIO

Aliá	Ida para Israel
Alliot	Idas para Israel
Boguer	Maduro (no caso do movimento, aqueles que voltavam do *Shnat*)
Chanich	Educando
Madrich	Educador
Chaver	Aquele que participa do movimento
Chalutz	Pioneiro
Hadracha	Direcionamento
Iton	Jornal
Machané	Acampamento
Kibutz	Sistema comunitário socialista israelense
Kvutza	Grupo
Tnuá	Movimento Juvenil Judaico
Tnuati	Que se refere ao Movimento Juvenil Judaico
Tnuot	Movimentos Juvenis Judaicos
Peulá	Debate reflexivo
Peulot	Debates reflexivos
Shichvá	Série, camada
Shnat Hachshará	Ano de preparação
Snif	Sede
Sifriá	Biblioteca